



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

YVISSON MARTINS GONÇALVES DE LIMA SABINO

“Rir do absurdo”: ateísmo e humor no Facebook

Recife
2023

YVISSON MARTINS GONÇALVES DE LIMA SABINO

“Rir do absurdo”: ateísmo e humor no Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia. Área de concentração: Antropologia.

Orientador (a): Roberta Bivar Carneiro Campos

Recife

2023

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

S116r Sabino, Yvisson Martins Gonçalves de Lima.
"Rir do absurdo" : ateísmo e humor no Facebook / Yvisson Martins
Gonçalves de Lima Sabino. – 2023.
104 f. : il. ; tab. ; 30 cm.

Orientadora : Roberta Bivar Carneiro Campos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Humor. 3. Ateísmo. 4. Agnosticismo. 5. Religião.
6. Secularismo. I. Campos, Roberta Bivar Carneiro (Orientadora). II.
Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2023-174)

YVISSON MARTINS GONÇALVES DE LIMA SABINO

“Rir do absurdo”: ateísmo e humor no Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia. Área de concentração: Antropologia.

Aprovada em: 27/02/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Roberta Bivar Carneiro Campos (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Prof.^o. Dr. Cleonardo Gil de Barros Maurício Júnior (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Prof.^o. Dr. Raoni Borges Barbosa (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

AGRADECIMENTOS

A pesquisa foi desenvolvida no período da pandemia mundial da COVID-19 que teve seu início declarado no Brasil após a minha primeira aula presencial no PPGA/UFPE em março de 2020. O entusiasmo de assistir às aulas em uma pós-graduação de antropologia foi substituído pela ansiedade e isolamento social. Nestes tempos difíceis, os laços sociais foram fundamentais para fortalecer a esperança de que iríamos sair em breve deste período trágico. E foi através desse apoio dos que acreditei em mim, que o andamento da pesquisa chegou à sua conclusão. Portanto, agradeço especialmente:

Aos meus pais, que me incentivaram desde sempre nos estudos, nunca colocando empecilhos nas minhas decisões da vida – até quando não as compreendiam – e convertendo em carinho e estímulo para as minhas conquistas pessoais.

Roberta Campos, orientadora que me acompanhou desde a graduação, nos meus primeiros passos como pesquisador, em que a combinação do seu acolhimento, pensamento crítico e indagador foi essencial para o desenvolvimento da minha pesquisa. Gostaria de agradecer também Cleonardo Maurício pela disponibilidade e comentários valiosos sobre a pesquisa, ajudando na elaboração e processo da escrita da dissertação durante as reuniões.

Ao Leonardo Gomes, amigo que esteve sempre ao meu lado. Enquanto estávamos nos tempos pandêmicos, foi com ele que dividi as minhas dores, rupturas, alegrias e desabafos, em que nunca houve hesitação da sua parte de me socorrer nos meus piores momentos e sempre o vendo sorrir com as minhas conquistas. O seu carinho incomensurável, confiança, desejo de viver, apoio e cuidado comigo até hoje, foi o que me fez compreender a solidez do afeto em tempos que o frívolo parece ser regra.

Lucas Luiz, amizade construída na pandemia e fortalecida com o passar do tempo. Com ele, dividi os meus anseios de fazer pesquisa de mestrado, da insegurança de tecer cada palavra a respeito do objeto de pesquisa. Nele, pude depositar minha confiança e risadas, que a amizade atravessou os muros acadêmicos e atingiu o patamar da vida.

João Gabriel, que mesmo separado fisicamente pela distância de 154 km, nunca deixou de perguntar sobre meu bem-estar e incentivar meu progresso, desde de âmbito acadêmico ou da vida. Com esse amigo caruaruense, aprendi expressões como “febe do rato” e sobre a amizade não estar pautada no “offline”, mas sim de desejar o outro bem e da possibilidade de estar presente nos momentos da vida.

Lucas Valença, pela sua sinceridade e ternura comigo. As nossas conversas compartilhadas são permeadas de risadas e entusiasmo em escutar o outro, mas que não deixa de lado as nossas inquietações e anseios instaurados da nossa vida. Através dessa amizade, carinho e afeto não são meras palavras jogadas aos ventos, mas algo que sinto a cada conversa dividida entre nós.

Lucas Barreto, pela sua energia que contagia as pessoas a quererem estar perto da sua vibração e sede de viver. Sinto acolhimento, como um abraço toda vez que nos encontramos, presencial ou virtualmente, em que sua preocupação com meu bem-estar é nítida.

Agradeço a disponibilidade dos interlocutores – João Vitor, Gabriel Lima e Lucas Maurício – para entrevista, em que autorizaram a publicação dos nomes e forneceram dados importantes para elaboração da pesquisa e não se intimidaram em demonstrar a subjetividade e opinião sobre a temática. Não obstante, agradeço também a Bruna Yoshida pela autorização de fazer a pesquisa no grupo, em que busquei seguir o seu pedido de manter o anonimato dos demais membros do grupo.

Não poderia deixar de agradecer a Amanda Barros e Joyce Mayra, que estando longes fisicamente – separados inclusive por fronteiras internacionais – o sentimento de carinho atravessa essas barreiras.

Por fim, agradeço a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de PE pela concessão da bolsa, possibilitando a feitura da pesquisa e conclusão dela.

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar como os ateístas e agnósticos empregam o humor como ferramenta pedagógica na formação de suas subjetividades. Com base no movimento do Novo Ateísmo, “rir do absurdo” é uma das estratégias utilizadas pela Associação Brasileira de Agnósticos (ATEA) para revelar as possíveis incongruências nos discursos e práticas religiosas do território brasileiro. Através desse contexto, apresentei os principais argumentos que caracterizam a etnopsicologia ateísta e apontei como é refletida na prática do grupo. Assim, por meio da metodologia qualitativa, demonstrei como as imagens e vídeos compartilhados no Facebook da ATEA apresentam a conduta religiosa como ilusória e irracional, em que não se deve imitar o comportamento considerado como desviante e "absurdo". Desse modo, compreendo que os membros do grupo estabelecem a sabedoria científica como iluminação perante as trevas dos argumentos religiosos. Portanto, a pedagogia através do humor busca construir esta subjetividade entre os membros se revelar o pensamento do secularismo, que coloca a religião como imoral e obstáculo para o progresso das sociedades.

Palavras-chave: humor; ateísmo e agnosticismo; religião; secularismo.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze how atheists and agnostics employ humor as a pedagogical tool in shaping their subjectivities. Based on the New Atheism movement, "laughing at the absurd" is one of the strategies used by the Brazilian Association of Agnostics (ATEA) to expose possible inconsistencies in the religious discourses and practices within the Brazilian territory. Within this context, I presented the main arguments that characterize atheist ethnopsychology and pointed out how it is reflected in the group's practices. Thus, through qualitative methodology, I demonstrated how the images and videos shared on ATEA's Facebook page portray religious behavior as illusory and irrational, discouraging the emulation of what is considered deviant and "absurd" behavior. In this way, I understand that the group members establish scientific knowledge as enlightenment in the face of the darkness of religious arguments. Therefore, pedagogy through humor seeks to construct this subjectivity among members, revealing the perspective of secularism, which portrays religion as immoral and an obstacle to the progress of societies.

Keywords: humor; atheism and agnosticism; religion; secularismo.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 01 – Em defesa da ciência
- Imagem 02 – Em defesa da infância
- Imagem 03 – Em defesa do Estado Laico
- Imagem 04 – Igreja como “balcão de negócios”
- Imagem 05 – Capa da página oficial da ATEA
- Imagem 06 – Celebração do Dia do Orgulho Ateu
- Imagem 07 – Descrição dos dados das cidades, gênero e idade
- Imagem 08 – Capa do grupo privado da ATEA
- Imagem 09 – Sobre a blasfêmia
- Imagem 10 – Os namorados de Jesus
- Imagem 11 – A religião como salvadora de vidas
- Imagem 12 - Comentários da postagem
- Imagem 13 – Bíblia versus artigos científicos
- Imagem 14 – O encontro da pastora Nadir com anjo
- Imagem 16 – Balão ungido
- Imagem 17 – Pastores como ladrões de dinheiro
- Imagem 18 – “Bolsoateu”

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Páginas e grupos ateístas

Tabela 02 - Páginas no TikTok

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------|--|
| APCE | Associação Ateísta do Planalto Central |
| ATEA | Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos |
| BBC | British Broadcasting Corporation |
| CF | Constituição Federal |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| LiHS | Liga Humanista Secular do Brasil |
| LGBTQIAP+ | Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexual, assexual, pansexual e queer |
| OAB | Ordem dos advogados do Brasil |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| UFPE | Universidade Federal de Pernambuco |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | AS CATEGORIAS EM DISCUSSÃO: HUMOR, ATEÍSMO, RELIGIÃO E SECULARISMO | 17 |
| 2.1 | A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DO HUMOR | 17 |
| 2.2 | A IDENTIDADE E MOVIMENTO ATEÍSTA | 22 |
| 2.3 | RELIGIÃO E SECULARISMO | 28 |
| 3 | METODOLOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA | 33 |
| 3.1 | POSTURA E INSERÇÃO NO CAMPO | 42 |
| 3.2 | ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO..... | 42 |
| 3.3 | ESTRUTURA DA ENTREVISTA | 43 |
| 4 | A INFLUÊNCIA DO NOVO ATEÍSMO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO | 45 |
| 4.1 | O QUE TEM DE NOVO NO ATEÍSMO? | 46 |
| 4.2 | O CONTEXTO BRASILEIRO..... | 52 |
| 4.3 | AS RAMIFICAÇÕES DO CONTEÚDO PELAS REDES: CIBERATEÍSMO | 54 |
| 4.4 | EM PROL DO ATEÍSMO: ASSOCIAÇÕES EM DEFESA DA IDENTIDADE | 55 |
| 4.5 | A COMBINAÇÃO DO HUMOR E NOTÍCIA PELA ATEA | 59 |
| 4.6 | O GRUPO PRIVADO NA REDE SOCIAL FACEBOOK | 67 |
| 4.7 | A ETNOPSICOLOGIA ATEÍSTA | 71 |
| 5 | A PRÁTICA DO ATEÍSMO: A MENSAGEM DO SECULARISMO ATRAVÉS DO HUMOR | 75 |
| 5.1 | O EXERCÍCIO DA BLASFÊMIA..... | 77 |
| 5.2 | A PANDEMIA SALVADA PELA CIÊNCIA | 77 |
| 5.3 | O DISCURSO RELIGIOSO COMO SINAL DE LOUCURA | 80 |
| 5.4 | A PEDAGOGIA DO HUMOR..... | 85 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 93 |
| | REFERÊNCIAS | 98 |

Nos portais do escurecer...
 Frente às trevas do pavor...
 Sob a luz do bem querer...
 Glória ao nosso salvador...
 No negror da antiga era...
 Nasce a luz de uma quimera...
 Glória ao nosso redentor...
 Tim Tones glória Tim Tones
 Óasis nos desertos da dor...
 Tim Tones glória Tim Tones
 Bonança nos tempos do amor.

1 INTRODUÇÃO

O palco, iluminado com cores tranquilas, reverbera a música descrita acima, acompanhada por um coral infantil. No decorrer da canção, acompanhada por aplausos de uma plateia vestida de branco, presenciamos o surgimento de uma figura ruiva com óculos escuros e portando uma bengala, preparado para realizar a pregação do dia. Eis que surge para alegria de todos, o pastor Tim Tones¹. A mensagem do dia é sobre a acusação de racismo que o pastor sofreu da grande mídia, em que para provar a sua inocência perante a todos, chama uma criança negra e a toca com as mãos na cabeça dela rapidamente. Logo em seguida, observamos o pastor umedecendo as mãos e depois enxugando-as com um pano fornecido por seus auxiliares no palco. No decorrer do vídeo, vemos a apresentação de coletânea de livros – Dona Benta Ruiva, por exemplo – e da passagem da sacolinha para coleta do dinheiro dos membros que assistiam ao culto. Em outra situação que retratava a arrecadação de dinheiro, o vídeo² demonstrava o pastor declarando que Deus estava decepcionado e queria castigar as pessoas, pois o balanço financeiro da igreja teria caído em comparação aos outros meses. Mas Tim Tones pediu perdão pelos gastos da sociedade que estava animada com a queda da inflação, pois Deus é “como Banco Central, para tudo dá perdão”. A descrição dos vídeos é proveniente dos esquetes de humor do programa de televisão Chico Anysio Show de 1984, do comediante e ateu, Chico Anysio.

Acima nos serve como contexto para compreender que as críticas de tons humorísticos sobre as atuações das religiões na sociedade não é novidade, pois repercussões atuais, como o caso das polêmicas midiáticas relacionadas aos especiais do Porta dos Fundos, inflamaram os debates na sociedade sobre os limites do humor. Desse modo, a minha atenção foi despertada na possível relação e tensão entre humor e religião, pois por me considerar agnóstico, sigo

¹ O conteúdo está disponível através do link: <https://youtu.be/dEwT9qcDhIw>. Acesso em 06/01/2023.

² O link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=a6RGsSFcd_U. Acesso em 06/01/2023.

páginas com conteúdo ateu que tratam da temática e é possível observar a massividade de conteúdos que utilizam a jocosidade para representar as crenças religiosas.

Não há dúvidas sobre o território brasileiro conter múltiplas religiosidades que as pessoas entraram em contato, seja em festas ou na busca individual de uma compreensão existencial. Considero até “surpresa” escutar de alguém se declarar como ateu ou agnóstico em uma sociedade que está enraizada no cristianismo. Pois, parece haver uma inexistência, algo pouco falado e conhecido sobre estes grupos, quase como assunto não tocado. Para os encontrar além dos laços de amigos ou familiares, precisamos adentrar no mundo das redes sociais que através das suas ferramentas de integração e socialização, encontramos grupos ativos de discussões sobre os debates das problemáticas que permeiam as sociedades. Existem diversas páginas e comunidades de caráter público ou privado que os usuários compartilham as questões sobre a vida. Pois, como dito anteriormente, o humor prevalece em boa parte delas. Uma das utilizações relacionadas as piadas estão na propagação dos memes³, que são imagens e vídeos engraçados popularizados em meados da década de 1990. Tratando de diversos tópicos, os memes discutem sobre os comportamentos dos pastores, o papel da religião na sociedade e questões de moralidade. Contudo, o conteúdo de humor destas páginas e grupos online que compartilham estes memes, não param somente na comichão. Isto é, compreendo que existe uma mensagem implícita no conteúdo: a religião como problema social.

Assim sendo, para desenvolvimento da dissertação, escolhi como objeto de estudo a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, conhecida como a ATEA. Ela está localizada virtualmente no seu endereço oficial da internet, <https://www.atea.org.br/>, no qual podemos encontrar informações relevantes sobre sua atuação e importância. A associação existe com o intuito de lutar pela constituição laica do Estado brasileiro, no que rege a Constituição Federal, e garantir os direitos civis dos cidadãos. Desde entrevistas, estatutos, doações e artigos para debates contra os religiosos, o site fornece uma sabedoria ateu que serve como guia da conduta a ser seguida pelos interessados. Porém, o “real” objeto de pesquisa está localizado na rede social do Facebook, o grupo considerado como Fanpage da ATEA, com nome igual e gerida, mas com liberdade e autonomia dos membros administradores. Diferente dos outros grupos, esta é fechada, precisando pedir acesso de autorização para adentrar e acessar as postagens, na qual tive acesso ao andamento da pesquisa. Dado que o grupo era privado, houve cautela durante todo o processo de pesquisa. A anonimização foi implementada para proteger

³ O termo meme foi cunhado pelo cientista Richard Dawkins em 1976 no seu bestseller, *O Gene Egoísta*.

as identidades de seus membros. Além disso, foram realizadas entrevistas com três integrantes, Lucas Mauricio, João Vitor e Gabriel Lima, que consentiram em revelar seus nomes. Essas entrevistas se mostraram úteis para entender o discurso sobre o ateísmo, a subjetividade de seus adeptos e os valores morais por eles mantidos. Os dados coletados durante a pesquisa foram enriquecidos com os conteúdos obtidos nessas entrevistas.

Desse modo, o humor é uma faísca que provoca combustão nas discussões do grupo internamente, em que analisei a subjetividade ateísta em torno das temáticas sobre o papel da religião, passando por questões de comportamento, por exemplo. É quando o interlocutor João Vitor diz ser preciso “rir do absurdo” do pensamento religioso. Afinal, o que os membros da ATEA estão rindo? E podemos pensar em uma pedagogia do humor que está voltada para formação da subjetividade do ateísta e agnóstico? Quais contrastes de moralidade estamos lidando? Foram as perguntas feitas com intuito de tentar elucidar tais interrogações. Assim sendo, a pesquisa foi estruturada como um grande afunilamento das discussões maiores sobre a temática do ateísmo, até chegarmos no cerne da proposta, no objeto de pesquisa, o grupo privado da ATEA e o humor.

No segundo capítulo, trato das categorias humor, ateísmo, religião e secularismo. Cada uma delas apresenta divergências nos seus significados, visto que cada teórico – e áreas científicas – tensionam de múltiplos modos. Ressalto a importância dos estudos do humor, pois como lembrado por Joanna Overing⁴ (2000), existe uma lacuna relacionada a este campo por ser considerado de pouca importância e relevância pelos acadêmicos como uma das chaves para compreendermos as sociedades. Humor, pode ser pensado pela psicanálise freudiana como válvula de escape necessária para a aflição do indivíduo diante de um cenário que está incluso. Rir da queda de alguém, desconhecido ou não, é o modo de alívio para a consequência que não ocorreu desastrosamente. Entretanto, não podemos nos basear apenas nessa teoria – que faz parte das principais discutidas sobre a função do humor –, pois precisamos nos aprofundar e explorar quais contribuições esse elemento pode nos oferecer. Os antropólogos têm um papel interessante na ampliação da discussão que ao analisar sociedades e povos diferentes, demonstram como o humor é uma chave útil para compreender dinâmicas sociais, que aparentam ser superficiais. Do mesmo modo, temos a problemática dos estudos sobre ateísmo (ou não religiosos), na tentativa de definir o que é ser ateu. Veremos que a alcunha diverge em

⁴ A publicação do artigo foi em 2000, na qual a autora ressaltou que os historiadores estavam prestando mais atenção sobre os estudos do humor. Aponto que apesar de pouco avanço teórico, registros etnográficos eram realizados desde os clássicos, como podemos citar os estudos do antropólogo Radcliffe-Brown.

contextos e pontos da história, visto que o conceito de não acreditar em deuses ocasiona problemas, pois afinal, existe ateísmo abraâmico⁵, por exemplo. E se estamos falando de algo que pode ser considerado contra a religião, é preciso tentarmos compreender o que é este fenômeno e sua complexidade. Os estudos existentes sobre ateísmo colocam a par do seu oposto, pois a eliminação dessa complementaridade, a categoria ateuista seria inutilizada (Ver TESTA, 2020).

No terceiro capítulo, contextualizo a época da pandemia da COVID-19, ocorrida entre 2020 e 2022, marcada por diversas ondas que tiveram impacto significativo tanto na população brasileira quanto na mundial. Na pesquisa, foi necessário adaptar o método antropológico para o ambiente online, no qual reflito sobre a compreensão que o grupo da ATEA está situado nessa virtualidade. As compreensões do “On” e “Offline” não podem ser consideradas como barreiras para explorar esse universo, mas como fronteiras, em que na atualidade as pessoas estão vivendo rodeadas pela tecnologia. Além disso, coloco a minha subjetividade e como a pandemia afetou o “fazer” da dissertação, bem como sobre o ponto de ser agnóstico, em uma família religiosa. Senti a necessidade de trabalhar esse tópico como uma lembrança de fazer antropológico circundado pela tragédia e como isso impactou a saúde mental das pessoas. Não obstante, situo que o universo do discurso ateu é conhecido por mim, em que o processo de estranhar o objeto foi necessário para o andamento da pesquisa.

O primeiro capítulo foi dedicado à exploração dos conceitos e quais decisões foram tomadas a partir disso e apresentando o ateísmo no contexto internacional. No quarto capítulo, busco desenvolver o pensamento do Novo Ateísmo ou Neoteísmo, e concatenar com o contexto brasileiro. No cenário internacional, pesquisadores apontam que o movimento surgiu na época da guerra ao terror construída pelos Estados Unidos e do combate ao extremismo religioso que provocaram a queda das famosas torres do World Trade Center. Absurdo e imoral, são as palavras que os quatro cavaleiros do ateísmo – Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens – denunciam e colocam a religião como problema público. Considero que a figura de Richard Dawkins como sintetizadora da etnopsicologia ateuista, calcada no pensamento iluminista da superação do passado mítico que a religião continua supostamente ancorada. Interessante também notar, como o movimento é gerido por figuras de autoridades científicas e masculinas que reflete em uma aparente falta de aderência das mulheres, apesar da voz proeminente da Ayaan Hirsi Ali (Anja Finger, 2017). Trazendo para o

⁵ Essa forma de ateísmo envolve a rejeição de certas crenças ou práticas religiosas, mas mantendo uma conexão cultural ou ética com as tradições das religiões abraâmicas.

Brasil, não podemos enquadrar como única a referência internacional do neoateísmo, pois não é um movimento uniforme, mas que é notável as referências dialogarem com ateísmo brasileiro (Ver Rafael Quintanilha, 2018; Sabrina Testa, 2020; Rogério Fernandes da Silva, 2021). A partir disso, descrevo mais sobre as organizações existentes de ateísmo, lembrando que elas não são as únicas, e sua correlação com a ATEA. Por meio disso, vemos como a mídia e ciberateísmo são elementos fortes para propagação da mensagem da defesa do Estado laico.

No quinto capítulo, trago para análise o humor contido nos vídeos e imagens engraçadas para os membros do grupo, em que tento responder às perguntas colocadas aqui na introdução. Partindo do geral para específico, mostra-se necessário, visto que os temas tratados são diversos: o que é ser ateu, religião como mal da sociedade e ciência como objetivo para progresso da sociedade. Tais temas são tópicos do neoateísmo que aparecem nas diversas literaturas existentes e pelo posicionamento dos quatro cavaleiros do ateísmo. É neste capítulo que vemos como o humor é uma importante pedagogia para passar as condutas aceitas do movimento. Logo em seguida do capítulo, vem as considerações finais, para fechar o pensamento sobre a subjetividade do ateísmo.

Fazer uma pesquisa em que o humor é gatilho para análise e escrever em tons irônicos foi algo tentador, mas no decorrer dela, percebi que era um péssimo humorista. Contar piadas não é algo fácil, e talvez, as que escolhi para exemplificar as teorias tenham sido péssimas. Digo mais: explicar o porquê da graça delas, automaticamente aniquila toda a comicidade. O antropólogo Mahadev Apte (1985) alerta para a lacuna das pesquisas do humor pelo humor, sem dividir o protagonismo com ninguém. Não é o que ocorre aqui, pois trabalho o humor em conjunto com os temas do ateísmo, religião e secularismo. Posto isso, o resumo da pesquisa poderá ser feito através da seguinte pergunta que me inquietou na formulação do problema: como as imagens e vídeos de humor – aparentemente inofensivos – são expressas pelo grupo da ATEA, nos tópicos sobre moralidade e compreensão do que é religião, bem como a construção da subjetividade do grupo?

2 AS CATEGORIAS EM DISCUSSÃO: HUMOR, ATEÍSMO, RELIGIÃO E SECULARISMO

O presente capítulo busca examinar, bem como apontar, quais os sentidos utilizados para articular as categorias do humor, ateísmo e secularismo na pesquisa que desenvolvi sobre a representação dos religiosos pelo movimento ateu e agnóstico no Facebook. É possível perceber as constantes imagens e vídeos – os denominados memes⁶ – publicados na plataforma com teor irônico e de escárnio ao retratar as práticas religiosas como inferiores e consideradas atraso do progresso para sociedade. Sendo assim, é necessário estabelecer um debate sobre as categorias supracitadas devido ao seu caráter extenso de significados e não findável, de modo que estabelecer qual aporte teórico está sendo manuseado para tentativa de elucidar o humor e subjetividade ateu. Portanto, pretendo através deste capítulo fazer uma “limpeza”, apontar as múltiplas definições do que seria humor, ateísmo, religião e secularismo, bem como seus impasses e conflitos.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DO HUMOR

Durante o curso de nossas vidas, encontramos vários tipos de piadas que se relacionam com nossas experiências cotidianas e temáticas diversas como as relações de parentesco, posições de poder, cargos profissionais e dentre outras. Contadas e repassadas por meio de gerações, elas atravessaram a oralidade e atingiram as mídias, fazendo a transição de algo nichado para popular e de fácil acesso. Aquele que não aprecia uma piada considerada boa, é taxado como “mal-humorado”, de que não está de “bem com a vida”, posicionando a pessoa ou grupo no negativo, pois não se pode levar a sério uma situação jocosa e descontração. E, assim sendo, não podemos deixar de lembrar que haverá aqueles que ao serem questionados sobre humor, logo irão associar ao ato de rir de uma situação. Isto é, riso e humor tornam-se categorias intercambiáveis, de difícil desassociação, enganchando na mente e ressoando no corpo. Desse modo, o empecilho de tratarmos sobre esta categoria torna-se evidente: o problema de delimitar a definição do que é humor. E assim como a categoria “Cultura” (Ver SAHLINS, 2004; Adam KUPER, 2002), que possui um debate intenso nas produções acadêmicas (Ver ABU-LUGHOD, 2018; BRUMANN, 1999), tentar traçar, expandir ou contrair a definição do elemento, escapa da realidade, sendo confrontadas pelas múltiplas compreensões dos povos e sociedades, assim como a busca das ciências naturais em dar a palavra final sobre o assunto.

⁶ Termo utilizado pela primeira vez pelo naturalista Richard Dawkins em relação aos estudos da genética.

Não pretendo trazer a historicidade e usos do humor ao longo da trajetória da humanidade, visto que o historiador George Minois escreveu uma obra monumental sobre o assunto – em uma perspectiva “Ocidental” – e, por isso, trato dos dados mais diretos a minha proposta, o qual é o da dissertação. Utilizando como apoio a linha do tempo clássica, George Minois passeia pelos períodos mostrando como a figura de Aristófanes perturbou a ordem política grega através do escárnio nas peças teatrais; do riso como aquilo mais poluído que pode sair da boca pelos filósofos cristãos medievais (ver também OVERING, 2000); e a contestação das autoridades públicas pelo riso carnavalesco (Ver BAKHTIN, 2008). Múltiplos exemplos são citados e detalhados na obra francesa, mas o que pretendo chamar atenção é a contextualidade. O humor localizado no Reino Unido, no senso comum, é considerado de difícil acesso pela sua peculiaridade e que nos provoca estranheza. Nem todos possuem as referências, ou melhor, o molho de chaves necessários para destrancar a lógica da compreensão deste particular humor. Pois, a dificuldade é evidente: o humor está atrelado não somente a periodização histórica, de não compreendermos a piada contada pelos japoneses em um período distante, mas também pelo contexto geográfico e cultural do indivíduo que está inserido na sociedade.

Os estudos do humor colocam a humanidade como a única capaz de rir de si mesma e de caráter universal, podendo ser encontrada em todas as sociedades. Com o sociólogo Peter Berger não é diferente. Em *O Riso Redentor*, a comicidade e suas ramificações são exploradas pelo autor, e, que a suposta visão da frivolidade pertencente à esfera do humor deverá ser superada. Sendo assim, afirma:

O cômico, por causa de sua natureza evasiva, só pode ser abordado tanto de maneira circunspecta quanto indireta. Deve-se ter muito, muito cuidado, ou a coisa se quebrará diante de seus olhos. Não se pode atacá-lo diretamente, deve-se contorná-lo, girar e girar, repetidamente. Talvez então não seja amedrontado. Talvez então fique parado por tempo suficiente para produzir um vislumbre um pouco melhor do que pode ser por trás de seus muitos disfarces. Isso eu posso dizer com grande segurança: nenhuma certeza emergirá desta exploração em particular. (BERGER, 1997, p. 15, tradução minha)

Seguindo o pensamento do autor, o cômico pode desafiar hierarquias ou revelar cenários escondidos, invadindo a realidade social e estando presente na trivialidade do dia a dia. Tomando como base da fenomenologia de Alfred Schütz, Berger (1997) entrelaça o conceito de “província finita de significados” com o cômico, de um acesso de realidade alternativa, própria de interpretação, que o habitual é suspenso em detrimento do inusitado. O autor exemplifica que inserir a expressão “agora é sério” logo após a anedota, o indivíduo que escuta, recebe um estalo para voltar sua realidade, despertando do mundo com regras opostas às nossas.

Em relação ao sorriso e à gargalhada, que são ações puramente fisiológicas, podem ou não ser desencadeadas pela vivência de algo humorístico. Isso porque, por exemplo, podemos rir descontroladamente quando fazemos cócegas sem nenhum humor envolvido. Posto essa discussão, é necessário também destacar as teorias do humor amplamente referenciada pelos pesquisadores, que são: a teoria da superioridade, a teoria do alívio e a teoria da incongruência.

Consideremos este cenário: dois homens conversam sobre a imprevisibilidade do cotidiano em um bar. Quando um terceiro homem passa, um deles sussurra para o outro: "Acho que esta Coca-Cola é Fanta". Tal declaração, popular em meu estado, pretende fazer um comentário depreciativo para aqueles que não se enquadram nos atributos da virilidade e vigor estabelecidos pela sociedade. A superioridade, em conjunto com a homofobia, jaz na frase como algo naturalizado, passível de jocosidade. Para este tipo de piada, é considerado ridículo desviar da norma social estabelecida para o que deve ser considerado como masculino. O exemplo, ilustra a teoria da superioridade, atribuída ao filósofo político Thomas Hobbes, e do contexto de rivalidades das cortes europeias, que uma piada afiada poderia derrubar a moral do seu oponente político perante a assembleia (Ver BERGER 1997; SALIBA 2017; EAGLETON 2020). Assim sendo, passemos para outra situação: a pessoa, apressada pela rotina social, caminha a passos rápidos em direção ao seu trabalho, quando escorrega no piso molhado da rua, e cai numa caçamba de lixo, se sujando da cabeça aos pés. Os olhares dos que testemunharam o desastre, estão acompanhados de risadas. O cenário pintado nos serve para compreendermos a teoria do alívio – atribuída ao psicanalista Sigmund Freud - em ação: da tensão gerada ocasionada pelo escorregamento, uma descarga pulsional é liberada como alívio (BERGER 1997; SALIBA 2017; EAGLETON 2020). Contudo, chamo atenção que se a queda desenvolvesse para algo trágico, o riso, para alguns, seria cessado na constatação do infortúnio. Penso que a moralidade se impõe sobre aquilo que deve ser levado a sério, não jocoso. E por fim, a teoria da incongruência, a mais aceita entre os pesquisadores do assunto. Esta não possui um filósofo para chamar de “pai” e traçar uma gênese na história, apesar de alguns pesquisadores atribuírem ao Arthur Schopenhauer como um possível nome. Assim como as outras, exemplifico: a moça pede para que seu pato lata, assim como o som conhecido nos cachorros, e fica surpresa ao escutar seu animal de estimação miando como um gato. O absurdo, o inesperado contido na piada que eclodiu o riso através dos acontecimentos incongruentes, faz com que as pessoas sejam surpreendidas pela falta de coerência (BERGER 1997; SALIBA 2017; EAGLETON 2020). Penso que as teorias explicitadas nos auxiliam como guarda-chuvas (ver SALIBA, 2017), delimitando e organizando em caixas a serem consultadas. Não as

adotarei como tábuas de salvação, com o risco de cristalizar o humor ateu observado por mim, e enquadrando em categorias. Elas devem ser emaranhadas, sem o intuito de congelar, mas de puxar um possível fio escondido que nos leve para possíveis significados e tensões.

Na antropologia, os estudos da época clássica tinham religião e parentesco como pilares fundamentais para entender os povos e sociedades, enquanto as pesquisas sobre o humor foram pouco analisadas pelos pesquisadores e tido de pouca importância (Ver Joanna Overing, 2000). A predominância e a suspeita de que este fenômeno poderia nos dizer algo, estava concentrada nos estudos etnológicos, em que podemos ver as tentativas das investigações de Alfred Radcliffe-Brown ou mais contemporâneo, Pierre Clastres. Diante disso, trago alguns exemplos de pesquisa para apreendermos o que a antropologia pode fazer pelo humor e que servirá como aporte teórico para análise da pesquisa.

Os estudos da antropóloga americana Joanna Overing com o povo indígena *wöthüha* (Piaroa) sobre o lúdico, em formato de brincadeiras bem-humoradas, nos suscitam algumas reflexões que podem ser colocadas para nossa sociedade. Com seu pensamento afiado, Overing (2000) argumenta como o lúdico – encontrado constantemente nos registros visuais dos povos indígenas – está presente no cotidiano, podendo ser encontrado na caça, agricultura e outras atividades sociais. A figura do líder é um mestre do riso e responsável para recitar as histórias que retratam a cosmologia e fonte de origem daquilo que pode ser considerado aceitável e inaceitável pelo povo indígena. Explorando os contos situados no âmbito da “risada ruim” – sendo considerado perigoso e provocador de distúrbios sociais – e da “boa risada” – vital para o bem-estar da comunidade, Overing (2000) argumenta que as expressões do humor encontradas nos contos, demonstram a moralidade que deve ser seguida, do correto e incorreto, daquilo que pode ser praticado ou não. Sendo assim, a “boa risada” é como se fosse uma cola que liga e estabelece uma união, em que “(...) é essencial para a saúde da Comunidade” (OVERING, 2000, p. 76, tradução minha).

Analisando também as emoções como amor e modéstia nos poemas da linguagem Candoshi-Shapra, o antropólogo Alexandre Surrallés faz a pergunta central e título do seu artigo, “por que o humor faz rir?”. Através disso, ele busca compreender a relação entre humor e amor pelas mulheres indígenas a partir dos rituais do povo Jíbaro, em que destaca a importância do contexto cultural:

¿Por qué el humor hace reír? El caso etnográfico precedente indica dos aspectos. En primer lugar, y casi no hace falta señalarlo, el humor hace reír si se conoce el contexto cultural donde este humor se produce. Que nos digan que tal persona tiene cara de sapo, por ejemplo, nos hace reír porque, como casi en todo el mundo, conocemos el

aspecto de este anfibio. Pero si nos dicen que tal persona tiene brazos de maquisapa y no conocemos la anatomía de este primate difícilmente entenderemos el «sentido del humor» de esta comparación. Por otro lado, y esto es menos evidente que lo anterior, lo que hace reír del humor no es a menudo otra cosa que constatar la posibilidad que tiene sólo el humor para decir lo que sería indecible de otra manera. En el caso analizado, aquello indecible, expresado con la imagen del brazo del maquisapa, es la propia filosofía social que vincula entre sí a los parientes y aliados en un flujo de afectos, sin el cual la selva se cerniría inexorablemente sobre ellos. (SURRELLÉS, 2003, p. 99-100)

O trecho acima é importante para destacar dois pontos necessários para entender o motivo do riso: 1) precisamos do contexto para compreendermos o cenário que a piada é feita; 2) Não existiria outro modo de transmitir a mensagem contida no humor (SURRELLES, 2003). Na minha pesquisa, ressalto que os memes e piadas de cunho ateístas, tanto em textos ou vídeos, estão inseridas no contexto brasileiro e com viés de contestar a religião cristã. Dependendo do teor humorístico, a piada só poderá ser entendida por alguém de fora do país na sua generalidade, mas não pela sua especificidade. E não podemos cair no erro de pressupor que jocosidades relacionadas “aos pastores sejam ladrões”, por exemplo, seja compreendida de imediato por grupos que não vivam a realidade do cristianismo e suas críticas. Sendo assim, o que a piada poderá nos oferecer como reflexão?

Ao falarmos de humor no formato de piadas, não posso deixar de citar o trabalho clássico de Mary Douglas sobre o assunto que está publicado no seu livro, *Implicit Meanings: selected essays in anthropology*⁷. Trazendo a discussão à tona, a antropóloga não se intimida ao afirmar que as ideias de Sigmund Freud relacionadas à teoria do alívio é a que mais lhe atrai, diferindo do posicionamento adotado por Henri Bergson, colocado como mecanicista. A autora compreende que o ponto em comum entre ambos, é de a informalidade exercer um papel de ataque à formalidade, no qual “(...) a piada é vista como um ataque ao controle⁸” (DOUGLAS, 1968, p.364, tradução minha). No decorrer do ensaio, a autora argumenta que piada pode ser compreendida como uma “brincadeira das formas⁹” (DOUGLAS, 1968, p. 365), em que a estrutura principal da sociedade está cercada pela penumbra, em que com o ataque que a piada propõe, é jogado luz nas sombras, revelando o que estava oculto (DOUGLAS, 1968). Além disso, é um antirrito, pois ela desestabiliza, descontrola, desorganiza a conjuntura, concedendo ao piadista uma posição mágica de intocável, que revela os males opressores existentes nas

⁷ O ensaio foi publicado originalmente pela revista científica britânica *Man* da Royal Anthropology, em 1968, com o título *The social control of cognition: Some factors in joke perception*. Como curiosidade, a versão em ebook afirma que o lançamento inicial foi em 1970 pela mesma revista, contudo, ao consultarmos a referência, se trata de outro artigo dela, intitulado de *The Healing Rite*.

⁸ No original: “(...) is the joke seen as an attack on control”

⁹ Idem: “A joke is a play upon form”

sociedades e povos, libertando o escondido (DOUGLAS, 1968). Mas não nos enganemos: nem tudo pode ser classificado como humor, pois a aceitabilidade de uma determinada forma de humor depende de seu contexto social. Quando esse contexto não é respeitado, o que antes era considerado humor pode facilmente se tornar uma ofensa (DOUGLAS, 1968). Daqui, temos uma importante chave que guiará a pesquisa: a piada não é vazia de moralidade, com uma suposta neutralidade. Ela está dizendo algo para geral ou públicos específicos, em que a aceitação e reconhecimento é social. Para ocorrer tal permissividade da piada ocorrer, a autora afirma:

My hypothesis is that a joke is seen and allowed when it offers a symbolic pattern of a social pattern occurring at the same time. As I see it, all jokes are expressive of the social situations in which they occur. The one social condition necessary for a joke to be enjoyed is that the social group in which it is received should develop the formal characteristics of a 'told' joke: that is, a dominant pattern of relations is challenged by another. If there is no joke in the social structure, no other joking can appear. (DOUGLAS, 1968, p. 152)

Sendo assim, devemos estar atentos ao seguinte ponto: os indivíduos precisam estar inseridos ou conhecer o contexto para compreensão do humor. Como pesquisador e agnóstico, o problema torna-se diferente: como estranhar a piada que me é tão comum? O segundo ponto, relativo a uma sucessão de questionamentos que podem servir como guia para o campo, escolho duas: qual o objetivo do humor e mais especificamente, o ateu? E quais fontes – pessoas, objetos, etc. – são consideradas como fonte de humor e os que a estimulam seu desenvolvimento? Desse modo, a disciplina e prática do humor constatados por Joanna Overing, que expressam uma moralidade para ser seguida, bem como a análise da ordem social por Mary Douglas, são pontos fundamentais de base para a pesquisa desenvolvida. Outro ponto que precisa ser ressaltado: além da questão do contexto, a construção da subjetividade dos ateístas é o principal foco. Isto é, através da ironia, do deboche contidos nas imagens e vídeos, podemos analisar a moralidade implícita no conteúdo, que apresenta a religião como algo absurdo e ilógico, em detrimento da racionalidade e estabelecimento da verdade por meio do saber científico.

2.2 A IDENTIDADE E MOVIMENTO ATEÍSTA

Se os estudos de humor são escassos, os estudos sobre ateísmo também sofrem do mesmo problema, com poucos olhares sobre as práticas, posicionamentos e as controvérsias sobre o que é ser ateu nas sociedades. No Brasil, tivemos algumas pesquisas realizadas para compreender o movimento e suas articulações no nosso território, em que cito algumas delas: a dissertação de Rafael Quintanilha e tese de Sabrina Testa, ambos antropólogos que também estudaram a atuação da ATEA; Leonardo Moreira, que analisou o desencantamento do mundo;

e a tese de Rogério Fernando da Silva sobre a divulgação do conteúdo na plataforma de vídeos do YouTube. Através dessas pesquisas, consegui compreender mais como o ateísmo é colocado como discussão nos grupos online. Mas antes de adentrar nas especificidades da minha pesquisa, faço uma breve revisão histórica – na perspectiva ocidental – da importância do ateísmo, da dificuldade de estabelecer o que é este fenômeno, bem como o campo ser pouco explorado pelas ciências humanas.

Uma das primeiras inquietações que surgem ao pensar sobre esses grupos é a possibilidade de traçar uma história do seu surgimento. Ora, os filósofos gregos podem ser considerados ateus? O historiador francês George Minois (2014) afirma que Teodoro¹⁰ questionava as divindades na antiga cidade de Atenas, enquanto as pessoas estavam se prostrando aos deuses e atribuindo o seu destino a eles. Com Platão, o ateísmo recebe a carga pejorativa de imoralidade, associando o pensamento à vulgaridade e atitudes anticívicas, algo que perdura até os dias atuais (MINOIS, 2014). Desse modo, o autor aponta que o movimento ateu possui raízes fincadas mais antigas do que o próprio cristianismo (MINOIS, 2014). E por mais que o poderio católico estivesse ramificado na vida social dos feudos e reinos, durante o período da Idade Média, os questionamentos não eram cessados, como também estavam emaranhados na junção da fé e ciência. O argumento escolástico – união entre Aristóteles e cristianismo – colocava a razão sendo capaz de alcançar o sagrado e confirmar a existência do Deus cristão (MINOIS, 2014). A razão – elemento considerado essencial para ciência – andava lado a lado com religião, sendo aliada para argumentações que o clero colocava como verdade para os povos. Não obstante, podemos ver esse embate repetido de outros modos, em tempos que a autoridade religiosa e dos reinados não eram poderosos suficientes, de mudanças nos valores sociais, com a busca e entrave da razão religiosa e científica (MINOIS, 2014) nas faculdades e templos do século XVIII e posterior. Segundo Stephen LeDrew (2015), baseando-se na argumentação realizada pelo teólogo Michael J. Buckley, o ateísmo moderno não foi fruto de uma luta intensa entre ciência e religião, como algo que surgiu para enfrentar os argumentos religiosos. Mas sim, de um movimento de cisão interna da própria teologia, que materializou Deus e colocando como possibilidade de objeto de estudo. E isto, podemos constatar na contemporaneidade, visto que para se firmar no espaço público, aciona vocabulários pertencentes a minorias religiosas, algo que trato mais especificamente no capítulo 4 e 5. Como afirma o autor:

¹⁰ Considerado tão descrente que ganhou o apelido de “O Ateu”, segundo George Minois (2014).

(...) Gavin Hyman endorses Buckley's theory, suggesting that in early modernity a modern concept of God arose that did away with transcendence as his essential property, instead offering a conception of God as a "thing" in the world of definite substance and location.⁶ When theologians determined that God was a material thing that exists within nature, God by definition became an object of scientific inquiry, according to both science and orthodox theology. Scientists, meanwhile, thought it natural to ground apologetic arguments through empirical evidence, and were encouraged to do so by theologians and clerics alike. (LEDREW, 2015, p. 15)

Portanto, o "mito do conflito" – da batalha entre ciência e religião – se desfaz nessa argumentação, possibilitando interpretar o surgimento do ateísmo moderno como fruto de dissenso, de uma negativa interna da própria teologia, que abriu a passagem para interrogar a fé pela materialidade (LEDREW, 2015). O barão d'Holbach – um dos personagens famosos do iluminismo francês – alegava que ateísmo era uma emancipação da Igreja, da sua tirania, corrupção e compreensão de verdade, na qual estabelecia uma ruptura em direção ao pensamento epistemológico, político e moral-subjetivo da iluminação científica (LEDREW, 2015). Com os estudos de Augusto Comte – considerado pai da sociologia – e sua perspectiva positivista, temos os três estágios – magia, religião e ciência – que influenciaram os cientistas da época, até a nossa atualidade, de que a crença poderá desaparecer após os avanços científicos (LEDREW, 2015). Um mundo secularizado, desencantado e com forte predominância do cientificismo. Isto é, através desta breve historicização do ateísmo, podemos verificar o surgimento de algumas chaves: moralidade e combate ferrenhos à religião. Como afirma George Minois (2014, p. 6):

Se durante muito tempo a vontade de eliminar o ateísmo prevaleceu, é porque a ausência de fé era supostamente capaz de acarretar uma diferença de comportamento individual e social. O homem sem Deus, até a época de Bayle, e mesmo depois, é um homem sem moral, portanto um perigo a sociedade. A história do ateísmo é também a dos que lutam por uma moral puramente humana.

A história do ateísmo não pode ser dada como universal, sendo encontrada nos moldes padronizados de cada parte geográfica do mundo (BLANES e OUSTINOVA-STJEPANOVIC, 2017). Ora, questionar divindades não o faz ser considerado como ateu, pois os estudos teológicos buscam compreender a divindade e seus feitos na humanidade. Ateísmo pode ser expressado através dos seus propósitos, no qual podemos bater na complexidade da identificação. Uma piada recorrente no movimento é de que o religioso será ateu nas outras multiplicidades expressivas que diferem da sua própria religião. Portanto, a identidade ateuista e outras – agnósticos, por exemplo – é contextual, e implica um embaraço metodológico na sua abordagem (BLANES e OUSTINOVA-STJEPANOVIC, 2017).

Stephen Ledrew (2015) classifica o ateísmo em duas categorias, cada uma impulsionada por motivações políticas distintas. A primeira categoria, o ateísmo científico, vê a ciência como

o caminho para a compreensão do mundo, enquanto a religião é vista como uma relíquia do passado, um mito e uma superstição usada para explicar os eventos naturais. Esse tipo de ateísmo é caracterizado por uma combinação de racionalidade e empirismo e se baseia no método científico para dissipar as trevas criadas pela religião. Como afirma Stephen Ledrew (2015, p. 32, tradução minha): “(...) O ateísmo científico, portanto, enfatiza um elemento importante da crítica iluminista da religião, a crítica cognitiva, que situa a religião como o oposto binário da ciência e uma contradição da razão.” O diferencial do modelo desse ateísmo é o posicionamento acerca da evolução biológica e a religião como um estorvo no caminho para o progresso da sociedade (LEDREW, 2015). Desse modo, às ciências da natureza torna-se pilar para a fomentação dos debates acerca das políticas públicas e dos aspectos cognitivos da humanidade, que veremos mais adiante quando tratarmos sobre Novo Ateísmo, no capítulo 4. Em contraste, o ateísmo humanista prioriza tratar as questões sociais como seu objetivo principal. Conforme apontado por Stephen Ledrew (2015), nesta perspectiva, a função da religião é proporcionar conforto diante da dor e do sofrimento. No entanto, essa função se tornaria dispensável caso as questões sociais fossem resolvidas por meio das ações do Estado. Esse tipo de ateísmo é exemplificado nas obras de Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, apelidados de "Mestres da Suspeita" pelo filósofo Paul Ricoeur. A famosa declaração de Nietzsche – "Deus está morto" – reflete essa mudança em direção a uma sociedade que cada vez mais abraça a ciência e o ceticismo. Nietzsche baseia-se nas ideias de Ludwig Feuerbach e argumenta que Deus é apenas um reflexo da humanidade, e que ela só pode verdadeiramente dominar a si mesma quando se liberta das restrições opressivas e ilusórias da religião (LEDREW, 2015). Karl Marx é famoso por sua afirmação de que a religião “é o ópio do povo”¹¹, sugerindo que serve como um sedativo para a dor. Marx criticou a opressão da classe burguesa, que permitia a exploração do proletariado, e sustentou que a religião serve como uma ideologia, perpetuada por quem está no poder para manter seu controle. Assim feito Karl Marx, o Sigmund Freud via a religião como uma ilusão criada pela humanidade para lidar com ansiedades e medos. Ele observava as crenças religiosas como acordos usados para apaziguar as forças da natureza representadas pela ideia de Deus, figura de autoridade externa e paterna. Sendo assim, os "Mestres da Suspeita" acreditavam que uma sociedade problemática se volta para a religião em busca de apoio, impedindo o progresso nos aspectos sociais e psicológicos.

¹¹ A frase pode ser encontrada no manuscrito de 1843 de Karl Marx, intitulado de Crítica da Filosofia do Direito de Hegel.

Para finalizar esse tópico, gostaria de trazer um empecilho sobre estudos do ateísmo e suas múltiplas formas, como também da lacuna teórica sobre essa temática.

Uma rápida consulta ao dicionário para verificarmos o significado de ateísmo¹², nos deparamos com a seguinte definição: “doutrina que nega categoricamente a existência de Deus ou de qualquer outra divindade”. Se puxarmos do agnosticismo¹³, temos: “atitude filosófica e religiosa daqueles que afirmam que ideias metafísicas, como a existência de Deus e a imortalidade da alma, não podem ser provadas nem negadas (...)”. Contudo, as definições expostas apresentam reducionismo, uma objetividade com viés de esclarecimento rápido, que não abarca a complexidade do fenômeno. Ora, as pessoas que não se interessam pela religião, como elas deveriam ser denominadas? No dicionário de sociologia da religião publicado pela Oxford, o sociólogo William Sims Bainbridge (2009) complexifica a categoria e explicita os empecilhos. Segundo o autor, podemos pensar o ateísmo como sendo explícito – de cunho consciente a negação da existência de deuses – e implícito – indivíduo não possui crença. E quando acionado a categoria do agnóstico, o autor separa de dois modos: aqueles que dizem não saber da existência, como um pêndulo para “sim” e “não”, como se fosse uma postura indecisa, bem como daqueles que sustentam ser “impossível” de conhecer os deuses. No caso do censo dos EUA, o sociólogo Glenn Vernon (1968) alega que desde 1957, a categoria “*no religion*” é utilizada para se referir aos indivíduos que não pertenciam a uma igreja. Desse modo, há uma dificuldade de traçar os perfis das pessoas e de compreender como se identificam, bem como das suas reivindicações de políticas públicas, visto que estão debaixo de um “guarda-chuva” que os tornam iguais. Por meio do levantamento estatístico e da inferência dos dados quantitativos das entrevistas realizadas, Glenn Vernon (1968) conclui que a categoria “*no religion*” é negligenciada, e baseando-se nos autores Lipman e Vorspan, podemos considerar os indivíduos que estão enquadrados nela, como cidadãos de segunda classe.

O livro do sociólogo Colin Campbell, *Toward a Sociology of Irreligion*, foi um expoente para os estudos dos irreligiosos e um chamado para suprir essa lacuna de pesquisas. Soa estranho pensar que as ciências sociais não se debruçaram pelo fenômeno da irreligiosidade dado os movimentos sociais irrompidos nos séculos XIX, por exemplo, promovendo debates sobre secularização, ciência e política (CAMPBELL, 1979). Segundo o autor, podemos fazer as seguintes implicações: a formação da sociologia e dos estudos da religião. A sociologia,

¹² Definição através do dicionário eletrônico Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=0aEX>. Acesso em: 15/01/2023.

¹³ Idem. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/agnosticismo>. Acesso em: 15/01/2023

como bem sabemos, teve sua gênese no período industrial e com fervor positivista na sua episteme. Vimos anteriormente que Augusto Comte formulou a teoria dos três estágios que desembocava com o fim da religião no seu final, e que com os posteriores sociólogos na época da descrença mais forte. Outro fator que contribuiu para a ausência dos estudos sobre os irreligiosos advém dos estudos funcionalistas da religião pelos cientistas sociais da época. Nessa perspectiva era adotado o posicionamento do fenômeno – por meio das crenças e rituais – como asseguradoras do bem das sociedades, sendo “positivas” e universal (CAMPBELL, 1979, p. 10). O autor também aponta sobre a dificuldade da coleta de dados que as categorias como “não religiosos”, “ateístas” ou “agnósticos” não eram suficientes e amostras consideradas irrelevantes. Portanto, é notável que uma das dificuldades de tratar do assunto é pela escassez do material, diferentemente dos estudos da religião que existe um corpo sólido, com variados caminhos para prosseguir e interrogar (CAMPBELL, 1979). E, assim como religião, as categorias possuem armadilhas na sua sensível etimologia, dada pela sua falta de congruência interna. Ciente desses empecilhos, o autor afirma:

We are therefore bound to conclude that irreligion cannot be defined substantively in terms of identifiable beliefs and practices but only as a general form of response to religion, the content of the irreligious response itself varying as the content of religion varies. (...) Hostility and indifference may themselves take many forms or appear in various guises and contexts; they may spring from different sources and be directed at any one of the many elements which comprise religion. The irreligious response may be latent, manifest or covert, organised or unorganised, a minority or majority tradition in relation to the structure of religious orthodoxy. (Colin Campbell, 1979, p. 21)

Através do excerto acima podemos perceber que o sociólogo reflete a irreligiosidade não contrastando como uma falta de crença, mas como uma resposta contundente às ações religiosas. Passando da década de 70 – do lançamento de *Toward a Sociology of Irreligion* – para a atualidade, os estudos ainda são escassos. Porém, uma faísca parece estar surgindo e capaz de acender as chamas necessárias para combustão das pesquisas sobre o tema. Como afirma o teólogo Stephen Bullivant (2020), os estudos sobre os irreligiosos ganham uma nova alcunha: não religiosos. Publicado em 2020, o artigo do autor aponta como os estudos dos não religiosos alcançaram uma relevância, saltando nos números de referências acadêmicas e possibilitando falarmos de uma institucionalização como subcampo da sociologia da religião. O possível motor para a relevância disso está, possivelmente, atrelado ao Novo Ateísmo e sua relevância cada vez mais potente nas mídias sociais.

Em relação à antropologia, destaco a obra dos antropólogos Galina Oustinova-Stjepanovic e Ruy Blanes (2017) e do termo “sem-Deus”. Os autores alertam que devemos estar atentos sobre a utilização das categorias – irreligião, não religião e descrença – sem a devida

contextualização. Isto é, a significação do que seria deus ou deuses depende de qual perspectiva está sendo adotada para discussão, em que no estudo de Johannes Quack e Jacob Copeman, por exemplo, aparecem entidades e até conceitos abstratos (BLANES e OUSTINOVA-STJEPANOVIC, 2017). Sendo assim, me alinho com Galina Oustinova-Stjepanovic e Ruy Blanes (2017, p. 11-12) no seguinte ponto:

In order to engage with this problem productively and to avoid essentializing and flattening out atheism, we need to address the question of who atheists are and what their ideas, practices, and everyday realities are like, ethnographically and historically rather than ideologically.

Assim sendo, falar de ateísmo e agnosticismo possuem alguns entraves sobre as questões identitárias e complexidades sobre a compreensão dos indivíduos têm das categorias, em que “(...) ser ateu difere de acordo com os contextos culturais e históricos” (Galina Oustinova-Stjepanovic e Ruy Blanes, 2017, p. 12, tradução minha). Afinal, questionar a idealização de deuses ou Deus não os tornam descrentes, pois a própria teologia encarrega-se de estudar e interrogar os propósitos na tentativa de compreender, com limitações, o sentido da vida. Para Jonathan Laman (2009), a distinção entre ateísmo e não-teísmo está pautada na moralidade, na qual a primeira considera falsa as proposições da segunda por meio de um “*Strong atheism*”, advindo do movimento do Novo Ateísmo. Retorno neste ponto em específico no capítulo dedicado ao ateísmo brasileiro, que trago as pesquisas sobre o campo que forneceram os dados para a fomentação da pesquisa.

2.3 RELIGIÃO E SECULARISMO

No campo das ciências sociais, contribuições notáveis incluem o sociólogo Émile Durkheim (2008), que interpretou a religião como uma expressão coletiva, onde o sagrado e o profano se entrelaçam com as regras sociais mantidas pelos indivíduos. Em meados da década de 1970, o antropólogo americano Clifford Geertz observou em seu ensaio "A religião como um sistema cultural" que os estudos antropológicos sobre religião não haviam feito progressos significativos. Os pesquisadores se apoiaram em autores clássicos, como os citados anteriormente, e fizeram pequenos avanços teóricos a partir de novos dados etnográficos. Geertz tentou desenvolver o conceito de religião e propôs uma nova forma de articular esta categoria. Enquanto Durkheim via a religião como um reflexo da sociedade, Geertz (1989) a definia como:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de atualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. um sistema de símbolos que atua para... (GEERTZ, 1989, p. 67)

Os símbolos, afirma Geertz (1989), podem ser compreendidos como vetores de mediação, em que as ideias se tornam disposições e produtoras de self. E esses sistemas simbólicos atuam em diferentes modos, através do “modelo de” e “modelo para”. Utilizando a metáfora de um castor na construção de um dique, o autor argumenta que o animal carrega no seu biológico de como fazer o construto, o ser humano não possui a habilidade encontrada na sua genética. Pois, precisa de um mapa, um guia, para poder realizar seus atos. Para melhor esclarecimento das diferenças, trago a ideia da bíblia cristã, em que no “modelo para”, referente ao *ethos*, é quando o livro sagrado opera no cristão a obediência, o temor, e a associação dos escritos com a fala divina, que deve-se ter clemência, sempre a carregando nos cultos – regra mais atrelada as denominações evangélicas do que nas católicas – enquanto no “modelo de”, relativo a visão de mundo, o livro cristão contém os ensinamentos sagrados que devem ser seguidos, contendo informações desde a criação do mundo e de como esse terminará. Os “modelos de” e “modelo para”, “expressam o clima do mundo e o modelam” (GEERTZ, 1989, p. 70), e no exemplo utilizado, a bíblia tem como propósito de representar a cosmovisão cristã para guiar as ações dos indivíduos. Por esse caminho que Geertz opera e revela sua concepção do que seria a religião, e que caberia ao antropólogo/pesquisador atentar-se aos entrelaçamentos entre os modelos e como reverberam nos fatores sócio-estruturais e psicológicos, bem como investigar os significados manejados pelos religiosos através dos símbolos. Contudo, tal concepção, foi duramente criticada pelo antropólogo pós-colonialista Talal Asad, no qual afirma o estabelecimento da compreensão da religião como universal é errôneo. O ensaio, “A construção da religião como categoria antropológica”, toma como partida os pontos discutidos por Geertz, no qual Talal Asad (2010) dedica-se a demonstrar como é problemático pensar desse modo. De início temos a crítica do pensamento transhistórico: a religião não tem como estar separada da história, pois, a partir do momento que as sociedades e suas respectivas instituições mudam conforme o tempo, muda-se o sujeito e conseqüentemente a religião, e, assim, raciocinando do mesmo modo, o fenômeno também não estaria separado do contexto cultural da sua época. Pensar a religião católica nos tempos medievos com os mesmos modos atuais seria errôneo. Os símbolos – argumenta Asad (2010) analisando Geertz – possuem sentido próprio, separado da cultura, e produtora da verdade, não se sustenta, pois, essa observação separa o simbólico do processo de criação dos mesmos. Os símbolos expressos pelo modelo de/cosmologia e modelo para/práticas, não podem ser resumidos ao aspecto cognitivo, pois são modelados pelas práticas sociais (ASAD, 2010). A partir disso, entra um aspecto importante para investigação do fenômeno religioso do autor: o poder, e este, entrelaça-se com os seguintes questionamentos: quem os autoriza? Como os símbolos ganham *status* de

autoridade? Utilizando um exemplo mais contemporâneo para ilustrar isso, temos os evangélicos e a prática do jejum, na qual se privam por um breve período da alimentação como forma de renovação da força e o tempo de duração é estipulada pelas instituições religiosas. Podemos citar também os estudos de Charles Hirschkind e Saba Mahmood relacionados à fé islâmica e o cultivo de emoções consideradas dolorosas (ASAD, 2010). A tortura já foi um tema estudado pelo antropólogo, em que aponta como a prática é abolida pelos Estados Liberais, onde a narrativa do pensamento do secularismo considera-as como abomináveis. Dito isso, as instituições e práticas que determinam os regimes de poder, e conseqüentemente, de verdade religiosa para ser experimentada (ASAD, 2010). Em suma, para Talal Asad, deve-se fugir da essencialização da religião – entrando em discordância com os antropólogos que a consideram como autoevidente – mas que se deve considerá-la como proveniente das forças históricas, da instituição da verdade através do poder e disciplinas que fomentam uma identidade religiosa. Em uma entrevista com o sociólogo Arun Micheelsen (2002), Geertz responde às acusações de Asad. O antropólogo americano ressalta que não fez uma tentativa de essencializar a categoria religião, por estar mais interessado no empirismo nas pesquisas. Chamando-o de marxista que não pode mais fazer análises com base em “material-reductionist”, substituindo-a pela “power-reductionist”, Geertz argumenta que não pensa o poder como algo mais importante do que a crença, e de que seja independente da história e contextos culturais. Ressalta que esse tipo de visão – os humanos em constante luta de poder – torna-se falho por fazer um reducionismo dessa perspectiva, e trazendo o significado antes do poder. O que fica evidente através desses dois autores sobre como deve-se analisar as religiões, é de que o primeiro teórico apresentado nos propõe adentrar no universo da ação, enquanto o segundo nos aponta que devemos estar atentos aos regimes de poder e práticas, pois afinal sem elas, não há religião. Contudo, outros autores nos trouxeram pistas para analisar esse complexo fenômeno, em que elementos como secularismo – Asad é uma referência também neste assunto – e esfera pública em comparação a esfera privada tomam conta dos estudos. Sendo assim, passo a partir de então a discutir o secularismo, e os desdobramentos dos estudos etnográficos acerca da tensão existente entre essas esferas.

O sociólogo espanhol José Casanova (2010) analisa que as sociedades europeias costumam relegar a religião como causadora de atraso, e gerar problemas sociais como as guerras. Nos anos 80 – de acordo com Casanova (1994) – a religião começou a despertar os interesses dos pesquisadores por dois motivos: o entranhamento cada vez mais perceptível dela no considerado espaço público, em que os conflitos políticos da referida época estavam

intrincados com esse elemento, e que por consequência disso, ganhou publicidade. Em outras palavras, a religião revelou-se pública, desprivatizando-se, e tendo papéis importantes na política, em um mundo que acreditava-se estar cada vez mais secularizado. A título de exemplo, o sociólogo Joanildo Burity (1994) fez uma análise sobre como os movimentos sociais associaram-se às igrejas – principalmente católica – no processo de redemocratização do Brasil. Voltando para o sociólogo espanhol, o autor diz: por mais que concorde com alguns pontos da teoria do secularismo, discorda que ideia da secularização é considerada falho, pois a transição entre o público e privado, ao seu ver, continua sendo um ponto adequado a ser analisado (José Casanova, 1994). E que por mais que o uso do termo desprivatização possa ser problemático, ainda oferece contribuições para se pensar como a religião vai reivindicando sua pauta nos espaços públicos a partir daquele cenário oitocentista e que tem reverberações significativas na nossa atualidade. Contudo, o conceito de secularismo é disputado, e a ideia de desprivatização tem falhas, em que os pesquisadores manejam a categoria em diversas formas para analisar o fenômeno. O filósofo Charles Taylor (2011) nos propõe um novo olhar sobre o termo, diferindo-se do posicionamento de Habermas e Rawls, busca definir o secularismo a partir da tríade do pensamento revolucionário francês – igualdade, liberdade e fraternidade – nos quais desenvolve os seguintes pontos, respectivamente: a sociedade não pode obrigar as pessoas escolherem um credo, em segundo, a religião não pode ter pensionamento privilegiado na sua atuação pública, e por último, todas devem ser escutadas. Contudo, Taylor (2011) acrescenta um ponto que deve ser levado em consideração: a tentativa constante de comunhão e harmonia entre as religiões. Os pontos apresentados são problemáticos, admite o filósofo, pois as nações lidam com o assunto de diferentes formas, em que o exemplo utilizado no artigo, é sobre a constituição francesa e a polêmica do uso da *Hijab*, pois a ideia de “fraternidade” não é considerada. A neutralidade constitucional perante a essas questões parece ser a resposta correta para os anseios das sociedades, em que demonstra ser um espectro do secular sendo movido em prol de uma causa. Porém, as sociedades democráticas são diversas, e como podemos lidar com os diferentes aspectos que os grupos sociais podem levantar como pauta, onde se há presença do “*overlapping consensus*” (Charles Taylor, 2011)? A resposta de Taylor (2011) é: o secularismo não deve ser restringido a uma ideia separação entre Igreja e Estado, em que a segunda se encontra num eterno estado de guerra contra a primeira, como costuma-se conceber, mas sim uma garantia de que os quatro pontos apresentados possam ser mantidos e maximizados pelas instituições durante esse processo. Por último quero demonstrar mais uma forma de se pensar o secularismo, e esta articulação parece ser mais interessante ao analisar as práticas religiosas atuais, que é do Charles Hirschkind, que nos faz uma provocação desde o

título do seu ensaio que será tratado aqui, no qual reproduzo: existe um corpo secular? No referido texto, o antropólogo busca encontrar indícios de como encontrar “secular”, considerado como o “ar que respiramos”, representa tarefa um tanto quanto “enigmática”. Hirschkind (2017, p. 183) argumenta que referir-se a alguém como tendo uma "vida secular" não fornece uma compreensão clara de seus hábitos, com base em seu exame de autores como Immanuel Kant, William Connolly e Talal Asad. Ele conclui que os limites da categoria de secularismo são "borrados" à medida que aspectos religiosos e seculares se cruzam e interagem, tornando-se uma questão dinâmica e instável, mas também relacional e dialética (HIRSCHKIND, 2017).

Sendo assim, enfatizo que humor e ateísmo andam lado a lado nas críticas da conduta e moralidade religiosa. Entrar em grupos ou páginas sobre a temática do ateísmo é perceptível a utilização massiva dos memes para retratar o cristianismo. E posto isso, qual a mensagem dos ateístas e agnósticos encontrados no grupo da ATEA estão querendo revelar através do humor? Como o humor constrói a subjetividade dos membros?

3 METODOLOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Em meados de dezembro de 2019, houve uma insurgência de casos de problemas respiratórios na cidade de Wuhan, localizada na China. Os nossos olhares estavam voltados para essa atipicidade, com interrogações sobre o que estava ocorrendo no país asiático, mas sem as respostas rápidas a que estávamos habituados. Em consequência, os casos espalharam-se pelo mundo, despertando medidas necessárias pelos países para conter a doença que estava rapidamente proliferando pelas cidades. A descrição relatada é sobre a pandemia da *COVID-19*, popularmente conhecida como coronavírus, que provocou isolamento social e a tragédia de mais de 15 milhões de mortes até a escrita da dissertação. A pandemia iniciou na época do meu mestrado, mudando e impactando a trajetória da pesquisa. Assim sendo, afirmo: não fiz etnografia, como se espera de um trabalho antropológico. Mas a antropologia poderá ser resumida a somente este método? Discuto o tópico através da minha experiência em pesquisa no tempo de pandemia e da metodologia disposta para os pesquisadores que a antropologia se apropria nos tempos de estar “face a face” não era possível.

Os supermercados, as lojas de conveniências, shoppings, escolas, faculdades, terreiros e igrejas estavam fechados devido ao vírus que se espalhava rapidamente por via aérea. As portas estavam trancadas para o mundo afora, em que medo e desconfiança digladiavam sobre as políticas públicas necessárias para o combate à *COVID-19*. As pessoas ficaram confinadas em suas casas, no máximo indo até o quintal do seu terreno para lembrar da existência do lado de fora do lar. Ligar a televisão para escutar as notícias do cotidiano era um exercício desafiador: manchetes esperançosas sobre a produção de vacinas confrontadas pela massiva quantidade de pessoas internadas nos hospitais. O isolamento era a prática social aceita e contestada por grupos específicos que se negavam a escutar as diretrizes da Organização Mundial da Saúde. A sensação era de que a morte podia nos tocar e nossos entes queridos a qualquer instante, que a escapatória era possível, mas não determinante. Escutamos as notícias sobre familiares e pessoas próximas falecendo, sem a chance de nos despedirmos, ou daqueles que não eram íntimos, mas que possuíamos algum sentimento de carinho e admiração. As poucas saídas permitidas eram para comprar o necessário para o sustento, portados de máscara e álcool em gel para higiene das nossas mãos.

Antes, caminhávamos entre as fronteiras do “offline” e “online”, em que estávamos conectados com a internet e suas múltiplas possibilidades através de um “clique do *mouse*”. A

sensação de ficar em casa para proteção coletiva era de estarmos imersos cada vez mais no “online”, como a única alternativa para explorarmos e senso de comunidade. As redes sociais e *streaming* de vídeos – como outras mídias – foram as preferências para lidar com angústia neste “novo normal”. Em relação às pesquisas, paradas pela impossibilidade de entrar em contato com os materiais que poderiam estar infectados ou dos grupos e indivíduos que poderiam ser contaminados pelo nosso descuido, as soluções eram construídas para que o impacto não fosse maior do que já era esperado. Um alvoroço acadêmico – simpósios, eventos, palestras e entrevistas – para tratar desse problema estava sendo cada vez mais implementado no online. As salas de aulas com a costumeira interação entre alunos e professores deram lugar aos ambientes online, na frente de uma tela.

Era nesta situação que me encontrava, em um mundo imerso pela pandemia, na qual a vacina era a esperança para sairmos disso o mais breve possível, um alívio que se tornara necessário para cada dia que vivíamos sem saber o nosso destino. Contudo, na escrita dessa dissertação, outro agravante existia no território brasileiro: os equívocos – para trazer uma palavra mais branda – do governo federal não somente diante da pandemia, mas em outras esferas sociais. Não obstante, destaco que em relação às minhas conexões familiares e de amizades, não tive perdas e nem problemas socioeconômicos. Fui privilegiado nestas questões quando comparados a outras situações catastróficas que outras pessoas lidaram – e ainda lidam – com as consequências negativas da COVID-19. O empecilho era outro: saúde mental e isolamento. Como afirma Gustavo Lins Ribeiro (2020, p. 03),

A pandemia do coronavírus certamente inaugura uma nova classe de medo global. Não que não existissem anteriormente as angústias, os pânicos e temores globais. Mas, como a globalização é um processo histórico que se torna cada vez mais agudo, é de se esperar que o último medo global seja mais intenso e complexo do que os outros. O que estou chamando de medo global? Aqui vai uma definição de trabalho: trata-se de todo temor totalizante sentido por todos os habitantes de um coletivo, na expectativa de uma enorme quantidade de mortes que potencialmente ou de fato atingirá a todos e acabará o mundo conforme foi conhecido até um determinado momento.

A minha pesquisa antropológica não se assemelha a outros inconvenientes e adversidades na pesquisa de campo presencial que encontramos nas etnografias que passaram por outros tipos de perigos. O material de pesquisa era somente a minha cadeira, caderno, lápis e notebook que estavam localizados no meu quarto. O único modo de contato com o mundo exterior era através da minha janela que mostrava o muro da casa e o céu ensolarado. E, sendo assim, aqui reside o problema: o objeto de estudo está localizado na rede social do Facebook, online. Cansaço e estresse eram recorrentes no andar da pesquisa, de estar diante da tela do notebook para analisar as discussões no grupo, bem como para as alternativas de lazer e

resolução de outros tipos de problemas. O notebook e celular tornaram-se meus olhos e ocupava minha mente enquanto estava acordado. Ficar diante de uma tela era inevitável. A fadiga me consumia e retirava a energia necessária para a dedicação das atividades. Não esquecendo dos outros fazeres acadêmicos também online. Com o passar do tempo, o sentimento de melhoria era constante, no qual chegamos em 2022. O perigo estava na aparência de que tínhamos voltado à normalidade, mas as consequências e sequelas continuam entre nós, da prevalência da ansiedade e depressão com aumento de 25% como noticiado pelo Jornal da USP¹⁴, fora outros sintomas como insônia e estresse. A descrição sobre as pandemias e sua consequência possui um fator de posicionamento de escrita e contexto, de um tempo que ainda perdura nas nossas vidas, com impacto negativo e, talvez, positivo em alguns aspectos para aqueles que decidiram mudar de vida. O estresse e a ansiedade foram companhia no fazer antropológico para os pesquisadores desse período conturbado da nossa história.

Nasci em um lar cristão, de uma família que pendia para o lado da visão evangélica, mas não frequentava o espaço e nem tinha uma vida de devoção. Na infância, a vizinha me levava para as conhecidas escolas dominicais, em que aprendia mais sobre o cristianismo e que Deus queria de mim, o propósito que estava guardado para minha vida. Mas não passei muito tempo frequentando o local por desinteresse, no qual fui respeitado na minha decisão. Os meus pais se converteram – no ritual de batismo nas águas – na minha fase da adolescência, um período em que meus questionamentos sobre a fé estavam mais aflorados. A ótica científica era a minha base, interrogando os acontecimentos associados ao cristianismo – os milagres e fatos – e contrastando com as argumentações biológicas sobre a vida e percepções de mundo. A palavra relativismo e agnosticismo não fazia parte do meu vocabulário na época, não compreendia que meu posicionamento estava a par das definições dessas categorias. Relativizar os costumes de outras culturas era algo interessante, contudo, construir essa percepção para o cristianismo não era possível. Somente quando adentrei nas ciências sociais, consolidando uma base firme antropológica, compreendi que relativismo – não caindo no buraco do niilismo – é uma posição crítica, um método que devemos praticar nas nossas vidas em relação – a palavra-chave na antropologia – aos outros povos e sociedades, bem como o cristianismo. No entanto, me chamava a atenção a veia irônica do ateísmo para falar sobre religião, como se fossem pertencentes a uma casta superior, que talvez não possuíssem as respostas para todos os

¹⁴ Link da matéria: <https://jornal.usp.br/radio-usp/problemas-de-saude-mental-podem-atingir-todas-as-faixas-etarias/#:~:text=mental%20e%20emocional,-,Segundo%20a%20OMS%2C%20a%20depress%C3%A3o%20e%20a%20ansiedade%20aumentaram%20mais,pais%20mais%20ansioso%20do%20mundo>. Acesso em: 06/02/2023.

mistérios, enigmas e atribuições da nossa existência. É como se fossem os bastiões de uma verdade munida pelo cientificismo, capaz de abrir as mentes obscurecidas de uma aparente irracionalidade. No outro lado, temos a religião que também se autoproclama como aquela que vai libertar os indivíduos da sua prisão e auxiliar no caminho para encontrar o Deus cristão, que irá aniquilar todos os infortúnios e trazer paz para as pessoas que o buscarem para salvação. Tais visões se confrontam, ficam tensionadas, entram em famosos debates e acirrados, cada qual anunciando o ganhador da luta. Considero-me crítico destes posicionamentos que ao invés de divulgarem as suas propostas, estabelecem uma conduta moral baseada em uma exclusão: se não segue a minha linha de raciocínio, a consequência é de estar errado. Ressalto este trecho para que não se tenha dúvidas do meu posicionamento, de que não parto de uma defesa de algum lado, como se vozes precisassem ser escutadas. Parto de uma criticidade sobre a temática, em que a minha tentativa é de estranhamento para alcançar e tecer uma análise sobre o humor dos ateístas e esta chave fornecida para abrir as portas da compreensão de suas práticas e pensamento sobre religião, em especial, seu principal foco, os evangélicos. Tal posicionamento é o que está vigente aqui, pois até a escrita dessa dissertação, me considero agnóstico. Ao falar da minha dissertação para as pessoas ao meu redor, muitos perguntavam se era evangélico, pois compreendiam que estava incomodado com o humor ateísta e precisava defender a prática religiosa. Em resposta a essas indagações, entro em consonância com George Minois (2014, p. 7), no qual afirma: “(...) pertencendo ao terceiro grupo, invejo tanto os que nada se perguntam quanto os que apenas têm respostas; eu, que só tenho perguntas, sem respostas.” Posto a minha subjetividade em jogo, esclarecendo que os dois mundos não são totalmente estranhos, parto para detalhar mais sobre a pesquisa nos tempos de incerteza provocada por uma pandemia, de uma antropologia que teve sua origem no período da descrença e da coleta dos dados.

O alvo da jocosidade – os religiosos – são tidos como repugnantes, como nos lembra Simon Coleman (2018). E é importante uma postura profissional ética do pesquisador ao analisar a situação, pois não é somente o “blasfemador” que está posto para análise, mas como reflexo, o alvo apresenta também uma complexidade. No provocador artigo da Galina Oustinova-Stjepanovic (2017, p. 115, tradução minha) sobre o posicionamento do antropólogo ateu ao estudar religião no campo, afirma: “Essa posição profissional suspeita, descrita como 'ateísmo metodológico' por Peter Berger (1969: 180), toleraria as tradições religiosas como produtos ilusórios, porém úteis na construção de significados, símbolos ou representações da

humanidade histórica.”. Portanto, como pesquisador agnóstico, preciso estar atento a esse viés, no perigo de reduzir a religião aos estereótipos e ilusões.

A pesquisa foi desenvolvida com base nos princípios do método qualitativo, no qual utilizei como âncora os estudos antropológicos voltados para o ambiente online. A dificuldade reside nesse ambiente que possui sua fisicalidade suspensa, quando o pesquisador está diante da sua tela, do celular ou computador, analisando os textos e imagens como sua principal fonte de dados. O corpo com toda sua estrutura – carne, sangue e espírito (ver MALINOWSKI, 1978) – não é acessado pelo encontro face-a-face entre o pesquisador e seu interlocutor. Mas sim, por meio de imagens e vídeos que os usuários decidiram compartilhar nas suas redes sociais de modo público. Tal condição, torna-se um empecilho, e explica a aceitação tardia da Antropologia ao estudar o online: o antropólogo que faz sua pesquisa no campo, não poderá seguir o modelo tradicional etnográfico. Pois, deverão ser instrumentos de tecnologias que os levam a acessar outra realidade. Portanto, como pesquisar o online?

É incontestável como a internet faz parte das nossas vidas e está imbricada nos nossos pensamentos e práticas. Podemos viajar para vários países por meio de um acessório plugado no aparelho que nos conecta a uma rede compartilhada mundialmente. Se podemos atravessar fronteiras territoriais e alcançar outras realidades, também podemos solucionar os nossos problemas e burocracias ou até buscar diversão por meio dos jogos, filmes e séries conectados por múltiplas plataformas que disponibilizam o acesso. As crianças nascem com a tecnologia em volta, como algo “natural” e sem questionamentos da existência de um mundo sem essa possibilidade. Além disso, as pessoas e grupos utilizam a internet para se interligarem, buscarem semelhantes através dos gostos, *hobbies* e opiniões. A pesquisa não trata sobre o poder das mídias, em que é inegável a sua influência na sociedade, vide as eleições presidenciais serem disputadas nas plataformas, mas é preciso tecer breves comentários sobre ela, pois os ateus e agnósticos utilizam desse fator para expressarem as suas opiniões.

Sendo assim, a investigação foi realizada na internet através da plataforma da rede social Facebook. Segundo Suely Fragozo, em conjunto com Raquel Recuero e Adriana Amaral (2013, p.13), a internet é:

(...) uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar.

Fundado em 2004 pelo Mark Zuckerberg e seus amigos, o Facebook é uma das maiores redes sociais¹⁵, com cerca de 2,96 bilhões de contas ativas mundialmente. No segundo semestre de 2021¹⁶, a plataforma anuncia o Meta, nomenclatura para o grupo administrador que agrega o WhatsApp e Instagram. O meu foco é o Facebook, onde fica a concentração do grupo e é possível visualizar as postagens. Na rede é possível publicar imagens, textos e vídeos, utilizar os *emojis* para reagir ao conteúdo, e também compartilhar para seus amigos que fazem parte do seu perfil ou grupo aquilo do seu interesse. No senso comum é usual as pessoas referirem o Facebook como uma plataforma antiga manuseada por pessoas mais velhas, na qual pessoas mais jovens utilizam Twitter e Instagram ou a rede social que estiver mais popularizada no momento. Para minha surpresa ao pesquisar os grupos online (Ver tabela 01), uma grande movimentação de postagens pode ser percebida, mas nem todas ocasionaram discussões, os denominados engajamentos. Contudo, o pesquisador não deverá se atentar a plataforma – com atualizações, adições de ferramentas que podem mudar o funcionamento operacional – mas, do seu conteúdo, significados e das perspectivas dos usuários que poderão estar por de trás de um considerado simples compartilhamento (MILLER, 2019). Em outras palavras, devemos estar atentos sobre a sociabilidade, de como as relações são construídas entre os grupos na sociedade, que aqui, toma forma pelo digital. Desse modo, a plataforma é considerada como mídia social, como argumenta o antropólogo Daniel Miller:

(...) a colonização do espaço entre a tradicional radiodifusão pública e a comunicação totalmente privada, fornecendo aos indivíduos uma escala que considera o tamanho dos grupos formados e os diferentes graus de privacidade disponíveis, o que chamamos, neste trabalho, de sociabilidade escalonável. (...) Nossa definição não se pretende absoluta, tampouco impõe limites extremamente rígidos. Ao contrário, é um dispositivo heurístico que ajuda a esclarecer alguns parâmetros do nosso estudo. (MILLER, p. 10, 2019)

A antropologia tinha uma resistência de estudar a internet e seus desdobramentos, pois os estudos no virtual implicariam na falta da corporeidade, dos sentidos que seriam revertidos em texto, vídeos ou imagens. O pensamento da Escola de Frankfurt é da criticidade sobre indústria cultural – algo relativo à massa – e ser considerado uma tragédia, mas que devemos superar essa perspectiva, refletindo sobre complexidade, que aqui é relativo a mídias sociais na internet, e dos seus desafios metodológicos (TRAVANCAS, 2008). Os antropólogos não poderiam mais ignorar as comunidades online e toda a efervescência que surgem nestes locais.

¹⁵ Link da notícia: <https://www.terra.com.br/byte/facebook-cresce-numero-de-usuarios-para-296-bilhoes-e-da-sinais-de-saida-da-crise,f28c265754d3a601651b2e7460048f9fukajhum1.html>. Acesso em: 06/02/2023.

¹⁶ A notícia pode ser encontrada através do seguinte link: <https://exame.com/future-of-money/ha-um-ano-o-facebook-se-tornou-meta-veja-os-resultados-ate-agora/>. Acesso em: 06/02/2023.

A etnografia é considerada o método de excelência da antropologia e para isto, fez-se uma adaptação dela para ser aplicada na rede mundial de computadores.

Assim sendo, a pesquisa terá em vista o aporte teórico desenvolvido desde os anos 90 sobre os estudos relacionados ao denominado ciberespaço e cibercultura. Uma das vozes principais sobre pesquisa online, Christine Hine, fincou a metodologia conhecida como etnografia virtual, proveniente do seu livro intitulado pelo mesmo nome. Ora, desde ao ligar uma televisão ou até abrir a porta da geladeira *smart*, o que consideramos o “online” invade nossa vida e ramifica-se nas suas ações. De acordo com Hine (2016, p. 16),

“Ficar on-line” não é uma forma distinta de experiência, mas ocorre paralelamente a outras formas materializadas de ser e de atuar no mundo e as complementa. Uma experiência on-line pode produzir uma resposta emocional em nós tanto quanto qualquer outra forma de experiência: nossos corpos não distinguem necessariamente uma experiência *on-line* de uma *off-line a priori*, de modo que seria problemático para um etnógrafo fazê-lo.

Entretanto, como elucida a autora, é preciso chamar atenção de que o corpo, este que parece dissipar no momento que entramos nas redes sociais ou para outros fins, ainda possui as necessidades biológicas, como a alimentação. A imersão, palavra-chave para compreender a experiência que ressoa no usuário é algo temporário. O corpo torna-se complexo, não sendo reduzido às realidades offline ou online, pois “o usuário da Internet é um usuário corporificado” (HINE, 2020, p. 25). Portanto, a etnografia virtual nos fornece pistas necessárias para a compreensão do campo, como bem elucida Raquel Recuero (2016, p. 122), pois: “baseia-se na observação e na percepção do pesquisador, principalmente por meio da coleta de dados, seja por entrevistas com informantes ou pela observação das práticas de um determinado grupo em campo”.

No cenário brasileiro tivemos grandes contribuições teóricas como Jean Segata, Débora Leitão e Laura Gomes sobre os estudos antropológicos relacionados ao online. Portanto, a pesquisa usará a terminologia adotada por Leitão e Gomes (2017), ambiente online, que se utiliza da cidade como metáfora para entender a internet, onde é possível as perambulações dos indivíduos. Assim como um errante admirado pela riqueza de que a cidade pode oferecer, os indivíduos online têm a sua disposição variadas *tags*, *links* e páginas em comum assunto com o grupo, que é proporcionado devido os algoritmos do Facebook (LEITÃO e GOMES, 2017). Relacionado a isso, Jean Segata (2015, p. 240) nos lembra sobre as questões metodológicas Ator-Rede de Latour, que consiste no emaranhado de fios que se desvela a subjetividade do objeto perante ao evento, na qual causa e efeito não é considerado, “pois pensar a rede é pensar numa série de ações (eventos) distribuídas (...)”. Por meio desse pensamento, surge a

necessidade de pensar e descrever vários modos de agências, e sendo assim, tanto os atores sociais inseridos na rede, bem como a rede social ganham subjetividades na qual percorremos em busca dos rastros deixados pelos seus atores.

Em relação às postagens com teor textual, introduzindo diversos assuntos para os inícios de discussões ou pedidos de conselhos sobre determinadas situações, recomendações de filmes e livros temáticos sobre ateísmo, seguirei as orientações do Uwe Flick (2009). Tais textos devem ser compreendidos a partir do seu contexto, variações e construções, em que na última etapa, o pesquisador deverá descrever densamente sobre o objeto. Esse pensamento é importante devido que as imagens e vídeos não são descontextualizadas, e muita das vezes são jocosidades acerca do modo de viver dos cristãos ou com referência a notícias que foram virais no dia. Não obstante, as imagens precisam de um tratamento de análise diferenciada, como apontam Bauer e Gaskell (2016). Conforme os autores, os seguintes passos devem ser seguidos: primeiro, separar o material pertinente que dialoga mais com sua temática; em segundo, a descrição minuciosa sobre o que se vê na imagem, não descartando nenhum elemento; O terceiro passo é referente ao lançamento de perguntas e significados pretendido na imagem, buscar o que elas querem dizer; E o último passo deve ser o resultado da análise, demonstrando o significado de cada elemento separado.

Desse modo, através das palavras-chaves “ateísmo”, “ateu” e “agnóstico”, obtive as seguintes páginas e grupos que tratam da temática no Facebook. Além disso, é disponibilizada a ferramenta de “sugestões” que permite ao usuário acessar e entrar em novos grupos que despertem seu interesse. Os conteúdos são divididos entre público – usuário acessa a discussão sem barreiras de entrada – e privadas – destinada somente aos membros no grupo que estão autorizados a interagir e criar postagens. Abaixo segue a tabela criada com os principais grupos e páginas acessadas e ativas no Facebook, até o final de 2022.

Tabela 01 - páginas e grupos

| Páginas públicas | | |
|-------------------------|---|---------------------------------|
| Nome da página | Link da página | Quantidade de seguidores |
| Blasfemadores 3.0 | https://www.facebook.com/Blasfemadores3.0 | 12 mil |
| Na Trincheira Sem Deus | https://www.facebook.com/natrincheirasemdeus | 7 mil seguidores |
| Sou Ateu Brasil | https://www.facebook.com/SouAteuBrasil | 103 mil seguidores |

| | | |
|--|---|--------------------|
| Ateus e Agnósticos - Sociedade Ateísta | https://www.facebook.com/AteuseAgnosticosSociedadeAteista | 86 mil seguidores |
| Ateus e Agnósticos | https://www.facebook.com/profile.php?id=100063952177222 | 7,6 mil seguidores |
| Ateu Amigo | https://www.facebook.com/ateu.amigo.ateu | 4 mil seguidores |
| Ateu atento | https://www.facebook.com/OAteuAtento | 6,7 mil seguidores |
| Todo Dia Um Post Ateu | https://www.facebook.com/tododiaumpostateu | 4,4 mil seguidores |
| Jesus Bêbado | https://www.facebook.com/jesusbebado | 126 mil seguidores |
| Ateu Não Praticante | https://www.facebook.com/ateunaopraticante | 3 mil seguidores |
| Ciência e Ateísmo | https://www.facebook.com/cienciaeateismo | 7,7 mil seguidores |
| Atheist Think | https://www.facebook.com/Atheistthink | 43 mil seguidores |
| Falsos profetas | https://www.facebook.com/Expondoosfalsosprofetas | 240 mil seguidores |
| Bispo Morcego | https://www.facebook.com/BispoMorcego | 93 mil seguidores |
| Ateu Porquê o inferno é piada | https://www.facebook.com/AteuPorque | 36 mil seguidores |
| Ateísmo | https://www.facebook.com/ateugracasadeus | 26 mil seguidores |
| Ateu Recife | https://www.facebook.com/profile.php?id=100054354956058 | 10 mil seguidores |
| Grupos públicos | | |
| Nome | Link do grupo | Membros |
| Ateísmo Racional | https://www.facebook.com/groups/288247929595030/ | 4,8 mil membros |
| Ateísmo e Anticristianismo | https://www.facebook.com/groups/ateismoeanticristianismo/ | 4,7 mil membros |
| União Ateísta | https://www.facebook.com/groups/393029671539102/ | 8,7 mil membros |
| O Ateu Responde™ | https://www.facebook.com/groups/oateuresponde/ | 4,6 mil membros |
| Religiões... Para quê? | https://www.facebook.com/groups/2490927184546870/about | 12,6 mil membros |
| Grupos privados | | |
| ATEA | https://www.facebook.com/groups/110443549027425 | 44,2 mil membros |
| Debates Ateísmo | https://www.facebook.com/groups/deb.hidra/ | 34 mil membros |
| Ateísmo: Por Um Mundo Melhor | https://www.facebook.com/groups/145055792696610/ | 22,7 mil membros |
| Ateísmo, Religião, Ciência e Filosofia: Debate e Dúvidas | https://www.facebook.com/groups/ateismoereligiaoemdebate/ | 16 mil membros |
| Ateísmo x Religião x Paganismo x Agnosticismo. | https://www.facebook.com/groups/486309974825912/ | 9 mil membros |
| Ateísmo consciente | https://www.facebook.com/groups/299436950927603/ | 7 mil membros |

| | | |
|---|---|------------------|
| Ateísmo vs Teísmo - Evangelize-nos se for capaz | https://www.facebook.com/groups/754292411403948/ | 14,9 mil membros |
| Ateísmo sem frescura | https://www.facebook.com/groups/699303050151326/ | 6,3 mil membros |

3.1 POSTURA E INSERÇÃO NO CAMPO

Quando adentramos no campo, a subjetividade do pesquisador é posta em conflito, tornando-se inquieta e curiosa acerca daquilo que o rodeia, buscando cada peça para juntar o quebra-cabeça que precisa ser desvendado. A pesquisa trata sobre o embate entre ateísmo e religiosidade no Facebook, que possui um terreno tenso e fértil para análise das controvérsias envolvidas no jogo das hierarquias de moralidades. Desse modo, é importante lembrar da armadilha do “duplo-clique” de Bruno Latour (2004), em que determinadas perguntas esvaziam o sentido religioso e as tornam sem sentido. Como pesquisadores, não podemos cair na tentação de retratar a religião através do reducionismo, em que busquei enfatizar este ponto no capítulo 2. Assim sendo, as postagens das páginas e grupos online poderão ser sedutoras dessa armadilha, pois é preciso ter a postura de superação dos estereótipos, visto que o fenômeno religioso possui uma complexidade envolvida nas suas práticas enunciações de verdade.

A escolha do objeto de pesquisa foi devido à alta quantidade de publicações - entre 10 a 15 por dia - e da representação significativa da Associação no Brasil. Sendo assim, pedi autorização à administradora do grupo privado da ATEA para fazer a pesquisa, na qual apresentei a proposta do trabalho e ressalté a anonimização dos indivíduos devido ao caráter privado do grupo e não ferir as subjetividades dos membros. Após o início da pesquisa, com a coleta das imagens e vídeos para posterior análise do material, entrei em contato com os membros para averiguar quais estavam dispostos a serem entrevistados. No caso, utilizando a aba de membros, consegui acessar os usuários em comum com a minha rede social de amigos, em que consegui através de amigos alcançar as pessoas que fazem parte do grupo privado da ATEA.

3.2 ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

A observação será fundamental na pesquisa, em que adotei o diário de campo para anotar os devidos registros e contextos que possam influir no horário da minha entrada no Facebook. De forma prévia, seguirei os seguintes passos:

A) Demarcar o horário e saída da plataforma, bem como das referidas postagens;

B) Analisar as interações dos membros, as possíveis controvérsias e afirmações que poderão surgir no campo;

C) Selecionar textos, imagens e vídeos pertinentes para a pesquisa e posterior análise;

D) Verificar se contextos externos, links e notícias do cotidiano, influenciam nas interações e postagens dos grupos e páginas;

3.3 ESTRUTURA DA ENTREVISTA

Complementando na análise dos dados, as entrevistas ocorreram na parte final e durante a escrita da dissertação. Como suscitado anteriormente, busquei entrevistar os líderes e membros do meu universo empírico, no qual adotei um modelo de entrevista de estrutura fechada. Fiz três entrevistas, em que a previsão da duração estava estipulada entre 10 a 30 minutos, mas com o decorrer da conversa, alcançamos mais de 1h30.

Através da ferramenta do Google Meet, que permite criar uma “sala virtual” de tempo não limitado para utilização do usuário e permitindo a gravação da entrevista, convidei três membros do grupo da ATEA pela rede social Facebook para verificar a disponibilidade da entrevista. A primeira delas foi realizada com Lucas Mauricio, de 28 anos, formado em Direito e morador da cidade de Surubim, localizado no interior de Pernambuco; A segunda entrevista foi concedida pelo João Vitor, de 24 anos, estudante de Engenharia de Energia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que mora em Cordeiro, também localizado em Pernambuco; E a última, Gabriel Lima, de 26 anos, formado em Direito e morador do vilarejo Catolé do Rocha do estado da Paraíba. Além deles, tentei marcar entrevista com a administradora da página, mas devido a não disponibilidade em decorrência do tempo (e fuso-horário), não foi possível efetivar esta possibilidade.

Descrevo abaixo, as perguntas de início para tentativa de deixar os participantes mais à vontade com a situação. Segue o roteiro:

A) Como se tornou ateu/agnóstico?

B) Por que da utilização do humor?

C) O que é ser ateu na sociedade brasileira?

D) Qual seria o pertencimento dos religiosos na sociedade?

E) Quais formas de exercício público que os não-religiosos estão aptos a fazer?

Em suma, busquei explicar como foi a coleta de dados em um período de pandemia, que o método para os estudos online depende de caso a caso, de uma adaptação e readaptação dos procedimentos provenientes da pesquisa qualitativa, em que regras bem definidas ou acabadas não são de praxe. Não considero a pesquisa como etnográfica, apesar da longa discussão e das novas tentativas de reinventar este método, e a coleta de dados adveio das imagens, textos e entrevistas que estavam na alçada do momento pandêmico. A pesquisa pende pelos princípios da antropologia e etnografia entrelaçados com os estudos do digital, um campo relativamente novo se comparado a outras áreas consideradas mais clássicas. Sendo assim, como pesquisador tomei as medidas necessárias consoante o aporte teórico disponível e adaptado para minha pesquisa.

4 A INFLUÊNCIA DO NOVO ATEÍSMO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Como mencionei anteriormente, o contexto desempenha um papel fundamental na compreensão tanto do humor quanto do ateísmo. A partir deste capítulo que detalho o campo, iniciando pelo Novo Ateísmo e trazendo para escopo da análise o biólogo Richard Dawkins, que considero como a síntese e voz proeminente deste movimento que possui influência no território brasileiro. Além disso, trago os diferentes grupos que atuam na defesa da identidade ateuísta, e posteriormente, a ATEA (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos) e seu grupo privado. Importante adentrarmos com mais imersão nestes tópicos, pois iremos compreender como o humor está atrelado a essa etnopsicologia ocidental ateuísta que faz parte das discussões refletidas nas imagens e vídeos engraçados, os memes, no grupo da ATEA.

A sociedade brasileira é majoritariamente cristã desde os tempos de colonização. A dúvida sobre os indígenas possui alma era uma das interrogações recorrentes entre os navegantes e padres portugueses – com viés etnocêntrico – ao desembarcarem no Brasil nos tempos de colônia. Instituído a fé católica (Ver OLIVEIRA DA SILVA, 2020) como a única devoção e moralidade para ser seguida, os religiosos e colonos julgaram as demais como inferiores pela falta de conhecimento com Deus cristão. Desde então, somos conhecidos por ser uma população tipicamente católica, dividida entre os praticantes e não praticantes. Por outro lado, estamos observando a presença cada vez mais forte dos evangélicos – crescimento de 61% em dez anos, segundo o IBGE¹⁷ – desde as esquinas das ruas com suas igrejas tradicionais ou modernas, bem como a influência e luta pelos direitos políticos. Segundo Cecília Mariz (2013, p. 56), ao analisar os dados do Censo de 2010, diz que “observa-se nesses dados uma relação entre o crescimento pentecostal e o dos sem religião (ambos ocorrem em contextos sociais e geográficos similares)”.

Assim sendo, reforço que a pesquisa buscou compreender como a ATEA – mais especificamente o grupo fechado – constrói a subjetividade do grupo, e conseqüentemente, retrata a religião. O primeiro passo foi através do humor, pois a partir dele, iremos ter uma chave que possa abrir caminhos para as inquietações que passam pela moralidade e questões do secularismo. Dito isso, como a religião é produzida por esse grupo? E ela própria, poderá ser vista como uma religião?

¹⁷ Link disponível da matéria: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/numero-de-evangelicos-cresce-61-no-brasil-diz-ibge,c0addc840f0da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em 11/11/2022.

4.1 O QUE TEM DE NOVO NO ATEÍSMO?

Segundo Christopher Cotter (2017), o teólogo Alister Macgarath utilizou o termo Novo Ateísmo para denominar a massividade de publicações dos assuntos relacionados a temática sendo publicados na atualidade. Entretanto, a utilização do termo é primeiramente encontrada no artigo de opinião, “A igreja dos incrédulos¹⁸”, escrito pelo editor da Wired Magazine, Gary Wolf. Assim sendo, o que este termo nos ajuda a compreender o ateísmo brasileiro?

O atentado da Al-Qaeda sobre as torres gêmeas do World Trade Center e consequente destruição pode ser considerado uma marca considerável na história da humanidade e início do século XXI. As pessoas estarecidas assistiram nos noticiários os prédios destruídos pelo choque entre dois aviões na estrutura que veio abaixo com a colisão. A mídia norte-americana estava com os olhos voltados para esse incidente, pedindo medidas urgentes para inviabilização de novos ataques e formação de novos grupos terroristas. A partir desse momento, a Guerra ao Terror tomou conta dos Estados Unidos através da doutrina Bush, em que assistimos aos noticiários a “efetividade” dos conflitos entre os soldados estadunidenses nos territórios do Afeganistão e Iraque. Segundo Stephen Bullivant (2020), há uma troca considerável de papéis que deve ser observado: no período da Guerra Fria, os ateus eram considerados como um perigo, enquanto após o ataque do 11 de setembro em 2001, os fundamentalistas islâmicos tomam esse novo posicionamento. Como vimos anteriormente, os ateus eram considerados como uma “minoridade marginalizada” e de pouca confiança pela sociedade. A partir desse marco histórico, o sociólogo aponta a ascensão do ateísmo, com cunho patriótico, que enfrenta e pede resolução para conter esta ameaça entrelaçada com a prática religiosa. É o chamado para guerra contra a fé, afirma Gary Wolf (2006). Alguns apoiaram a doutrina Bush, por mais que na política do presidente, a força evangélica estava presente, ocasionando esse aparente paradoxo (BULLIVANT, 2020). Desse modo, Stephen Bullivant (2020) aponta que o surgimento do Novo Ateísmo iniciou nesse momento através da presença de quatro homens brancos com vozes proeminentes e de autoridade – filósofos e cientistas naturais – denominados dos 4 cavaleiros, que são: o biólogo Richard Dawkins, o filósofo Daniel Dennett, o neurocientista Sam Harris e o jornalista Christopher Hitchens. A alcunha veio de uma reunião ateísta (*Atheist Alliance International*) de sucesso na Austrália em 2007, em que se reuniram pela primeira vez para discutir as questões sociais.

¹⁸ O link da matéria original: <https://www.wired.com/2006/11/atheism/>. Acesso em 06/01/2023.

Com a vendagem de 3 milhões de cópias, listado por nove semanas no top 10 de livros não-ficção pela NY Times, a obra do Richard Dawkins – Deus, um delírio – trouxe ao público um olhar científico, incisivo e irônico sobre a religião no mundo, bem como a afirmação do ateísmo como movimento de progresso da sociedade. A expressividade da obra, como afirma LeDrew (2015), funcionou como um motor que impulsionou o movimento para os destaques da mídia. Assim, a religião estava sendo contestada publicamente, e a ciência sendo alçada ao pedestal da vez. Segundo o autor,

Dawkins trata Deus como uma entidade natural passível de investigação científica, precisamente porque adota uma posição de materialismo científico, ou a visão de que “tudo o que existe (vida, mente, moralidade, religião e assim por diante) pode ser completamente explicado em termos de matéria ou física natureza.” Isto é, Dawkins acredita que tudo o que existe deve existir dentro da natureza e que não há objeto de investigação que esteja fora dos limites da ciência. (LEDREW, 2015, p. 44, tradução minha)

O destaque do trecho acima demonstra como os escritos de Dawkins podem ser entendidos como uma defesa do cientismo, da ciência como guia para compreensão das facetas da humanidade. O “Deus das lacunas” é uma expressão crítica e contra argumentativa utilizada para combater os argumentos religiosos acerca dos fenômenos que estão ao nosso redor. “Deus fez e é poderoso”, como encontramos nos dizeres religiosos, torna-se um problema para os cientistas que sentem a necessidade de uma explicação mais elaborada baseada nos métodos propostos para análise dos fenômenos. Sendo assim, como nos lembra LeDrew (2015), “Deus das lacunas” é substituído pela seleção natural por Dawkins, em que no pensamento ateuista, as ciências da natureza possuem arcabouço suficiente para explicar e demonstrar as possíveis armadilhas pregadas pela religião. O biólogo coloca entonação no materialismo científico e busca explicar a moralidade, por exemplo, por meio das ciências cognitivas (LEDREW, 2015).

A figura de Richard Dawkins é uma das mais conhecidas, em que sua conta pessoal do Twitter possui mais de 2 milhões de seguidores, no qual compartilha notícias e opiniões – consideradas polêmicas. Para ilustrar isso, elenquei alguns tópicos:

Imagem 01 – Em defesa da ciência



Fonte: Twitter (2023)¹⁹

Na imagem da esquerda, Richard Dawkins discursa sobre a incompatibilidade da religião com a ciência, no qual compartilha o texto do blog do biólogo Jerry Coyne, conhecido pelas críticas ao Design Inteligente, assim como o cavaleiro do ateísmo. Chamando de “Acomodacionismo²⁰”, Coyne afirma que equiparar a fé com a ciência é um erro, visto que apresentam diferentes visões de mundo e metodologias para expressarem as suas “verdades” de modos diferentes. Desse modo, é interessante como o autor do artigo aponta o que seria a religião com toques reducionistas, em que baseando-se nas argumentações de Daniel Dennett, afirma que são “sistemas sociais cujos participantes confessam acreditar em um agente ou agentes sobrenaturais cuja aprovação deve ser buscada”²¹. Como esbocei anteriormente, definir religião é complexo. Por mais que o autor alegue que tal afirmação não poderá ser estendida para todas as religiões – lembrando até a argumentação de Asad contra Geertz – a problemática ainda reside no reducionismo, carregado de viés de confirmação pronto para ser desembalado. Já na imagem da direita, Dawkins compartilhou um link de vídeo relacionado ao ateu Mohammad Hashem sendo “convidado” a se retirar do programa de televisão após alegar no

¹⁹ O primeiro Tweet está disponível em:

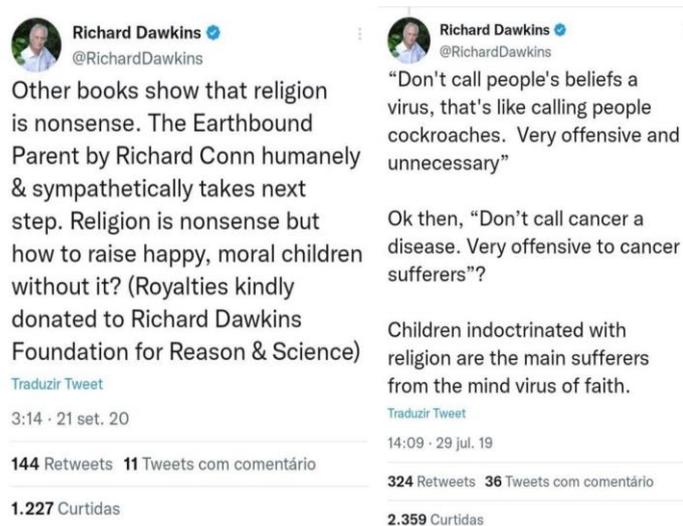
<https://twitter.com/RichardDawkins/status/1076418253398847488?t=pnTDybc-49cZfo1yrcqtWQ&s=19>. O segundo tweet está disponível em: <https://twitter.com/RichardDawkins/status/992052680821497857?t=U5e-pkBi7b6Qzs9BaOSG9A&s=19>. Acessados em: 06/02/2023.

²⁰ Do original, Accommodationism.

²¹ A frase de minha tradução foi citada no artigo de opinião do Jerry Coyne. Segue o link da matéria: <https://theconversation.com/yes-there-is-a-war-between-science-and-religion-108002>. Acesso em: 10/12/2022.

debate que não existe evidência científica para afirmar a existência de Deus. Em um dos momentos do vídeo, que a tensão vai aumentando a cada instante, a seguinte frase é soltada pelo apresentador: “você oferece ateísmo, você oferece heresia”. No *tweet*, Dawkins ressalta as virtudes do que cogita ser uma pessoa ateuista – inteligente, decente, respeitosa e silenciosa – contra uma conduta religiosa que “grita” e envenena tudo. Não obstante, o biólogo considera a fé como condutora poderosa que cega a razão. Desse modo, compreendo que Dawkins estabelece que a religião está no âmbito das emoções enquanto a ciência é atrelada ao racionalismo. Vejamos outras imagens, abaixo:

Imagem 02 – Em defesa da infância



Fonte: Twitter (2023)²²

Lançado em 2018, o livro citado por Dawkins – *The Earthbound Parents* - é destinado para os pais que desejam educar os filhos sem os preceitos religiosos e da transmissão da ciência e razão como valores operantes na construção da vida. Não precisamos ir muito longe na leitura, pois no prefácio da obra, podemos identificar a provocação que tanto agrada e assemelha-se com o pensamento do Dawkins: a religião é colocada como estado de ilusão, assim como acreditar no coelho da páscoa. Desse modo, a obra retrata a preocupação da melhor criação para as crianças, na busca do desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo da religião como perigo para sociedade. No *best-seller* de Dawkins referido anteriormente, as crianças não devem ser doutrinadas pela religião, e identificá-las como evangélica, por exemplo, seria equiparável

²² Link do primeiro tweet:

<https://twitter.com/RichardDawkins/status/1307926049494310912?t=EI2xCpEsiSc2SRtHFI15OA&s=19>. Link do segundo tweet:

<https://twitter.com/RichardDawkins/status/1155888034266701826?t=D1IyCVIzY0Oi0tpbCFAapA&s=19>.

Ambos acessados em: 06/01/2023.

há um abuso sexual, algo que soaria tão absurdo se especificarmos elas também como “crianças neoliberais”. Já no *tweet* da direita, nos deparamos com a inquietação do entrelaçamento entre felicidade e moralidade. O contexto da provocação na imagem está relacionado a luta dos pais ateístas nas escolas cristãs sobre os ensinamentos religiosos sendo repassados aos filhos, como se fosse uma “doutrinação” que afeta os direitos humanos. Com suas ramificações que atravessam os cotidianos das pessoas, infectando os indivíduos e sociedades, espalhando-se pelo ar, Dawkins atribui à religião esse caráter virulento, de chamar pelo nome aquilo que ele considera ser danoso para sociedade, que coloca as crianças no perigo de contato com este “vírus da fé”. Uma das suas postagens mais recentes - "*Outgrowing God: A Beginner's Guide*", ainda sem tradução no Brasil - tem como foco o público infantil e juvenil, refletindo o desejo do autor de alcançar essa audiência, assim como ele próprio foi impactado aos 15 anos, quando começou a explorar o evolucionismo, como mencionado no livro. Vale destacar que um dos projetos da Fundação Richard Dawkins está destinado para qualificação dos professores do ensino fundamental e ensino médio para aprender as ferramentas necessárias e lecionar sobre evolução seguindo as normas do *Next Generation Science Standards*. Como afirmado por Stephen Ledrew (2015, p. 36),

This time it was secularists who mounted a successful challenge against the teaching of intelligent design theory in public schools, which the presiding judge ruled was equivalent to religious instruction and thus prohibited from state education by the Constitution. Most importantly, it was in this trial that atheism and Darwinism were permanently fused in the American context. Among many conservative American Christians, believing in evolution is tantamount to denying God, hence the rejection of the theory that constitutes the foundation of the science of biology and that, for most people in the Western world and almost all scientists, is simply a scientific fact.

Uma das minhas inquietações na pesquisa é sobre a aparente substituição da religião pela ciência, tornando esta última como algo sagrado, intocável e a permissão para questionar o formato é somente através do “implacável” método científico. Isto é, a ciência só pode ser questionada por si só, sem interferência das outras realidades que batem na porta em vão para uma possível interrogação do saber. Seria o ateísmo uma nova religião? No site norte americano American Atheist²³ prevendo esta acusação, alega o seguinte:

(...) Despite the fact that atheism is not a religion, atheism is protected by many of the same Constitutional rights that protect religion. That, however, does not mean that atheism is itself a religion, only that our sincerely held (lack of) beliefs are protected in the same way as the religious beliefs of others. Similarly, many “interfaith” groups will include atheists. This, again, does not mean that atheism is a religious belief. Some groups will use words like Agnostic, Humanist, Secular, Bright, Freethinker, or any number of other terms to self identify. Those words are perfectly fine as a self-

²³ Link do site: <https://www.atheists.org/activism/resources/about-atheism/>. Acessado em: 06/01/2023.

identifier, but we strongly advocate using the word that people understand: Atheist. Don't use those other terms to disguise your atheism or to shy away from a word that some think has a negative connotation. We should be using the terminology that is most accurate and that answers the question that is actually being asked. We should use the term that binds all of us together. If you call yourself a humanist, a freethinker, a bright, or even a "cultural Catholic" and lack belief in a god, you are an atheist. Don't shy away from the term. Embrace it. Agnostic isn't just a "weaker" version of being an atheist. It answers a different question. Atheism is about what you believe. Agnosticism is about what you know.

Sinto que a resposta ainda é insuficiente para resolução da questão, pois o não dito e as práticas aparentam contrapor o comportamento do ateísmo daquilo que tanto crítica. Contudo, não me atrevo a uma resposta fixa, visto que definição de religião também é uma problemática que inquieta os pesquisadores. O trecho acima ressalta a importância da utilização do termo ateísmo como cola que aglutina a todos que se identificarem ao movimento. Interessante notar que o movimento parece predominantemente masculino, e por isso, gostaria de abrir um breve parêntese relacionado a esse ponto.

Em agosto de 2004, foi lançado o curta-metragem intitulado de "Submissão" pelo diretor Theo van Gogh e a escritora Ayaan Hirsi Ali. A ficção retrata a opressão de quatro muçulmanas, interpretadas através de monólogos por uma única mulher, que conta os abusos sofridos por elas ao "ousarem" desobedecer aos códigos de condutas estabelecidas pelo Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos. Com véu no rosto, corpo pintado com os versículos do livro que determina o pecado contido no monólogo, o curta demonstra a dificuldade de ser mulher e das violências cometidas – chicotadas e apedrejamentos – ao serem submissas, uma das traduções possíveis para Islã. Após quatro meses do lançamento, mais precisamente em novembro, o diretor foi assassinado em plena luz do dia por um membro do Islã, que fixou ao corpo do cineasta uma carta contendo a mensagem do motivo do assassinato: a representação crítica da religião. Nascida na Somália, devota do islamismo e fugindo do país quando fora prometida em um casamento arranjado (LEDREW, 2015), como relatado na sua autobiografia, *Infidel*, publicada em 2012, Ayaan Hirsi Ali deixou sua religião de lado, e tornou-se uma das vozes potentes sobre feminismo, ateísmo e defesa da reforma muçulmana. Ela é considerada como uma "cavaleira" do ateísmo ao lado dos citados anteriormente, após assumir a "cadeira" deixada por Christopher Hitchens, que faleceu devido a um câncer em 2011. Segundo a socióloga Anja Finger (2017), Hirsi Ali defende o poder da ficção²⁴ e da ideia do paraíso, pois o Deus cristão é mais temeroso daquele retratado no Islã. Assim sendo, chamo atenção para um possível contraponto no novo ateísmo: a masculinidade tratada como racional, separada da

²⁴ Hirsi Ali afirma ter lido contos de investigação em que as mulheres desempenhavam papéis de protagonistas e detetives da trama.

emoção, enquanto com a figura da feminista, está no âmbito da subjetividade, como constatado por Anja Finger (2017) na seguinte passagem:

Hitchens' (2011) autobiography sheds an interesting light on his brand of masculinity as an increasingly straight one. His friendship with Martin Amis, for instance, is described as 'the most heterosexual relationship that one young man could conceivably have with another ... My looks by then had in any case declined to the point where only women would go to bed with me' (2011, 157). The explanatory sentence is revealing in terms of underlying assumptions, both about the rationale behind male same-sex acts and straight female availability. Interestingly, Hirsi Ali is praised as 'the heroine of feminine resistance to the living death known as sharia' (2011, 257, first emphasis my own) a heroine with a 'magically beautiful face.' (FINGER, p. 08, 2017)

Os estudos do censo indicam que as mulheres são mais predispostas a acreditarem em alguma religião, enquanto o público masculino apresenta uma indiferença acerca das questões sobre gênero e feminismo (FINGER, 2017). Assim sendo, ao analisar essa faceta do ateísmo, a autora demonstra que a Hirsi Ali é tratada como a autoridade no assunto sobre o Islã, podendo dialogar e discursar sobre as práticas religiosas consideradas como nefastas para a sociedade. Em contraponto, a socióloga observa que a figura feminina está relegada a tratar somente deste tópico, enquanto os cavaleiros dialogam e opinam sobre todas as facetas possíveis que as sociedades encaram como problemáticas. O Christopher Hitchens era uma representação da masculinidade heterossexual, enquanto a Hirsi Ali era reduzida a “um rosto magicamente belo” (Anja Finger, p. 165, tradução minha), com discurso feminista sendo considerado falso pelas opiniões contrárias, e lida criticamente como caricatura do ativismo social (FINGER, 2017).

4.2 O CONTEXTO BRASILEIRO

“Qual a sua religião?”, é uma das perguntas necessárias para coleta da amostragem de dados do Censo realizado a cada dez anos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Com esse questionamento, podemos averiguar múltiplos caminhos de respostas que complexificam como a pessoa compreende seu pertencimento e identificação das religiões no Brasil. De acordo com Cecília Mariz (2013), a representação numérica dos ateus e agnósticos no território brasileiro pode estar equivocada, em que sugere, a partir de Clara Mafra, acrescentar uma pergunta sobre o tópico. E enfatiza:

Opções metodológicas, como tudo na vida, têm custos e benefícios. O benefício da questão em aberto para religião é permitir que se incluam novas religiões. Mas tem desvantagens, especialmente quando a pessoa não sabe que ao perguntar “qual é a sua religião ou culto”, o pesquisador quer saber e contabilizar igrejas. Esse tipo de pergunta aberta tem impedido a criação de categorias excludentes, e assim impedem também uma análise estatística adequada. (MARIZ, 2013, p. 56)

Segundo Denise Rodrigues (2012)²⁵, o vilarejo localizado no interior da Bahia, Nova Ibiá, recebeu a alcunha de cidade mais ateu do Brasil com a porcentagem de 59,85% apurado pelo Censo de 2000. Tal notícia repercutiu de modo negativo entre os moradores, pois alegavam a impossibilidade de a contagem estar certa por contrastar a realidade vivida repleta de igrejas nas ruas (RODRIGUES, 2012). Desse modo, a pergunta – "qual é a sua religião?" – não tem a precisão necessária para identificar os indivíduos que não têm religião, e também falha em abarcar as várias identificações possíveis que as pessoas possam indicar. Segundo a pesquisa de Denise Rodrigues (2012) realizada no Rio de Janeiro, que entrevistou 102 indivíduos, a categoria "sem religião" foi dividida em dois grupos: 48 indivíduos que se identificaram como "sem religiosidade", como ateus ou agnósticos, e 54 indivíduos "com religiosidade", inclusive um judeu laico que foi entrevistado pela pesquisadora. A categoria "sem religião" só veio ser adicionada na pesquisa do censo a partir da década de 1950 e sendo desmembrada para ateu e agnóstico somente em 2010 (RODRIGUES, 2012). Em relação esse impasse, Regina Novaes (2004) afirma:

O primeiro cuidado diz respeito aos sentidos das palavras "ateu", "agnóstico" e da expressão "não ter religião". Nada nos assegura que seus usos sejam os mesmos nem em termos de passado e presente, nem mesmo entre os jovens hoje entrevistados. Isto é, as autotagificações dos jovens de hoje têm de ser pensadas em suas inter-relações no interior do campo religioso em transformação

Segundo a autora, os dados do Projeto Juventude/Instituto Cidadania indicam que somente 1% dos jovens se declararam como ateus ou agnósticos, nos quais 3500 entrevistados, 69% eram homens e 31% mulheres. Outro dado interessante que aparece, indicando justamente a multiplicidade do entendimento do que é ser ateu, está relacionado a 25% deles e atrelados a um lado espiritualista relativo à natureza (NOVAES, 2004). Voltando para análise do último censo, Faustino Teixeira (2006) aponta que a categoria poderá ser compreendida com as seguintes identificações: indivíduo não conectado a religião tradicional; não se sentir pertencente a uma comunidade ou participar de várias filiações; e por último, os ateus e agnósticos. A pesquisa demonstra que no total de 8% se declararam "sem religião", correspondente a 15,3 milhões da população brasileira, na qual apenas 124,4 mil (0,07%) são agnósticas e 615 mil (0,32%) ateus.

No momento da escrita da dissertação, o governo ainda não havia divulgado os resultados do último censo realizado em 2022. No entanto, segundo dados do Datafolha obtidos

²⁵ Foi orientada por Cecília Mariz e produziu a tese, "Os 'sem religião' e a crise do pertencimento institucional no Brasil: o caso fluminense", defendida em 2009.

por meio de artigo publicado pela BBC Brasil²⁶, aproximadamente 14% dos indivíduos com idade entre 16 e 24 que se declaram "sem religião" e consomem tal conteúdo, embora não haja detalhamento de dados distinguindo entre os ateus e agnósticos. Com essa dificuldade de mensurar e diferenciar quem são os que se declararam que é "sem religião", o presidente da ATEA, Daniel Sottomaior, afirma que existe uma subnotificação²⁷ em relação a esses dados, devido ao caráter da pergunta e também do receio entre os ateus e agnósticos em declarar de modo público a sua identidade.

4.3 AS RAMIFICAÇÕES DO CONTEÚDO PELAS REDES: CIBERATEÍSMO

O surgimento do Novo Ateísmo está entrelaçado com a destruição das torres gêmeas e discurso da guerra ao terror pelos cavaleiros do ateísmo, como vimos anteriormente, alinhados com discursos carregados de olhar antirreligioso contra a presença cada vez mais forte da religião na sociedade. Aqui no Brasil, Patrícia Leonor (2018) argumenta que a internet é propulsora dessas organizações e da possibilidade do surgimento da ATEA, por exemplo. Assim sendo, o ciberateísmo – termo cunhado pela pesquisadora em conjunto com Salma Ferraz – permitiu que os grupos online pudessem se organizar com usuários de pensamentos semelhantes, no anonimato ou não, e difundir os discursos antirreligiosos. Enfatizo que a gama de variedades dos memes possuem marcas d'água como selo para identificação do usuário ou grupo que criou a imagem ou vídeo. Desse modo, é possível localizar e interagir com a fonte de origem e compartilhar, aprovar ou desaprovar o conteúdo.

Segundo o cientista da religião Rogerio Fernandes da Silva (2021), ao estudar o fenômeno através da plataforma de vídeos do YouTube, o termo neocateísmo não fez muito sucesso no território brasileiro. Pesquisando os diversos materiais dos influencers digitais sobre o assunto, o autor aponta em uma entrevista, por exemplo, o presidente da ATEA Rodrigo Sottomaior afirma que a categoria é utilizada pelos religiosos como xingamento e "denegrir" os ateus. Em relação ao famoso canal de ciências produzidos pelo Pirulla, apelido de Paulo Miranda Nascimento, Rogério Fernandes da Silva (2021) demonstra que o influencer trabalha com as questões de religiosidade e evolução, criticando a utilização do termo por não apresentar nada de "novo". Inclusive, desaprova a atuação da ATEA, considerando como humor

²⁶ Link da notícia: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>. Acesso em 15/01/2023.

²⁷ Link da matéria disponível em: <https://www.atea.org.br/dia-a-dia/primeiros-passos-no-ibge/>. Acesso em: 06/01/2023.

debochado e voltado para adolescentes, indicando que deveria ter uma militância mais séria (FERNANDES DA SILVA, 2021).

Não somente no YouTube que encontramos expressões ateístas significativas, mas também na plataforma de vídeos que popularizou na época da pandemia, o TikTok. As contas direcionadas nessa plataforma variam no seu conteúdo, em que alguns se propõem a discutir ateísmo e outros mostram seu dia a dia, com a temática aparecendo em segundo plano. Cito algumas contas que tratam do assunto de ateísmo:

Tabela 02 - Páginas no TikTok

| Nome da página de usuário | Quantidade de seguidores |
|----------------------------------|---------------------------------|
| Calalleni | 266mil |
| Aquelaverad | 14 mil |
| Gbielr | 70 mil |
| Strong_ateismo | 10 mil |
| Ateuateando l | 43 mil |
| Tia.patrea.43 | 254 mil |
| Raoxana__ | 23 mil |
| Thiagopalominio | 137 mil |

Dito isso, por mais que os ateístas e agnósticos rejeitem o selo do neoteísmo, a expressão é alcunhada e consagrada nas pesquisas brasileiras. No entanto, é importante salientar a ineficácia dessa categoria pela heterogeneidade do movimento (Ver Rogério Fernandes da Silva, 2021). Pois, em relação a minha pesquisa, como enquadrar 44 mil indivíduos que estão no grupo privado da ATEA? Uma base comum é suficiente para compreender a articulação?

4.4 EM PROL DO ATEÍSMO: ASSOCIAÇÕES EM DEFESA DA IDENTIDADE

Em relação a atuação do ateísmo no Brasil contemporâneo, cito três grandes grupos: Liga Humanista Secular do Brasil (LiHS), Associação Ateísta do Planalto Central (APCE), e a mais famosa, sendo alvo preferencial de estudos acadêmicos, a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (Rafael Quintanilha, 2018; Ricardo Silva, 2020). Antes de adentrar na ATEA, destaco alguns pontos interessantes sobre as outras duas organizações e atuação nas redes sociais e consonância de pautas.

Fundada em 2010, a Liga Humanista Secular do Brasil (LiHS) foi criada pela Asa Dahlström Heuser. Em uma das entrevistas²⁸ concedidas para um blog ateuista, a fundadora conta um pouco da história de sua vida e como abandonou a profissão de astróloga. O motivo para isso, foi da dedicação e apreciação dos estudos que refutam a leitura das constelações por meio da ciência, não havendo sustentação empírica suficiente para argumentação de cálculos e feitura de mapas em relação a compreensão do ser na realidade material. Na entrevista, ela enfatiza a danificação da astrologia na vida das pessoas, que se baseiam nas predições para guiar seus próximos passos ao futuro. Uma pseudociência, enfatiza Asa Heuser. Em outra parte da entrevista, ela fala sobre "militância", especificamente dos grupos humanistas online que parecem ser insulares e fechados, falhando em se engajar no discurso público em apoio a um estado secular. A presidente da entidade afirma que “a religião não deve ser a base da moralidade” e destaca a importância de promover o diálogo aberto para navegar pelos desafios e buscar a verdade. Ela enfatiza que a humanidade, munida de pensamento crítico e racional, deve continuar enfrentando esses desafios. Assim sendo, para Asa Heuser, os humanistas devem buscar uma base comum com os religiosos em relação aos direitos humanos. Esta parte da entrevista é digna de nota porque dissipa o equívoco de que ateus e agnósticos são inerentemente opostos à religião e buscam sua destruição. Na página "Sobre nós" do site oficial²⁹ da organização, há uma descrição do grupo como "uma associação de pessoas sem religião" e o compromisso de defender o universalismo ético. O site também contém abas com artigos publicados sobre a organização, seu estatuto, equipe e artigos relacionados ao ateísmo. Com mais de 33 mil curtidas na rede social do Facebook, as últimas postagens da LiHS são datadas de 2019, não havendo mais postagens desde esse período. Diferentemente da ATEA, as publicações possuem um caráter mais sério na abordagem e tons de denúncia em algumas, como podemos verificar abaixo da imagem abaixo feita em 2013:

²⁸ Link da entrevista: <https://www.paulopes.com.br/2016/03/cetica-ex-astrologa-adverte-que-astrologia-nao-eh-inofensiva.html#.Y-L5crXPw2w>. Acesso em: 15/01/2023.

²⁹ Site oficial: <https://lihs.org.br>

Imagem 03 – Em defesa do Estado Laico



Fonte: Facebook (2023)³⁰

Glorinha Silva, uma professora de história que cresceu em uma pequena cidade com pais religiosos e enfrentou a reprovação de seus filhos após revelar sua identidade atea, compartilhou sua trajetória de vida e a fundação da Associação Ateísta do Planalto Central (APCE) em 2013 durante uma entrevista no canal do YouTube de Ricardo Russel³¹. Na conversa, ela destaca que a religião faz parte da subjetividade de cada pessoa, do âmbito privado. Discutindo sobre diversas temáticas, um dos tópicos foi sobre os constrangimentos de se declarar atea e das situações embaraçosas ocorridas a partir disso, em que amizades foram perdidas e somente algumas reatadas após um longo tempo. Glorinha Silva afirma que os objetivos da organização é se posicionar em relação a favor da laicidade, ampliar a visibilidade do ateísmo, bem como combater à intolerância religiosa e discriminação da identidade atea. No ponto sobre visibilidade, ela declara sobre a solidão da militância e da necessidade de uma comunidade forte e ativa na luta da causa. Em O Ateísmo e as Mulheres, artigo de opinião publicado na terceira edição da Revista Ateísta de 2017, Glorinha analisa o papel das mulheres na sociedade, das dificuldades existentes e atribuídas ao gênero, e quando o fator ateu está entrelaçado, torna mais árdua a posição social, relegada às tarefas domésticas, como consequência o lar e oração, inclusive a dificuldade na inserção dos campos científicos. Ao falar sobre as mulheres ateias e bolsonaristas na entrevista, é considerado como um impasse, algo incongruente, em que Glorinha alerta para mais estudos sobre a mulher, na qual cita O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir. Na matéria da revista, a autora enfatiza:

³⁰ Disponível: https://www.facebook.com/LigaHumanista/photos/pb.100067361797059.-2207520000./675191715831289/?type=3&locale=hi_IN. Acesso em: 06/02/2023.

³¹ O historiador Ricardo Oliveira da Silva se apresenta como Russel no canal do Youtube. Link da entrevista: https://www.youtube.com/watch?v=n2DFSRh7Ai8&list=PL_TO2F3lvTHnadH93btquJp1d2h0JSG9G&index=5. Acesso em: 06/01/2023.

As comunidades ateias no Brasil evidenciam-se pela diversidade de seus membros, que lutam pela inserção na sociedade. Negros, LGBTs, defensores de diferentes ideologias políticas, pessoas cultas ou de pouca instrução, sem preconceitos, se reúnem para debater sobre questões diversas e o futuro destas minorias, **contudo, a parca participação de mulheres contribui para a negação de cunho libertador e progressista que alguns grupos objetivam apresentar.** (Glorinha, 2017, p. 27, grifo meu)

Segundo Sabrina Testa – antropóloga que fez sua tese sobre a atuação da ATEA, defendida em 2020 – afirma que há pouco destaque de mulheres à frente do ateísmo e a integração delas nos movimentos é necessária para continuidade. Diferentemente da LiHS, a APCE continua ativa nas redes sociais, e por ter uma abrangência menor, possui 746 curtidas. As postagens também contêm uma tonalidade que reflete seriedade, divulgações de entrevistas e palestras, alinhados com o propósito da Glorinha: a divulgação da ciência e identidade ateaísta. Vejamos a publicação abaixo:

Imagem 04 – Igreja como “balcão de negócios”



Fonte: Facebook (2023)³²

Com símbolo que lembra a estrutura de movimentação de um átomo, a imagem traz na descrição o artigo 19 da Constituição Federal que veda manifestações religiosas em repartições públicas. A governança do ex-presidente Bolsonaro foi conhecida pela forte presença religiosa nos seus discursos, em que declarava o país ser laico, mas contrapunha com sua identidade cristã ou de notícias de cultos em repartições públicas, algo proibido pela legislação. O texto da imagem enfatiza o descumprimento da Constituição que poderá causar danos graves à sociedade e da obtenção de riquezas através da deturpação da virtuosidade religiosa. Ao analisarem o debate público ocorrido no Supremo Tribunal Federal sobre ensino religioso que envolveu diversas organizações em prol ou contra a esta implementação em 2015, Paula Montero e Dirceu Girard (2019) afirmam que o problema perdura desde o século XIX, em que

³² Link disponível: <https://www.facebook.com/APCEDFAPCE/photos/a.135085634861427/621961952840457/>. Acesso em: 06/01/2023.

atualmente, possui nuances e discussões que ganham novos contornos sobre a disputa da laicidade e religião. Os autores tecem de modo breve a historicidade da temática, em que destaco o seguinte ponto: na era do governo Vargas, o ensino religioso estava associado a formação moral do indivíduo, em que posteriormente, a Carta Cidadania da Constituição Federal de 1988 colocava ênfase a religião como promoção da cidadania (MONTERO e GIRARD, 2019). Sendo assim, os autores analisam como os debates, com foco em 2015, colocavam em jogo a disputa do espaço público, da semântica sobre compreensão de religião – privado ou coletivo – e como ensinar – confessional ou não confessional – para sociedade civil. Isto é, os representantes não religiosos e antirreligiosos do debate, não existiria conciliação no entrelaçamento da religião e ensino religioso, pois poderia cair no proselitismo, ao invés da ênfase mais “acadêmica” sobre o tema, reflexão sobre o assunto e não divulgação dos dogmas. Como explicitado pelos pesquisadores:

Comparando-se com o debate dos anos 1990 em torno da LDB, que estava praticamente polarizado em torno de duas posições – confessionalismo vs. laicismo –, pode-se perceber que a diversificação de participantes na audiência introduziu um terceiro termo no debate, a categoria não confessional. Esta acabou por deslocar a definição do religioso para o plano do patrimônio/herança cultural. Nesse movimento, **o ensino religioso passa a ser visto como ferramenta para a produção de uma moral pública**, independente de toda religião, mas capaz de fazer do respeito à diversidade o fundamento da cidadania. (Paula Montero e Dirceu Girardi, 2019, p. 364, grifo meu)

4.5 A COMBINAÇÃO DO HUMOR E NOTÍCIA PELA ATEA

A partir de agora, descrevo com mais detalhes sobre a ATEA e seus principais meios de comunicação através do site oficial e da página do Facebook. O ano da sua fundação foi em 2008 através dos membros: Daniel Sottomaior – presidente da associação – em conjunto com Maurício Palazzuoli e Alfredo Spínola³³, que faleceu precocemente em 2016. As entrevistas cedidas por Sottomaior sobre religião e ateísmo possuem um caráter polêmico. Por exemplo, em um artigo de opinião publicado pelo Intercept Brasil,³⁴ o presidente da ATEA analisou a controvérsia do caso de José Datena ao se referir os ateus como assassinos. Em um dos programas exibidos diariamente pela Rede Bandeirantes, o jornalista e apresentador traçou uma equivalência de pessoas que cometem crimes violentos com as pessoas ateias, elas “não tem limites”, no qual o apresentador realizou uma enquete no dia para verificar a quantidade de ateus que assistiam ao programa. Com o avanço do programa e a porcentagem numérica

³³ Segundo a reportagem da Folha de SP, não houve funeral a pedido dele, em que seu corpo foi doado para faculdade de medicina.

³⁴ Link da notícia: <https://theintercept.com/2018/07/21/datena-atea-ateus-deus/>.

contrariando a sua opinião, Datena ironiza e atribui o resultado da enquete a pessoas presas votando de dentro das prisões. No artigo, Sottomaior equaliza a discriminação sofrida pelos ateus com as pessoas pertencentes a religião judaica, afirmando: “Felizmente, a sociedade não aceita mais o preconceito contra judeus. Mas dizer as mesmíssimas coisas contra os ateus está mais do que liberado”. Voltarei para este ponto da discriminação em breve.

Com o intuito de defender o Estado Laico e combater a discriminação contra os ateus e agnósticos, a ATEA é reconhecida pela dimensão importante de atuação nesse trabalho. Até a escrita da dissertação, o site encontra-se desatualizado, mas ainda é valioso por nos fornecer pistas necessárias para compreensão das suas atividades. No Facebook, já alcançou mais de 735 mil seguidores, mas a página foi excluída por motivos desconhecidos e retornando posteriormente com 15 mil curtidas. O site oficial³⁵ alega a existência de 19 mil associados em todo Brasil – dados provenientes de 2018; Representações na Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da OAB/SP; No Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos do governo do Estado do Rio de Janeiro; E no Comitê de Liberdade Religiosa do Estado do Rio Grande do Sul. Na listagem dos objetivos constatadas no Estatuto, nota-se a utilização de categorias como autoafirmação da identidade, ética secular, pensamento crítico e científico, bem como a defesa do Estado Laico. Tais pontos, como vimos anteriormente, dialogam intensamente com o movimento Neoateísta. Porém, em contraste com os posicionamentos das outras organizações citadas, a ironia faz parte do discurso. Em uma das abas, “perguntas frequentes”, a ATEA explicita várias dúvidas, na qual elenco algumas delas para ilustrar o teor argumentativo carregado de humor. Por exemplo, uma das questões discutidas é a distinção entre ateísmo e agnosticismo, em que eles fornecem uma explicação objetiva sobre o assunto, no qual esclarecem que os significados podem variar dependendo do referencial teórico, sendo o ateísmo definido como a falta de crença em deuses e o agnosticismo como a incerteza sobre sua existência. Outra questão envolve a existência de religiões ateístas, como o jainismo, que não aderem às formulações teológicas tradicionais. Uma das mais irônicas, trata-se da possibilidade de um ateu ser convidado para padrinho de casamento e como lidar com essa situação, ao qual a associação fornece a seguinte resposta.: “entendemos que não cabe à ATEA dizer se as atitudes da vida pessoal são corretas ou não. Isso é coisa das religiões. A vida é sua, a decisão é sua, então o julgamento é seu”³⁶. Outro exemplo da forte ironia sobre os costumes

³⁵ Site oficial: <https://www.atea.org.br>

³⁶ A pergunta pode ser encontrada no seguinte link: <https://www.atea.org.br/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 06/01/2023.

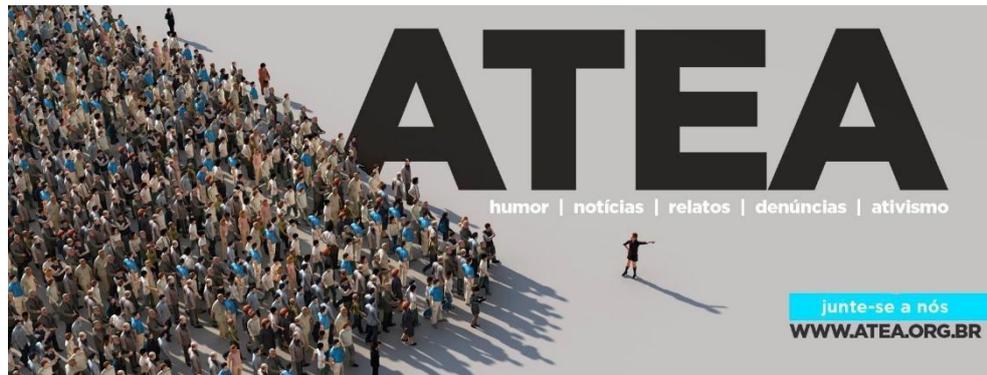
religiosos, encontramos no questionamento de como eles vivem sem Deus, que respondem: “da mesma forma que as pessoas vivem sem o papai Noel ou o Saci-pererê³⁷”. Por último, uma das que me chamou atenção é sobre a atuação de jovens na militância ateuísta, em que ilustram a inquietação sobre escola pública e crucifixo, do aconselhamento para formalização do protesto para Secretaria e contatar a ATEA caso haja alguma eventualidade.

A aba “Argumentos” serve como um guia que embasa e pauta as discussões pertinentes sobre ateísmo, como um debate imaginário sobre as principais questões que os ateus estariam enfrentando ao serem interrogados pelos indivíduos contra o movimento. Provas, evidências e argumentos são as categorias que fazem parte do vocabulário do cientificismo, e estão permeadas no texto do site. Em um dos argumentos, fala-se sobre a equalização de Deus ser equivalente ao amor. A resposta elaborada para contra-argumentação é de que os sentimentos estão localizados na “parte da cabeça”, isto é, nas respostas cognitivas baseadas nas combinações neuroquímicas e passa pelo processo de significação humana através das categorias como felicidade, tristeza, assim como Deus. Desse modo, compreendo que a ATEA posiciona as emoções e os deuses como internalizados e não se estendendo além do corpo físico. A organização afirma que os argumentos científicos não se limitam às ciências naturais, mas também se estendem às humanidades, com argumentos filosóficos que tratam o existencialismo e a utilização da História para desmentir controvérsias imaginárias, por exemplo.

Quando acessamos a rede social, nota-se de início a imagem de capa da página oficial da ATEA no Facebook: bonecos modelados em 3D representando uma multidão em um cenário abstrato, todos com olhares fixos direcionados para uma mulher que está distante deles. Apontando para direção oposta, a personagem simboliza um caminho divergente do senso comum e convencional adotado pelas massas:

³⁷ Ibidem. Disponível em: <https://www.atea.org.br/perguntas-frequentes/>. Acesso em: 06/01/2023.

Imagem 05 – Capa da página oficial da ATEA



Fonte: Facebook (2023)³⁸

Abaixo do nome ATEA, estampado na imagem, temos as seguintes *tags*: humor, notícias, relatos, denúncias e ativismo. Assim sendo, é perceptível como humor possui grande força para a associação na produção do ateísmo com tons de denúncias. Uma das publicações mais recentes que encontrei, demonstra a interseção entre religião e poder público, relatando com foco no envolvimento financeiro na criação de parques como o Pedra de Xangô, em Salvador. A colunista da Gazeta do Povo, Bruna Frascolla, chamou os opositores da iniciativa de "ateu Toddynho", usando esse meme considerado como ofensivo na internet para retratar os indivíduos como pouco sérios e infantis. Além disso, ela provocou ainda mais ao afirmar daqueles que desejam ser tratados como maioria em uma nação devem se mudar para a Suécia. Em resposta ao artigo e ao seu tom ácido, a publicação da ATEA enfatizou que o papel do Estado é manter-se neutro e não promover quaisquer preferências religiosas particulares, nem de empresas privadas. Aqui, o ponto da discussão sobre a maioria representativa dos ateus e agnósticos ativam a argumentação relacionada a rejeição e estigma de viver em uma sociedade religiosa.

Vimos que o constrangimento de se declarar ateu ou agnóstico faz parte da vida dos membros, e agrava quando estamos tratando do caso das mulheres. Como contorno disso, o dia 12 de fevereiro é comemorado o Orgulho Ateu, por causa do nascimento do naturalista Charles Darwin, como a imagem abaixo demonstra:

³⁸ Link da página pública:

<https://www.facebook.com/atea.org.br/photos/a.102083787869211/102083574535899>. Acesso em: 06/01/2023.

Imagem 06 – Celebração do Dia do Orgulho Ateu



Fonte: Facebook (2023)³⁹

“Você tem religião?”, é uma pergunta aparentemente simples que surge nas conversas triviais do cotidiano, no trabalho ou em festas sociais. De um lado da conversa, a resposta poderá vir hesitante, da sensação de querer escapar do diálogo do melhor modo, de evitar os olhos saturados de represália e incompreensão quando conseguem responder: “não acredito em Deus e deuses” ou “tenho dúvidas da sua existência”. Também há possibilidade de desviar do assunto de modo delicado ou contar aquilo que julgam ser a resposta adequada para situação e evitar problemas. E a pessoa que profere o questionamento poderá também esperar uma resposta condizente com sua realidade, em que a chance de responderem de não acreditar em Deus parecerá desencaixado e estranho. Para ambos os lados, a situação despertará o sentimento de constrangimento, de incompreensão e talvez, em pior cenário, uma discussão acalorada sobre a temática. A pequena anedota é um sentimento no qual faço parte quando questionam a minha crença, em que dependendo do contexto, o desconforto é aparente e a busca pela saída aparenta estar longe de ser alcançada. Mas, como é de se suspeitar, nem todos sentem esse temor ao responderem essa pergunta, mas desafiam, professam com orgulho que são ateus ou agnósticos. Nas entrevistas, ao perguntar sobre a identidade ateuísta ou agnóstica, recebi os seguintes relatos:

Foi um pouco chato, porque por exemplo, contei isso para minha mãe e ela desmaiou no dia que contei. Meus pais me ensinaram uma coisa, mas eu sempre tento seguir minha opinião e meu pensamento. Aí eu disse a minha mãe... meu pai tava no trabalho em outra cidade. Aí ela desmaiou mesmo de botar na cama e esperar acordar para continuar a conversa. Depois disso, ela sempre fala para os outros em relação a isso. É chato. (Lucas Mauricio)

É um pouco complicado, até com amigos, pondero sobre essas coisas. Por mais que eu seja, como te disse, muito atrelado a isso. Falo muito em rede social, e ainda não me sinto 100% livre. Tanto é que quando compartilho “posts”, principalmente em

³⁹ Link disponível: <https://www.facebook.com/atea.org.br/photos/a.102706464473610/18299825977763/>. Acesso em: 06/01/2023.

relação a piadas, sou o típico ateu piadista e usa as piores incoerências. Mesmo assim, tem certas pessoas que oculto no Instagram para não visualizar e etc, pessoas mais sensíveis em relação a isso. Não comento sobre essas coisas. (...) Tu tá amaldiçoado, minha avó já falou, quando passo por certos problemas pessoais e ela diz que não tem fé. Minha mãe é deísta e ficou só ‘hã, como assim?’. (...) Evito o máximo, já menti no trabalho e disse que não sou religioso. Não gosto das pessoas revirarem os olhos como se fosse a pior pessoa da face da terra. (João Vitor)

Como chega a ser uma escolha, as pessoas não compreendem muito bem, então para mim é um fato meio desnecessário de falar no meio da família. Eu acho que eles sabem que eu sou. Não tenho conexão nenhuma e não faço questão quando vou para alguma missa, é um momento de celebração para eles, e respeito isso, mas entre os amigos eles sabem que sou agnóstico. (...) E realmente ser religioso aqui no Brasil, principalmente no interior onde eu moro, é meio que uma associação de virtude: “ah fulano sempre vai pra igreja, deve ser uma pessoa boa”. E quando eles pensam em uma pessoa que é ateu, eles pensam que é uma pessoa transgressora e que comete blasfêmia. Não sou um tipo de pessoa que fica militando com os outros: “você não deveria acreditar”. Foi uma escolha minha e vivo assim. Então acho que realmente, têm uma vergonha sim, de uma rejeição. (Gabriel Lima)

Os excertos demonstram como o sentimento é comum e compartilhado não somente por eles, mas dos ateus e agnósticos que possuem temor e rejeição ao discutirem o assunto, em que encontramos múltiplos relatos no grupo privado da ATEA sobre como lidar com este cenário. Em outro ponto da entrevista do João Vitor, traz-se as expressões “não ter Deus no coração”, “caráter questionado” e “estigma”. Esta última, possui um ponto interessante: os ateus e agnósticos se sentem marginalizados pela sociedade amplamente cristã brasileira. O estigma, segundo o sociólogo Erving Goffman (2004, p. 8), ressalta no indivíduo “(...) uma característica diferente da que havíamos previsto”. Por meio das palavras como “amaldiçoado” e “sem coração”, por exemplo, os indivíduos são colocados em uma caixa que percebem como difícil de ser rompida, distinguindo o “eu” do “outro”, do questionamento e de não serem bem-vindos na sociedade.

“(...) ainda somos vistos com muitos estigmas e nosso caráter é questionado. (...) Religião interfere muito na liberdade das pessoas. O ateísmo e agnosticismo é uma ferramenta para o combate da opressão direta da religião”, afirma João Vitor ao comentar sobre as possibilidades de atuação e militância dos ateus e agnósticos. O discurso, assim como podemos encontrar nas entrevistas para mídias do presidente da ATEA, acionam pautas – opressão e a quantidade de números inferiores de representantes – de caráter minoritário. No ponto de vista do movimento, os religiosos estão no poder público e articulando debates sociais que deveriam ser direcionados para a sociedade com viés moralista religioso, como a questão dos direitos sexuais e do aborto (Ver CAMPOS, GUSMÃO e MAURICIO JUNIOR, 2015). Os entrevistados apontam que a constituição é laica e não deveria privilegiar os grupos religiosos em detrimento de outras demandas de caráter público. Para João Vitor, a militância ateuísta

possui o papel de trazer a visibilidade necessária para esta identidade que é menor – numericamente e publicamente – nas grandes mídias.

No grupo da ATEA há inúmeros relatos de pessoas que alegaram sofrer opressão religiosa nas escolas, trabalhos e laços afetivos. As postagens são desabafos detalhados, em que narram as histórias ou “*prints*” das conversas no aplicativo do WhatsApp. Também encontrei pedidos de conselhos para enfrentar a situação no melhor modo possível e de alertas para não copiar os comportamentos opressores que são advindos dos religiosos: racismo e homofobia. Ancorado no pensamento de Connolly sobre “minoritização mundial”, Joanildo Burity (2015) afirma que os movimentos minoritários brigam para serem notados através das suas reivindicações que geram disputas e tensões. Em conjunto com Emerson Giumbelli, o autor ressalta a utilização do vocabulário que evoca as categorias de “liberdade” e “perseguição” – e aqui no contexto da pesquisa, opressão – pelos grupos minoritários, buscando demandar a visibilidade do espaço público e “(...) autoafirmação de dignidade e reivindicação de justiça e de tratamento isonômico diante da lei.” (BURITY e GIUMBELLI, p. 13, 2020). As organizações ateístas, como constatado anteriormente, reivindicam a operacionalidade da atuação do Estado laico e a ATEA possui um extenso ativismo jurídico (Ver QUINTANILHA, 2018; TESTA, 2020) em conjunto com atuação do advogado, Thales Bouchaton e outros. Sendo assim, conforme a análise de Sabrina Testa (2020, p. 146) nos demonstra:

(...) em sua atuação perante a justiça a ATEA se apresenta explicitamente como organização religiosa. É em qualidade de tal que ela se habilita a mover processos conforme os procedimentos da Ação Civil Pública regulamentados pela lei 7347/85127. Esta indica que, para ser capaz de propor ações em matéria de religião é necessário que o requerente tenha entre seus objetivos institucionais a proteção “dos direitos de grupos religiosos”.

Assim como as pessoas LGBTQIAP+ e pessoas do movimento negro, a palavra orgulho é utilizada pelos ateus e agnósticos para autoafirmação, como uma “saída do armário”. Quando requisitei a autorização de realizar a pesquisa no grupo privado, um dos alertas da moderadora foi relacionado a discríção dos usuários, pois muitos ainda escondiam dos seus laços sociais a posição ateísta ou agnóstica. Sobre isso, a postagem fixada – datada de 2019 – no Facebook, é sobre a participação da ATEA no Supremo Tribunal Federal através do discurso representativo da advogada Maria Cláudia Bucchianeri Pinheiro. Na argumentação perante a audiência com os ministros, a advogada salienta como os ateus e agnósticos podem ser considerados grupos de caráter minoritários, vulneráveis e esquecidos. A sustentação jurídica advém das pesquisas realizadas pelo Censo e Fundação Perseu Abramo, que destacaram as seguintes porcentagens: somente 13% das pessoas votariam no ateu; 42% dizem sentir aversão aos descrentes, nos quais

dentro dessa porcentagem, 17% admitem o sentimento de ódio aos ateus. Além disso, Maria Pinheiro tece comentários sobre a constituição e a questão religiosa ser uma condicionante para formação cidadã, pois caso a pessoa esteja fora ou não queira participar desse escopo, será considerado como “cidadão de segunda”. Os relatos de ateus e agnósticos muitas vezes destacam o desafio de expressar abertamente suas crenças, principalmente em contextos políticos. Isso ficou evidente no caso de Edmar Luz que foi alvo de agressões verbais, das acusações de ser um "demônio", por ter declarado abertamente seu ateísmo durante a candidatura, conforme noticiou a reportagem da BBC⁴⁰. Como fonte da inegável inspiração do movimento LGBTQIAP+, Dawkins em conjunto com a psicóloga Robin Elizabeth Cornwell criaram a campanha “Out Campaign⁴¹”, como incentivo para aqueles que estão “escondidos” da sociedade. Como dito anteriormente, o grupo fechado possui testemunhos relatando esses embaraços sociais. Entretanto, por outro lado, existem as publicações dos ateístas orgulhosos que conseguiram escancarar as portas desse armário e colocavam fotos das tatuagens com símbolo do ateísmo. É como se carregassem uma marca no corpo para afirmar a existência e desafiar a sociedade majoritariamente religiosa pelo orgulho de ser ateu.

Em relação ao ativismo, destaco a tentativa da campanha publicitária da ATEA que tinha como intuito divulgar imagens sobre a discriminação que os ateístas sofriam pela sociedade nos outdoors dos ônibus no território brasileiro. A inspiração veio da campanha realizada em Londres com financiamento da fundação de Richard Dawkins, citado anteriormente no início desse capítulo. Aqui no Brasil, frases como “Se Deus existe, tudo é permitido” e associadas à imagem das torres gêmeas do World Trade Center, buscava estimular a sociedade a questionar sobre o papel das religiões e atuação dos ateus e agnósticos. A polêmica campanha não conseguiu aprovação, pois foi considerada como inconstitucional, agressiva e desmoralizava os valores religiosos. Paula Montero e Eduardo Dullo (2014) ao analisarem o fracasso da campanha, apontaram os conteúdos das frases para duas temáticas: a crença como problema e a moralidade. Por exemplo, a frase “religião não define o caráter” foi utilizada em comparação entre o artista Charles Chaplin e ditador Adolf Hitler. Como resposta a provocação, os religiosos substituíram a imagem com as figuras do comunista Joseph Stalin e Madre Teresa de Calcutá, em que enfatiza a “(...) chave da moralidade individual e se generaliza, passando para o plano da crítica aos sistemas políticos e instituições” (MONTERO

⁴⁰ Link da notícia: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37640191>. Acesso em: 10/12/2023.

⁴¹ Link da matéria: <https://albertmohler.com/2007/08/06/outing-atheists-richard-dawkins-launches-new-campaign-2>. Acesso em: 06/01/2023.

e DULLO, 2014, p. 66). Importante salientar que as cidades pretendidas para publicação da campanha – São Paulo e Porto Alegre, alegaram através da legislação a não efetivação, pois feria a liberdade religiosa e/ou moralidade pública (Paula Montero e Eduardo Dullo, 2014). Assim sendo, os pesquisadores apontam que para surpresa da ATEA, eles foram enquadrados como minoria religiosa e considerados como fundamentalistas nas suas proposições. Como afirmado por Paula Montero e Eduardo Dullo (2014, p. 75):

A tentativa de afirmar-se uma minoria política, espelhando-se nos movimentos negros e homossexuais, não encontra, pois, respaldo legal, estimulando a leitura da posição minoritária dos ateus na chave religiosa. Não crer na existência de Deus é percebido como uma escolha dentro do campo de possibilidades religiosas. Desse modo, a posição pretendida pelos ateus, de poder expressar publicamente suas críticas à religião situando-se ao mesmo tempo fora do campo religioso, não é uma posição historicamente possível no atual contexto social e jurídico brasileiro.

4.6 O GRUPO PRIVADO NA REDE SOCIAL FACEBOOK

Relembrando a seção de abas “perguntas frequentes” do site original da ATEA, uma das perguntas era sobre a “fanpage” do site, que apresenta o mesmo nome da organização, presidida por membros voluntários com regras internas, mas que obedecem ao estatuto oficial da associação. Na notícia referente à exclusão da página do Facebook, um dos links nos levava tanto para a nova quanto para a fanpage.

Ao entrarmos no site, somos redirecionados para o grupo privado com mais de 44mil membros, com média de 10 postagens diárias sobre os mais diversos assuntos, incluindo humor ácido sobre a religião. Como podemos verificar abaixo, o grupo se distribui desse modo:

Imagem 07 – Descrição dos dados das cidades, gênero e idade



Fonte: Facebook (2023)

De modo oficial, o Facebook disponibiliza a estatística relacionada ao gênero e faixa etária, na qual as consegui através de pedido para os administradores da página, fornecido através do *print* obtido pelo grupo na plataforma da rede social. A correlação entre os usuários e suas respectivas cidades foi obtida através de um *print* postado pela administradora do grupo em outubro de 2021 – e, dito isso, desde que entrei no grupo o número de 44 mil membros ainda continua estável. Em relação a imagem, podemos perceber, assim como Anja Finger (2017) argumenta, a predominância de pessoas do gênero masculino, bem como dos jovens entre 25-34 anos no maior percentual, como indica o censo (NOVAES, 2004). Se os jovens “sem religião” que expressam a religiosidade combinam múltiplas filiações e afastamento das instituições religiosas para experienciar de modo íntimo (Ver TEIXEIRA, 2006 e NOVAES, 2004), o posicionamento ateu e agnóstico também suscita diferentes explicações. Através dos relatos dos entrevistados, podemos ter as pistas para investigar o motivo da pessoa se tornar atea ou agnóstica:

Acredito em Deus, mas não acredito na religião católica. Eu acredito em Deus, vou para igreja. Depois, acredito em Deus e não vou na religião. E depois, acredito que existe um ser superior, mas não acredito em nenhuma religião específica. Eu acredito que foi um “degrauzinho” que foi eliminando com o tempo. (...) Lendo história, geografia, pelo menos no meu ponto de vista, que a humanidade “chegou onde chegou”, não por causa de um dedo especial. Uma porta que abriu muito para essa minha geração, que influenciou muito foi “Deus, um delírio” de Richard Dawkins. (Lucas Mauricio)

Sempre gostei muito de estudar sobre ciência, e sempre questionava aquelas coisas e incoerências, que convenhamos quando você é honesto intelectualmente, é impossível você ignorar. Por exemplo, eu me perguntava “vou estudar sobre hinduísmo e digo que o pessoal lá que idolatra o elefante é mito e fantasia, e chega, um livro sobre uma cobra que fala, ou então um homem que sobrevive dentro de uma baleia ou vinho que vira água é verdade?”. Eu sempre ficava me questionando essas coisas. (...) Ao passo que estudava e avançava na minha trajetória acadêmica, aprendi assuntos que iriam de frente ao criacionismo, e não começou a fazer sentido. Eu ainda tentei reformular na minha cabeça, por exemplo, quando começava a estudar o evolucionismo e tentava interpretar aquilo de forma conveniente com meus valores religiosos. A primeira coisa que fiz, me afundi na teoria do Design Inteligente. (...) O que começou a mudar: a minha ex-namorada me deu o livro chamado A Goleada de Darwin. Um biólogo evolucionista muito apaixonado por futebol e a base do livro é falar como o darwinismo deu uma goleada no criacionismo. Então, todas as hipóteses e fundamentos criacionistas que as pessoas tentam apontar para sustentar o criacionismo ou casar com darwinismo são totalmente falhas. E juntei isto com a filosofia. Sempre estava me questionando muito. (João Vitor)

Estudava em colégio de freira e já tinha muita essa parte religiosa. Mas sempre fui muito criado nessa cultura do medo que existe no catolicismo ocidental. E isso funcionou comigo até um certo momento, mas todas as vezes as pessoas contavam as conexões, mediunidade, sentir alguma coisa, e nunca me identificava. Era muito na base do medo, você vai para o inferno. Quando tinha uns 13 para 14 anos comecei a pesquisar sobre cientificismo, metodologia de comprovação e fiquei pensando: “eu não tenho nenhum contato com isso, nenhuma conexão, como vou ter algo que não existe?”. Como pesquisei muito, então não tem como provar que Deus não existe. (...) E fico nessa posição é a mais coerente, acho que se você não sabe sobre um fato e deve assumir a ignorância. (...). Me descobri ateu quando eu estava andando pelo

Youtube, e tem um vídeo bem famosinho da nossa época, Biblia Show, acho que era assim o nome. É uma animação bem pobrezinha de quiz show dos trechos da bíblia, e esse cara escrachava com as inconsistências da Bíblia. (Gabriel Lima)

Nos casos expostos acima, podemos perceber que a partir das leituras e inquietações sobre a realidade ao redor, os entrevistados buscaram ampliar o conhecimento e entraram em contato com a ciência e sua base metodológica. Com literatura e vídeos, as informações de cunho ateuista são disseminadas nas plataformas para transmissão da mensagem, questionar e abandonar as consideradas contradições bíblicas. No imaginário do senso comum é trivial atrelar o posicionamento da negação de Deus por meio de ato de rebeldia, e como elucidado através desses testemunhos, a faísca de questionamento que trouxe esses jovens para o movimento ateuista ou agnóstico. Como vimos anteriormente, o medo da represália e da exclusão social junta-se com a ameaça da possibilidade da existência do inferno. Durante o tempo de pesquisa no grupo privado da ATEA, encontrei postagens relacionadas ao que fez as pessoas adotarem a postura ateuista ou agnóstica, e as respostas variaram entre hipocrisia e decepção com as religiões institucionais, dos estudos científicos da área da psicologia e filosofia ou a questão de conduta de moralidade, exemplificada por um dos membros: “(...) e assim fui percebendo que eu nem precisava de um deus para ser uma pessoa do bem (...)”

Retornando para a descrição do grupo privado, em contraste com a capa da página oficial da ATEA já descrita anteriormente, e apesar das idênticas *tags*, aqui temos uma outra referência, os três primeiros cavaleiros do ateísmo, enquanto o último destaque é o renomado físico Lawrence Krauss, compondo a imagem do nome da ATEA com pano de fundo a via láctea, como podemos averiguar abaixo:

Imagem 08 – Capa do grupo privado da ATEA



Fonte: Facebook (2023)

Alguns comentários – além dos elogios – sentiam a ausência do quarto cavaleiro, Sam Harris, em que um dos membros do grupo privado afirmava com tom de aprovação a inclusão do físico Lawrence Krauss por ser considerado como mosqueteiro da causa. Conhecido também pela defesa da ciência e dos argumentos racionais contra a religião e o criacionismo, Lawrence Krauss possui uma obra de best-seller tratando da origem do universo pelo acaso. Ao lado de Richard Dawkins, o físico entrou em “turnê” pelo mundo em uma série de apresentações públicas e entrevistas com pessoas influentes – desde celebridades como Cameron Diaz, o físico Stephen Hawking e Ayaan Hirsi-Ali – para divulgação da ciência, sendo filmado e lançado como documentário, *The Unbelievers* (Os Incrédulos).

Pelo caráter privado, o usuário do Facebook deve pedir autorização de entrada no grupo, em que deve responder o seguinte questionamento: você se considera ateu, agnóstico ou teísta? No meu caso, a caixa selecionada foi de Agnóstico. Após um certo tempo, a permissão foi concedida e pude acessar o material disponibilizado. Logo na parte principal do feed de discussões, encontro duas postagens fixadas. A primeira delas, trata a importância do grupo privado ser voltado para ateus e agnósticos como um espaço de desabafo, sendo considerado como único de âmbito online na rede social do Facebook sem a presença religiosa. A outra postagem é um resumo das regras impostas pelo Facebook que encontramos mais detalhadas na aba “Sobre”. Nesta seção específica, me deparei com o conjunto de regras para publicação de conteúdos, em que a não conformidade com as determinações, caberia aos moderadores tomarem a decisão de não autorizar ou excluir as postagens posteriores que passaram despercebidas pela filtragem. Os casos que permitem a exclusão das postagens são as seguintes: a propagação das ideias religiosas e pseudociências, mostrar tragédias coletivas ou pessoais, ridicularizar terceiros, frases fora de contexto que não engajam uma reflexão para debate, reclamações de caráter não construtivos para o grupo, utilização de palavras chulas e não bloquear os administradores. Na parte de “Ficheiros”, encontrei alguns documentos compartilhados e de fácil acesso para os membros do grupo, no qual destaco alguns deles. O primeiro – datado de 2013 – é referente a vaga de moderador do grupo no formato de documento em Word, em que visava estabelecer as normas relacionadas ao horário, idade mínima (18 anos), restrição (boa comunicação para interação e examinar as postagens) e conhecer o Estatuto da ATEA, bem como identificar os tipos de falácias - *ad hominem*, *ad populum*. O documento apresenta o grupo privado como espaço receptivo voltado para os ateístas e agnósticos, com notícias para discussão como forma de congregar e união. O segundo documento, trata-se de uma conversa do WhatsApp de um professor com sua aluna em relação

à crítica do Ariano Suassuna sobre ateísmo, disponibilizada também via Word e intitulada de “Conversa filosófica”. Outro documento listado na aba, é a versão PDF da entrevista do filósofo e ateu, Leandro Karnal, acerca do seu ceticismo e dos seus laços sociais que ainda acreditam na fé e no sagrado. Já o último documento é uma série de argumentos e refutações com características de um manual que precisa ser cuidadosamente estudado para debater com os religiosos. A lista dos temas de debates está dividida entre os seguintes tópicos: Design, Experiência pessoal, Primeira causa, Aposta de Pascal, Revelação, Ciência e Fé, em que está distribuído através das seguintes perguntas:

- Argumento 1-1: “De onde veio tudo?”;
- Argumento 1-2: “O universo é governado por leis naturais”;
- Argumento 1-3: “É impossível que a complexidade da vida tenha ocorrido por acidente”;
- Argumento 2-1: “Milhões de pessoas conhecem pessoalmente Deus”;
- Argumento 2-2: “Os ateus não têm discernimento espiritual”;
- Argumento 3-1: “Todos nós temos um sentido do certo e do errado”;
- Argumento 3-2: “Se não existe um padrão moral absoluto, então não existe certo e errado absolutos”;
- Argumento 4: “Tudo teve uma causa, e toda a causa é o efeito de uma causa anterior”;
- Argumento 5: “Não se pode provar que Deus existe”;
- Argumento 6: “Deus é um ser tal que nenhum ser maior pode ser concebido”;
- Argumento 7: “A Bíblia é historicamente confiável”;
- Argumento 8-1: “Há muitos cientistas que acreditam em Deus”;
- Argumento 8-2: “A nova ciência da física quântica está a mostrar que a realidade é incerta e menos concreta”;
- Argumento 9: “A crença em Deus não é intelectual. A razão é limitada”;
- Argumento 10: “Há forte evidência de poderes psíquicos”;

Antes de adentrar no humor, chamo atenção de estarmos diante de um grupo que posiciona o religioso como antagônico, vil e da necessidade do corte das ramificações para não ocorrer o perigo de atingir mais ainda ao cenário público. Em relação a este ponto, trato brevemente sobre o tópico da etnopsicologia ocidental que nos auxilia a compreendemos este posicionamento.

4.7 A ETNOPSICOLOGIA ATEÍSTA

Considero o naturalista Richard Dawkins uma das vozes mais ressoantes na defesa da ciência. Com a alcunha de “pitbull de Darwin”, o biólogo defende o dono da aparente periculosidade da influência religiosa na sociedade, fortalecendo os estereótipos através dos comentários ácidos nas palestras de divulgações científicas. Na sessão inicial do seu livro – Deus, um delírio –, Dawkins ironiza as acusações do comportamento ateu considerado como estridente na defesa da ciência. Pois, segundo o autor, a “(...) fé religiosa é dona de um privilégio

único: estar além e acima de qualquer crítica”. A resposta evidencia o jogo de acusações inerente na argumentação, em que o movimento ateu aponta a religião como algo nefasto, enquanto os religiosos argumentam que eles são irônicos e estridentes. Isto é, Dawkins baseia-se de que ao duvidar da fé, algo incontestável pelos religiosos, o torna um desvio de padrão estabelecido pela sociedade que não segue a maioria. A crítica científica direcionada para religião é associada pela ideia de “clareza” e, conseqüentemente, hostil, na percepção de Richard Dawkins (2007). E como vimos anteriormente, a capa da ATEA elucida justamente esse ponto: o ser humano que consegue escapar dessa ilusão propiciada pela massa religiosa. Ora, estamos lidando com uma “etnopsicologia ocidental” de cunho ateu, que não está muito distante do pensamento progressista estabelecido pelas sociedades. Elaborado por Catherine Lutz (1988), o conceito nos ajuda a compreender como o pensamento ateu e agnóstico é articulado no movimento. Assim sendo, a etnopsicologia é referente a interpretações estabelecidas nas relações sociais, do “eu” e “outro”, em que “(...) explica a variação interpessoal e intrapessoal, e ambas se constroem e derivam das observações das pessoas sobre mudanças na consciência, ação e relacionamentos” (Catherine Lutz, 1988, p. 83, tradução minha). Não obstante, os polos da emoção em contraste com o pensamento ou distanciamento, muda o caráter de avaliação entre os indivíduos. Se emoção é diferente da razão, ela é concebida como negativa e não requerida nos diálogos compreendidos como racionais (Ver Catherine Lutz, 1988). E caso a emoção seja par de contraste com o distanciamento, ganha contornos de positividade, visto que ser considerado distante em determinados contextos não é bem visto pelas sociedades, especificamente, as ocidentais (Ver Catherine Lutz, 1988). Conforme Alison Jaggar (1988, p. 158) nos demonstra, “o positivismo estipulou que um conhecimento fidedigno podia ser estabelecido por métodos que neutralizassem os valores e as emoções dos cientistas individuais.” Isto é, as emoções são vistas como incontroláveis e irracionais, obscurecendo a razão e o ceticismo e afastando os indivíduos do comportamento socialmente aceito. Podemos citar como exemplo, as ciências da natureza, com seu vocabulário técnico e suposta neutralidade, atribuir as respostas agressivas dos homens ao hormônio da testosterona, estabelecendo diferenças de gênero nas sociedades (Ver COELHO e REZENDE, 2010). No entanto, se a paixão retratada na literatura torna o indivíduo a cometer atos impensáveis para declarar sua emoção à amada, por meio da ciência, é traduzida como descargas provenientes de ligações químicas e hormonais que possuem data de validade.

É interessante notarmos como a emoção dependendo do contexto poderá mudar o valor atributivo – positivo ou negativo – para determinados grupos: a progenitora deverá ser emotiva

para sua prole, enquanto em ambiente de trabalho, a emoção deverá ser escondida (COELHO e REZENDE, 2010). E aqui, a religião está ligada a emoção, descontrole, algo que deve ser contido para não propagar a fé ou, em casos extremos, os ataques terroristas. A etnopsicologia é apresentada como a necessidade da mudança do comportamento religioso entendido como desviante da razão, cercada pelas explicações rasas e carentes do saber científico. Como lembra Vinciane Despret (2011, p. 31): “Atribuir a emoção a uma categoria coletiva pode então significar sua exclusão do espaço político”. E a partir disso, chamo atenção para o humor, considerado estridente pelos religiosos, como gerenciamento das emoções e disciplina para o pensamento do secularismo, em que a piada é uma chave para destrancar as portas da ignorância e atravessar o caminho para iluminação científica. A piada, assim sendo, também estabelece hierarquias com aquilo que é diferente e não desejado, em que considero como um reforço da moralidade (Ver Catherine Lutz, 1988). Ao refletir da acusação de falta de seriedade acadêmica, Dawkins diz:

Não cabe a mim dizer se fui bem-sucedido, mas minha intenção estava mais próxima da de um golpe duro, mas bem-humorado, do que da polêmica histórica. Nas leituras em público de Deus, um delírio, esse é exatamente o trecho que garantidamente produz uma boa risada, e é por isso que minha mulher e eu sempre o usamos como abertura para quebrar o gelo com uma nova platéia. Se eu pudesse me aventurar a sugerir por que o humor funciona, acho que diria que é o desencontro incongruente entre um assunto que poderia ter sido expresso de forma estridente ou vulgar e a expressão real, numa lista compridíssima de latinismos ou pseudoacademicismos ("filicida", "megalomaníaco", "pestilento"). Meu modelo aqui foi um dos escritores mais engraçados do século XX, e ninguém chamaria Evelyn Waugh de histórico ou estridente (até entreguei o jogo ao mencionar seu nome na anedota que vem logo depois, na página 55).

A etnopsicologia do ateísmo valoriza muito o humor como parte integrante da subjetividade do ateu. Produzir ateus não significa apenas produzir indivíduos céticos e racionais, mas também sarcásticos e irônicos. E compreendo uma relação implícita aqui: religião e ignorância contra ateísmo e inteligência. Isto é, a mentalidade apresenta um ponto de vista que retrata a religião como perigosa devido a sua suposta produção de indivíduos irados. É sugerido a criação do caos pelos discursos e práticas religiosas enquanto a ciência cria a organização e disciplina a razão. Contudo, ponto que colocar a razão como neutra e inofensiva é ingênuo, e pode ser contestada pelos exemplos da bomba atômica na Segunda Guerra Mundial ou das terapias de choque para “correção” da homossexualidade, em que especialistas como médicos contribuíram para ações prejudiciais. A razão não está imune de ser pervertida ou causar violência. Segundo Leonardo Moreira (2014), a ciência é utilizada pelos quatro cavaleiros como a autoridade necessária para desvanecer do pensamento religioso, em que é um “estorvo” para a modernidade.

Assim sendo, o intuito do capítulo foi partir do geral para o específico, e por fim descrever o objeto de pesquisa, não deixando de lado a exploração da etnopsicologia ateísta. Isto é, busquei descrever sobre o Novo Ateísmo e da forte influência existente pelo mundo através da figura dos quatro cavaleiros (ou mais) com posições críticas contra a religião, em prol da ciência e razão. Ricardo Oliveira da Silva (2020) afirma que as organizações – ATEA, LiHS e APCE – estão em busca da defesa da identidade ateísta, divulgação científica e ética secular, bem como a defesa do Estado Laico. A moralidade e ética está permeada nas discussões, desde a implementação do ensino religioso no Brasil até na formação cidadã da sociedade, da moral pública. Contudo, a ATEA utiliza humor como complementar ao seu discurso, e encontrado fortemente também no grupo privado. No próximo capítulo trato como os memes discutem moralidade e a construção da subjetividade ateísta e agnóstica. Antes de tudo, é novamente necessário, citar a importância do cuidado da pesquisa em anonimizar e trazer as discussões de modo pertinente, sem colocar juízo de valor nos assuntos, buscando compreender as atividades ateístas. Pois afinal, o grupo é uma espécie de refúgio em que os membros compartilham o pensamento e desabafam sobre as dificuldades da identidade e das discussões sobre o papel da religião na sociedade.

5 A PRÁTICA DO ATEÍSMO: A MENSAGEM DO SECULARISMO ATRAVÉS DO HUMOR

Acusado pelos fariseus de expulsar os demônios das pessoas através do poder de Belzebu, Jesus diz que o pecado da blasfêmia contra o Filho do Homem, ainda obtém o perdão, mas aquele que comete esse pecado contra o Espírito Santo, jamais alcançará essa graça. O teólogo William Macdonald (2010) ao analisar a passagem, levanta a dúvida de se realmente o pecado pode ser considerado imperdoável, visto que o discurso abre margem para dúvidas. Na visão do autor, aquele que falta na hesitação e não possui escrúpulos ao praticar o pecado contra o Espírito Santo é que recairá na qualidade de imperdoável.

A explicação acima refere-se a doutrina cristã, que diferente das outras religiões, as formas de reivindicações são consideradas pelo senso comum como brandas, visto que nos países do denominado Oriente Médio, as respostas jurídicas são mais rígidas – multas ou pena de morte. Assim sendo, a blasfêmia não está somente nos escritos sagrados, mas também articulado a constituição de cada país. A representação de Maomé por meio de imagens engraçadas, por exemplo, ocasiona inflamação nas mídias e dos fundamentalistas da religião muçulmana em torno da discussão. Segundo Virginia Villa⁴², na matéria publicada pela *Pew Research Center* em 2019, cerca de 40% dos países estudados (79 de 198) possuem a lei da blasfêmia e 22 países (11%) da apostasia, que é referente ao abandono da fé.

No Brasil, o deputado federal Fernando Rodolfo propôs o projeto de lei N.º 1.276⁴³ para inclusão da blasfêmia no código penal brasileiro, prevendo até seis anos de prisão. Reconhecendo como país laico, o texto demonstra a preocupação do desalinhamento entre liberdade de expressão e ofensa religiosa, ou de financiamento público relacionado a eventos que insulte os membros do cristianismo. O Art. 208 do Código Penal, na opinião do deputado, é insuficiente. Segundo Túlio Vianna⁴⁴, professor de Direito Penal da UFMG, quando a pessoa não consegue exercer sua liberdade através do seu credo devido às zombarias e ataques, estamos tratando sobre crime de honra. E acrescenta: “um Estado não pode ser considerado laico se seus cidadãos não tiverem o direito de blasfemar”. Em outras palavras, Túlio Vianna ressalta o

⁴² O link da notícia: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2022/01/25/four-in-ten-countries-and-territories-worldwide-had-bl blasphemy-laws-in-2019-2/>. Acesso em: 15/12/2022.

⁴³ Link da notícia: <https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/fernando-rodolfo-propoe-projeto-de-lei-contrablasfemia/9700/>. Acesso em: 06/01/2023.

⁴⁴ Publicado pela Folha de SP: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/12/direito-a-blasfemia.shtml>. Acesso em: 06/01/2023.

constrangimento do exercício da liberdade religiosa como problema jurídico, e as críticas sobre as práticas religiosas, devem estar no escopo da análise jurídica.

O artigo de opinião de Túlio Vianna foi compartilhado na página oficial da ATEA. Entretanto, o termo "blasfêmia" não é prevalente nas postagens do Facebook, visto que os membros não estão preocupados em apontar o humor como algo desrespeitoso ou temor de não receberem o perdão divino. Em uma das postagens públicas, a título de exemplo, compartilharam a frase do influencer digital Felipe Neto: “Procurando na Bíblia a parte em que Jesus falou: ‘tacai coquetéis *molotov* para defender minha heterossexualidade jamais praticada’”. A citação foi proferida no período das discussões inflamadas do polêmico filme do Porta dos Fundos – lançado no mês natalino de 2019 – que recontava a história de Jesus e colocava dúvidas sobre sua sexualidade. Em um dos comentários encontrados no conteúdo, o usuário utilizava a passagem do livro de Reis que retrata a zombaria de Elias contra a fé dos fariseus, como se fosse uma carta valiosa e escondida nas mangas, para os cristãos que discordavam das piadas contidas no filme do grupo de comédia. Isto é, a linguagem do cristianismo soava como contraditório para este usuário, pois quando se tratava da fé dos outros, era permitido a jocosidade. Na imagem abaixo, podemos observar outra utilização da categoria:

Figura 09 – Sobre a blasfêmia



Fonte: Facebook (2023)⁴⁵

Aqui, a blasfêmia não está sendo utilizada como um argumento para apontar a contradição cristã, mas como algo que silencia os não religiosos, sendo falso crime que corta a

⁴⁵ Link da imagem na página pública:

<https://www.facebook.com/atea.org.br/photos/a.102706464473610/308429177234670/>. Acesso em: 06/02/2023.

crítica e costura a boca para manutenção de supostos privilégios religiosos. Desse modo, a blasfêmia parece se tornar um dos exercícios intelectuais para os ateus e agnósticos contestarem a massa religiosa, buscando provocar a reflexão da inconsistência interna cristã.

5.1 O EXERCÍCIO DA BLASFÊMIA

Em outro momento, no grupo privado, descobri a piada relacionada a escrita de “deus” no smartphone e a correção automática para “Deus” com maiúsculo, simbolizando grau de importância e respeito, nos quais os usuários alegavam que era necessário reescrever e colocar novamente na grafia minúscula. Os comentários com risadas e relatos de situações semelhantes, os membros brincam com a ideia de “doutrinação” habilitada pelo sistema de correção do celular. Abaixo, a imagem ilustra um campo de feno com Jesus de seios e vestes femininas, com o sol fazendo alusão ao halo dos santos. A frase provocativa encontrada na imagem, alude a lacuna de conhecimento sobre as relações amorosas e sexualidade de Jesus Cristo, quebrando a visão pura e sagrada. Posto isso, os próximos tópicos tratarão dos memes utilizados que ilustram as discussões tecidas anteriormente que estão no âmago do Novo Ateísmo.

Imagem 10 – Os namorados de Jesus



Fonte: Facebook (2023)

5.2 A PANDEMIA SALVADA PELA CIÊNCIA

Na época da pandemia da COVID-19 mais intensa, com noticiários alarmantes e a quantidade de números mortos aumentando drasticamente, as medidas eficazes de segurança sanitárias incluíam a utilização de álcool e gel nas mãos, bem como máscaras sanitárias específicas que vedavam e criavam uma muralha entre os indivíduos. Sair de casa não era opção, mas quando necessário, escutávamos o tempo inteiro dos nossos entes queridos: “está levando a máscara?”. As duas medidas eram e ainda são benefícios para sociedade na prevenção

de transmissão de doenças respiratórias. Como sabemos disso? Através do método científico, testes e amostragens para demonstrar a aplicabilidade positiva do uso dos utensílios, na opinião dos ateus e agnósticos. A resposta científica foi rápida, reduzindo anos de pesquisa para criar a solução em formato de vacina. Contudo, no Brasil, presenciamos religiosos indo para igreja sem as devidas máscaras indicadas para o combate do vírus. As razões eram diversas para isso, desde a proliferação das “*Fake News*” ou fé no Deus que iria salvar a todos. Vejamos a imagem que foi colocada como irônica no grupo:

Imagem 11 – A religião como salvadora de vidas

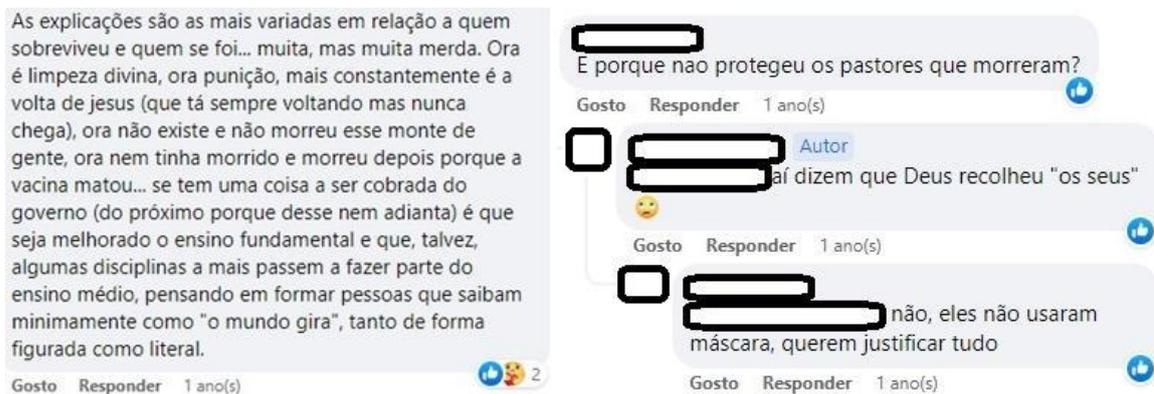


Fonte: Facebook (2023)

As máscaras penduradas no varal de roupa no anoitecer com uma cidade de fundo, como se no final do dia, a pessoa foi salva e está no seu lar. A imagem é simples, mas traz a sua mensagem: utilizando a máscara – ou talvez não – quem decide o destino é Jesus. Um dos versículos mais conhecidos para quem viveu em ambiente cristão é da folha que só cai da árvore pela permissão Dele. A mensagem é poderosa e traz paz para os que acreditam e depositam a sua fé. Porém, a imagem foi colocada no grupo, no qual o usuário ironiza a ideia da mãe confiar no recado. A imagem provavelmente poderia ser interpretada com intuito de trazer sentimento de paz e poder de Deus para os religiosos, mas torna-se incompreensão e ironia pelos ateus e agnósticos do grupo. Um comentarista do *post* fez uma piada sobre Jesus ser o responsável pela pandemia, sugerindo que tudo está sob autorização divina, até mesmo o uso de máscaras é permitido por ele. Outro membro enfatizou o papel do governo em investir na educação primária e médio para ensinar como funciona o mundo (Imagem 12). O print abaixo também é

interessante por ressaltar o questionamento sobre os pastores que faleceram diante da COVID-19, e da resposta para indagação: "Aí dizem que Deus recolheu "os seus" (Imagem 12):

Imagem 12 – Comentários da postagem



Fonte: Facebook (2023)

Vejamos outra inquietação abaixo em formato de indagação que não passa pelo humor, mas sim, o conteúdo das respostas:

Imagem 13 – Bíblia versus artigos científicos

Porque as pessoas preferem mais ler a Bíblia do que artigos científicos?

102

72 comentários

Fonte: Facebook (2023)

Os artigos científicos são considerados importantes, pois divulgam os resultados dos dados para os demais pares da comunidade que avaliam e põem à prova os argumentos. A linguagem é técnica, se estivermos centrados nas temáticas da natureza e saúde, por exemplo, ou analíticas quando tratamos da subjetividade humana ou de outras finalidades que a vasta área das humanidades se propõe a discutir. A Bíblia, para os ateístas e agnósticos que contribuíram com a resposta, é um livro que a sociedade não exigiria esforço intelectual para compreender, por se tratar de histórias com explicações consideradas fáceis. Considero pertinente esse posicionamento, pois parece ignorar a área da teologia que aprofunda e investiga a Bíblia na busca de imersão dos ensinamentos cristãos. Além dos que se posicionaram –

alegando ser argumentos “rasos”, fábulas e que nunca leram a bíblia toda – um dos integrantes elaborou, a partir da sua subjetividade, que é uma resposta cômoda para as seguintes questões: “De onde viemos? Por que estamos aqui? E pra onde iremos?”. Assim sendo, para este membro em particular, a religião fornece as respostas existenciais e inquietantes, de modo que seja palatável para quem busca esta resposta.

Nas duas imagens, e dentre outras múltiplas espalhadas no grupo, pode-se observar a ciência e pensamento crítico como alicerce fundamental para uma postura ateísta. Isto é, Jesus e os personagens bíblicos representam fontes de inspiração para os fiéis religiosos e desempenham um papel significativo em uma sociedade enraizada no cristianismo como a nossa, e não surte o efeito desejado nos que se recusam a seguir esse “rebanho” e “massa”, por interrogarem os preceitos e atitudes morais. Entendo que, conforme analisado previamente, o conceito da autoridade científica – fundamentado na formação acadêmica do indivíduo – introduz novas figuras a serem seguidas. Nesse contexto, vemos a substituição de Deus pelo naturalista Charles Darwin, e Jesus por Richard Dawkins, entre outras trocas que refletem o conhecimento científico.

5.3 O DISCURSO RELIGIOSO COMO SINAL DE LOUCURA

Era muito alto, passava por vários planetas, eu lembro de passar perto dos anéis de saturno. Olhava o globo terrestre atrás, irmãos amados, a terra é redonda, a terra não é plana (...). O anjo queria me levar pra ver mais de perto, mas eu tinha pavor, um medo tão grande, porque tudo em volta dele era escuridão, galáxias mais escuras, e eu ficava tremendo de medo, o que seria que o Senhor queria de mim? Porque, eu estava com medo e tremia, o anjo olhou para mim com olhar de desaprovação porque o intento de Deus era me levar ali, mas o medo me impediu irmãos. (...)

O trecho foi retirado do vídeo intitulado Guardiães do Céu⁴⁶, produzido pelo canal de entretenimento e humor no Youtube, What?, com mais de 25 mil inscritos. Por meio da animação gráfica de estilo 3D e trilha sonora, a narração é de uma pessoa e meme conhecido na internet, a pastora Nadir, que detalha seu encontro com um anjo que a levou para viajar pelas galáxias até chegar aos reinos do Céu. O canal dramatiza o relato com intuito de divertir os inscritos por considerar absurdo de uma pessoa contar esta história. Porém, os testemunhos da pastora Nadir, desde os encontros com Jesus, viagem ao inferno e modos de cristão de viver, não é motivo de piada. Considerada irreverente pelo público com seu jeito de falar, das vestes típicas associadas ao pentecostalismo, a pastora utiliza sua autoridade religiosa para contar em vídeo as experiências. O vídeo descrito foi compartilhado no grupo privado da ATEA, em que

⁴⁶ Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=FaU1eofjc60&t=16s>. Acesso em: 06/02/2023.

muito dos comentários eram sobre a “viagem” associada à loucura, com provável utilização de drogas, como alguns usuários comentaram em tom jocoso. Em outra mensagem do usuário, ainda tinha algo proveitoso desse relato: a terra, pelo menos, não era plana.

Imagem 14 – O encontro da pastora Nadir com anjo



Fonte: Facebook (2023)

Os pastores são figuras reconhecidas pela sociedade brasileira, costumeiramente associados a ternos e gravatas, com bíblias debaixo do braço, pregando nas igrejas a palavra encontrada na Bíblia. Nas mídias, podemos encontrá-los nos programas e canais de tv religiosos com suas pregações enfáticas, consideradas estridentes pelas pessoas que não fazem parte do meio, e das matérias jornalísticas que tratam sobre a religiosidade ou alguma polêmica. Na minha adolescência, lembro de uma febre de compilado de vídeos feita pelo canal de humor, Mundo Canibal⁴⁷, que reunia recortes de pregações de vários pastores desconhecidos e os associava a eles com apelidos jocosos. Com uma narração e dublagem debochada e irritante para provocar risos de quem a escuta, presenciávamos nos vídeos os pastores rodopiando ou falando as “línguas estranhas”. Isto é, os pastores sendo ridicularizados nas mídias pelos seus trejeitos e modos de falar não é novidade. E no grupo privado da ATEA, não foge da regra ao comentarem sobre isso. Por exemplo, publicaram um vídeo datado de dezembro de 2021, com os pastores Wanderson e Michele em relação a uma venda de balão com ar ungido e profético, como podemos ver na imagem abaixo:

⁴⁷ Link do vídeo do Mundo Canibal: https://www.youtube.com/watch?v=WCGCCb4sT_Y. Acesso em: 04/02/2023.

Imagem 15 – Balão ungido



Fonte: Facebook (2023)

Segundo eles, a pessoa poderia adquirir esse ar contido no balão por 500 reais, e o indivíduo seria capaz de quitar dívidas e conquistar outros objetivos da vida. O conteúdo é proveniente de uma sátira dessa dupla que está no Youtube com o canal Pr. Wanderson e Michele⁴⁸, que deixam claro serem humoristas na biografia. Nos comentários na ATEA, alguns usuários comentaram com tom de indignação, pois pensavam que o vídeo era real, afirmando ser caso de polícia ou de não quererem trabalhar. Um dos usuários colocou a suspeita do conteúdo ser uma brincadeira, mas que não deixa de denunciar a realidade, pois podemos encontrar copo d'água, óleo de peroba ungidos pelo Espírito Santo.

Uma das minhas memórias é de estar no culto da “virada de ano” na Igreja dos meus pais, em que aconteceu a seguinte cena: o pastor fazia a pregação, descrevendo as metas alcançadas e as promessas do que ainda estaria por vir de realizações da igreja, até o dado momento referente ao pedido da oferta – qualquer contribuição de valor em dinheiro que seu coração desejar – e o dízimo, a quantia de 10% do salário. Com a maquina de passar o cartão de crédito em mãos, os obreiros – nomenclatura para as pessoas que trabalham na igreja – passavam de fila em fila para que a pessoa pudesse realizar seu pagamento. Não era obrigatório e fazia quem tinha condições. Com a música que sempre tocava na hora do dízimo, enquanto as pessoas dançavam entusiasmadas, escutei um casal atrás, provavelmente convidado de

⁴⁸ Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=2HqsyRWzFgw>. Acesso em: 17/01/2023.

alguém dizer em tom de deboche: “até com maquineta eles tem para pegar dinheiro das pessoas”. A frase não é de se espantar, visto que no senso comum, a associação entre dízimo e “roubo” é bastante presente. A questão também é trazida em várias postagens na página oficial da ATEA e do grupo privado, ora com tons de humor ou relatos que denunciam a suposta corrupção dos pastores. Abaixo, a imagem 15, é do desenho norte americano, Os Simpsons, em que o personagem principal ironiza a compra da bebida alcoólica através das mentiras, dizendo que é pastor, como uma espécie de autorização para enganar as pessoas. Chamo atenção para essa imagem, pois além da “denúncia” do roubo, temos o símbolo da página Blasfemadores⁴⁹, outro grupo de cunho ateuista com alcance de 65 mil seguidores e de caráter público. Como podemos perceber, as postagens nem sempre são originais, mas compartilhamentos de páginas e grupos que brincam com a religião, no qual podemos identificar através do selo que os identificam, uma ramificação com intuito de furar a bolha e alcançar outras pessoas pelos algoritmos similares.

Imagem 16 – Pastores como ladrões de dinheiro



Fonte: Facebook (2023)

No entanto, o humor irônico do grupo não se limita apenas aos pastores como alvo, no qual os comentários ácidos também eram destinados para figuras dos padres, por exemplo. Para elucidar tal ponto, descrevo um vídeo encontrado no grupo privado.

Ao som da trilha musical do conjunto de canto gregoriano conhecido como Era, porém, com elementos sonoros característicos da música eletrônica que não fazem parte do conteúdo original, vemos um padre – ao lado de mais duas pessoas – inalando a fumaça da maconha por

⁴⁹ O grupo foi apagado, e atualmente existe a página Blasfemadores 3.0 com 12mil curtidas: <https://www.facebook.com/Blasfemadores3.0>. Acesso em: 06/01/2023.

meio de um *bong*. Logo em seguida, o vídeo⁵⁰ corta para um momento surpreendente, apresentando outro padre dançando de forma frenética no centro da igreja, sincronizado com as batidas da música eletrônica, criando a ilusão de que seja o padre inicialmente mencionado. Com uma breve pesquisa, descobri a fonte original do vídeo: o canal *Cut*⁵¹ tinha convidado um padre, um rabino e ateu para fumarem maconha juntos e compartilhem a experiência, bem como conversarem sobre a existência do Deus cristão. Apesar dos poucos comentários se resumirem em risadas, o vídeo postado na ATEA demonstra que a religião cristã é um dos seus alvos preferidos de demonstração do quanto ridículo podem soar o comportamento na visão deles. Um dado interessante que notei no andamento da pesquisa foi de ter presenciado poucos conteúdos sobre religiões não cristãs, como relativos às matrizes africanas. Não possuo resposta definitiva para isso, mas penso que está relacionada a pouca expressividade pública e até nas notícias. Isto é, como demonstra Sabrina Testa (2020, p. 240):

No Brasil, o ativismo antirreligioso não espelha, como aquele de Dawkins, a religião em abstrato, nem em qualquer modelo claro de religiões abraâmicas. Ao nível do ativismo e dos ativistas em suas ações cotidianas, a descrença não se molda com relação a qualquer construção teológica, mas vis à vis as religiões que existem no entorno e são socialmente relevantes.

A batalha do movimento ateísta é contra ao poder das religiões estabelecidas no poder das sociedades. Contudo, por mais que fosse a maioria das postagens, presenciei piadas de outras matrizes religiosas. Por exemplo, foi compartilhado também em vídeo de uma festa para Rosa Caveira com a presença da entidade Maria Farrapo. Em um ambiente que lembra uma sala de casa ou de apartamento, um grupo de pessoas – vestidas de roupas casuais ou trajes brancos – estão ao redor de um homem vestido de Maria Farrapo, com cigarro na mão, rindo e cantando seu Ponto, acompanhado pelas batidas nas mãos e dos toques dos tambores. Em certo momento, a pessoa se ajoelha no chão do local e se deita, momento em que a entoação da canção vai ganhando mais força. Para o indivíduo da postagem, a religião estaria validando a insanidade mental dos envolvidos na situação. Isto é, neste caso, os comentários geraram um debate interessante, em que uns ressaltaram a necessidade dos religiosos de fazerem parte de uma identidade que compartilhem os mesmos valores e do sentimento de especial. O comentário do usuário afirma que o capitalismo provoca no indivíduo essa lacuna preenchida pela religião, que nesta específica, afirma que podemos ser deuses e os espíritos. A argumentação, como vimos anteriormente, está relacionada a Karl Marx: o capitalismo destruiu

⁵⁰ Devido ao caráter fechado do grupo, os links não são compartilhados para fora das redes. Contudo, os vídeos são facilmente achados no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=eY9sf7vBiZg>. Acesso em: 05/01/2023.

⁵¹ O vídeo completo: https://www.youtube.com/watch?v=TFzy1l_WoAs. Acesso em: 05/01/2023.

o modo de viver da sociedade, e a religião seria o escape necessário para identificação e ludibriamento do nosso estado emocional.

Entendo que a graça de cada piada em formato de meme aqui colocada expressa a religião na sua contradição, como se tivesse levantado um véu da ilusão e expondo a verdadeira prática dos religiosos: corruptos, loucos e imorais. Assim sendo, cabe a pergunta: o que este humor está nos ensinando?

5.4 A PEDAGOGIA DO HUMOR

Discuti os modelos teóricos e finalidades das teorias do humor no capítulo 1. Não penso que elas – superioridade, alívio e incongruência – devam ser tratadas como caixas que colocamos as piadas em cada uma delas para fácil identificação. No entanto, estou mais preocupado em desenvolver o que humor poderá nos indicar como ponto de partida para compreensão do ateísmo. Segundo a antropóloga Elsje Lagrou (2006) ao estudar o poder do riso no povo indígena Kaxinawá, nos apresenta a brincadeira de se “tornar branco”, o *damiain*. Este conceito chave para compreensão da cosmologia *Kashinawa*, demonstra através das imitações o comportamento do “outro branco” como bêbados e incapazes de se movimentar, jogados pelo chão como alvo e motivo de gargalhadas. A figura do branco é uma ameaça conhecida para os povos indígenas, e esta mimetização jocosa, ridiculariza o poder ostentado por eles (LAGROU, 2006). Saliento que a brincadeira constatada pela antropóloga é expressada através do corpo e especificamente no contexto indígena, mas para minha pesquisa, penso ser um interessante ponto de partida e fornece pistas iniciais para compreensão da mensagem do riso e daquilo que é perigoso. Em outras palavras, um dos propósitos do humor é desestabilizar a autoridade percebida como dominante. Compreendo na minha pesquisa que os religiosos são vistos pelos ateus e agnósticos como detentores desse poder.

Os ateístas e agnósticos, bem como outras expressões não religiosas, convivem em sociedade com os indivíduos que professam alguma fé. Inclusive, na sociedade brasileira é difícil nos depararmos com famílias e laços sociais que não possuam algum tipo de religiosidade. A capa da página oficial do Facebook retrata um lobo solitário no meio da multidão que poderá mudar os caminhos daqueles que o escutarem, equiparando-o a um ato de coragem. Os *Kaxinawás* fazem jocosidade da ameaça branca através da imitação para lembrar que o comportamento errôneo não está longe de ser repetido por eles, pois está ali no dia a dia da convivência. E no caso dos ateus e agnósticos, as relações sociais também estão pautadas nesse conflito com outro diferente, considerado conhecido, em que a graça é feita para apontar

seus equívocos, de lembrar que o comportamento religioso não deve ser imitado. Do que estão rindo? O interlocutor João Vitor diz: “É rir do absurdo. Como justificar o homem mais forte do mundo perder a força por um corte de cabelo? (...)”. Segundo Lagrou (2006, p. 73),

Mostra que o outro representa sempre uma possibilidade latente do ser, presente em nós mesmos, e se associa a uma teoria relacional da identidade, em que o outro pode se tornar igual a nós mesmos e o mesmo pode se tornar outro. O bêbado que se torna violento e ao mesmo tempo desajeitado, a ponto de cair desmaiado no chão onde permanecerá por horas, por exemplo, é uma cena nenhum pouco estranha à experiência kaxinawa. É um cenário associado à convivência com o branco, mas que de maneira alguma caracteriza um comportamento exclusivo dos seringueiros.

A imagem 11, demonstra que a realidade social dos religiosos de atribuir o salvamento do COVID a Deus, e não as medidas sanitárias – máscaras e utilização do álcool em gel – contrasta com o posicionamento científico adotado pelo grupo da ATEA. Isto é, a construção do estereótipo da incapacidade intelectual dos religiosos de seguirem a ciência, posiciona o indivíduo como diferenciado que busca uma iluminação, os “*Brights*”, (Ver Flávio Gordon, 2010) fora da massa, em que a religião sempre estará à espreita para “enfeitiçar” a mente e tornar o indivíduo “mais um” na sociedade. É creditada a ciência o papel de uma aliada necessária para o combate dos considerados equívocos que estão vigentes no discurso religioso, como podemos verificar nos relatos de Lucas, João e Gabriel:

Religião é a ciência que não teve resposta. Sem estudo, sem análise e feita pelo conhecimento popular. (...) Deus não só não curou o câncer ainda porque a ciência ainda não inventou, pois quando aparecer a cura, vão aparecer os milagres. (...) A ciência não é democrática, mas não quer dizer que ela profba você de ir lá e contestar ela. (...) A ciência não é uma nova religião. (Lucas Mauricio)

(...) A própria ciência pode estar errada. (...) Avançamos muito, tem muita coisa a ser descoberta, não precisa vangloriar a ciência. Mas saber que tipo, pelo menos o básico, não precisa ser inteligente assim pra você ver que não tem fundamento. (...) Uma pessoa que segue a ciência ou um cientista de verdade, ele é muito sábio perante a isso. Ele tenta até medir as palavras dele. (João Vitor)

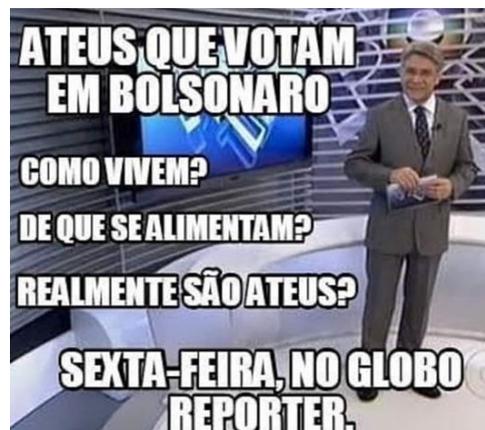
É um princípio da ciência de ter que ser questionada, no momento que não for mais, não é mais ciência. Esse é o diferencial com a religião. Existe realmente um dogma científico, como se fosse um parâmetro. Já fiquei muito perto de glorificar a ciência, e quando você vai estudando e percebe que existe muita briga no meio científico. (Gabriel Lima)

O pensamento dos entrevistados reflete um posicionamento científico perante a realidade, arrancando o suposto encantamento que existe no mundo ocasionado pela religião. Se esta última, as palavras como fé e crença são citadas comumente, aqui elas são substituídas por método e contestação. No pensamento científico, a leitura da verdade é alcançada pelo estabelecimento de parâmetros e tentativas que resultam na sucessão de erros até chegar ao ponto do consenso da comunidade acadêmica atestar a evidência como factível, e portanto, a

verdade. Desse modo, os discursos que incluem deuses, energia, espíritos e outras respostas místicas ao que ainda não foi traduzido para linguagem científica, torna-se inválido e descartável. Em um dos momentos da entrevista com João Vitor, por exemplo, é ressaltado o problema do contexto geográfico: a religião do hinduísmo não destina a sua fé naquele que transformou água em vinho ou de outrem que sobreviveu em um estômago da baleia, mas sim, no animal sagrado que anda livremente pelas cidades da Índia e não deve ser sacrificada: a vaca. Isto é, além de considerarem “absurdo” a proposta que desvia do saber científico, a religião esbarra no problema da universalidade, sendo diferente em cada local do mundo.

Os comentários políticos sobre a última gestão do ex-presidente Bolsonaro era um tópico recorrente no grupo, em que os membros postavam inúmeras matérias jornalísticas sobre a influência evangélica nas ocupações dos cargos do governo. As notícias apontavam as articulações dos pastores influentes, como Silas Malafaia e Edir Macedo, em defesa da moralidade religiosa. No ano de 2020, tivemos a indicação do ministro André Mendonça – considerado “terrivelmente evangélico – para o cargo no Supremo Tribunal Federal. Os comentários no grupo da ATEA eram de desaprovação e indignação em relação a isso, como também de cobrança da opinião dos “bolsoateus” sobre a nomeação do ministro. Para eles, seria uma contradição o ateu e agnóstico apoiar a governança que privilegia a moralidade religiosa, como se o comportamento não estivesse condizente com as atitudes, refletindo uma imitação da postura evangélica diante dos problemas sociais. A imagem abaixo foi postada em conjunto com o texto criticando André Mendonça:

Imagem 17 – “Bolsoateu”



Fonte: Facebook (2023)

A piada é um ataque à estrutura vigente que está no controle, como vimos com Mary Douglas (1968), enquanto nas sombras reside uma revelação esperando ser exposta. Os entrevistados nos deram pistas do que está oculto,

A gente tem a bancada evangélica, mas não vê bancada do candomblé, não vê bancada espírita, ateuísta ou só laica. Não falo nem sociedade ateuísta, mas de uma sociedade laica, que defende a laicidade. E também na educação primária das crianças porque lá se forma o caráter das pessoas. Se você não educar a criança a respeitar a religião do próximo, você pode fazer parte de uma e que ela não deve ditar as regras de onde você vive. Acho que são esses dois lugares muito importantes para a militância deve focar e de maneira democrática, sem extremo. Tentar ser radical demais assusta quem está do outro lado e quem está acima do muro. É algo de pequenos passos. (Lucas Mauricio)

O que me fez conectar o ateuísmo como causa: as atrocidades que eu vi nesse último governo, misturando Estado com religião, as posições extremistas e injustiças. Reconheço o legado cultural que elas têm, mas isso também não é nenhum mérito. (...) E me dá uma sensação de nojo quando o pessoal vem falar de cristofobia ou de intolerância, porque essa não é a realidade do Brasil e na América no geral, pois você sendo cristão goza de vários privilégios. (João Vitor)

É importante uma militância na hora de separar a democracia da religião. Porque, elas realmente não se combinam e nem se misturam. E temos que deixar bastante claro que o Estado não deve se meter em nada, nem a favor nem contra a religião. (Gabriel Lima)

O sentimento de antirreligiosidade, tanto no grupo da ATEA quanto nos entrevistados, é visível. Lucas Mauricio, em certa parte da entrevista, supõe que a religião poderá vir desaparecer com os avanços tecnológicos da ciência e atingindo o ápice do progresso. Para João Vitor, as religiões não existiriam. Gabriel Lima, indica que ela deve estar no âmbito íntimo da privacidade. Contudo, por mais que o discurso antirreligioso esteja presente, e diante da aparente impossibilidade das religiões desaparecerem, a defesa deles é voltada para separação do Estado e Religião. O posicionamento dos que adotam o secularismo, como nos lembra Saba Mahmood⁵² (2019, p. 50), é de se colocar como “tolerante, satírico e democrático” enquanto a religião é de comportamento “acrítico, violento e tirânico”. Isto é, o cristianismo torna-se alvo das piadas pelas suas ramificações cada vez mais presente na estrutura hegemônica – judiciária, por exemplo – do Brasil, refletida nas ações da denominada bancada evangélica.

As piadas e deboches que vimos relacionados a diversos assuntos, buscam confrontar o poder evangélico, como modo de denunciar suas práticas, não podendo ser imitado o comportamento desviante, para que o oculto – o secularismo – seja iluminado. É a afirmação desta realidade escondida que deveria invadir os cenários da vida (Ver BERGER, 1997). A

⁵² No artigo, a antropóloga analisa a polêmica dos cartuns que representavam a figura do Maomé no ano de 2005.

figura do piadista, afirma Mary Douglas (1968), ganha um status mágico, torna-se intocável por um instante de tempo, sendo capaz de revelar os problemas da estrutura principal. Desse modo, os piadistas denunciam a religião que está no poder, e exibem os discursos que acreditam estar repletos de misticismo, falta de senso crítico e não aderência à ciência. É este papel que desvela – aqui trazendo o pensamento de Joanna Overing (2000) – a risada boa para a sociedade que comunica e estabelece o correto e incorreto. A partir dessa doutrina do secularismo, essa separação entre Estado e religião que a ciência poderá tomar a sua frente para conduta ideal nas sociedades. A ciência é de caráter público, enquanto a religião, caso não seja extinta pela argumentação racional, desejo de alguns membros, deveria estar na esfera do privado. Sendo assim, o pensamento do cavaleiro Hitchens sobre a imoralidade da religião é materializada através da contradição do fazer religioso denunciado pelas imagens e vídeos, comportamento abominado pelos membros. E um ponto precisa ser destacado: a religião revelada pela ATEA é reprodução dos estereótipos permeados no imaginário social. Os atores sociais criticados são caricatos e que representam uma ala menor da complexidade do cristianismo brasileiro, e inclusive, podemos encontrar materiais que exemplificam as reprovações dentro do meio religioso. A generalização é a regra para fazer humor que enquadra a todos pertencentes às religiões e os colocam como estereótipos, refletindo a falta de aprofundamento ou desconsideração de atitudes contrárias daqueles perante às figuras famosas das religiões tradicionais. Portanto, seguindo o pensamento dos antropólogos Galina Oustinova-Stjepanovic e Ruy Blanes (2017) sobre a importância da contextualidade ao compreendermos o que é ser ateu ou agnóstico, reflito que esta reivindicação de identidade na sociedade brasileira, assim como constatado por Sabrina Testa (2020), está estabelecida no confronto com o poder religioso que está imbricado no poder público.

Os memes, em formato de imagens e vídeos, transmitem a denúncia do atraso das sociedades como se estivessem mergulhadas na ignorância propagada pela religião. E não somente isto, pois possui caráter disciplinador, uma pedagogia para construção da subjetividade ateu e agnóstico. A moralidade religiosa é substituída pela científica, em que a verdade declarada no livro sagrado é trocada pelas teorias e jargões técnicos. Se os indianos afirmam que o mundo foi criado pela dança cósmica de Nataraja, os astrônomos apontam os telescópios para o céu em busca dos resquícios do Big-Bang. Se a pessoa busca o Reiki para a cura dos seus males através do realinhamento da troca de energia, os cientistas afirmam a ineficácia do método e sugerem um médico “de verdade”. Se os cristãos alegam a ressurreição de Cristo, os naturalistas pedirão evidências ou provas biológicas da capacidade do corpo de reproduzir o

fenômeno. As máscaras, o afastamento social e utilização de instrumentos sanitários são consideradas eficazes pelo grupo da ATEA, pois passaram por método comprovado e com a possibilidade de teste ao redor do mundo. As atitudes dos pastores e discursos de encontro com Jesus são alvos de piadas por representarem a falha da moralidade religiosa e não condizente com a realidade científica.

Sendo assim, desenvolver um senso de humor pode ser considerado um aspecto fundamental do desenvolvimento da autorreflexão e da racionalidade. Joanna Overing (2000) destaca que o humor pode servir como uma ferramenta moral, ajudando a moldar os indivíduos e coibir comportamentos indesejáveis dentro de uma comunidade. Ao usar o humor para zombar de certos comportamentos, torna-se uma forma de ensinar e moldar formas de ser social e coletivamente desejáveis.

O pensamento do secularismo narra os eventos da história esquecendo os problemas ocasionados por essa doutrina, como as guerras mundiais e Grande Fome da Ucrânia, e enxergam a religião como causadora de múltiplas tragédias (Ver CASANOVA, 2010). Os modernos, segundo Latour (1994), dispararam uma flecha em direção ao progresso, no qual compreendo o posicionamento do movimento ateuista representa a religião como atraso de mentalidade que impacta o desenvolvimento. Contudo, assim como a página oficial da ATEA e do grupo privado, em que vimos o acionamento do discurso minoritário, ela comporta-se como religião, como movimento ambíguo, sendo parte e oposição à religião – como alude o título da tese da Sabrina Testa (2020). Pois, não sendo possível a educação laica desejada pelos membros através das escolas primárias com a fase infantil, ensinando o respeito às religiões – enfatizando a pluralidade – e explicações científicas sobre o surgimento e utilidade para a sociedade, a pedagogia através do riso disciplina essa subjetividade em consonância com os ideais do secularismo. Colocando questionamentos, dúvidas, discussões e divulgação científica, os memes possuem o objetivo de “salvar” e “converter” (Ver TESTA, 2020; QUINTANILHA, 2018; MOREIRA, 2014) o religioso preso no feitiço. Adotando a perspectiva do secularismo – tomando para si, como diz Gabriel Lima ao falar do ateísmo – o indivíduo estará liberto dos malefícios da religião e a enxergando como problema social. É a iluminação científica desejada pelo barão d'Holbach, que eleva o indivíduo na moralidade e acima das incoerências religiosas (LEDREW, 2015).

Ora, parece que estamos diante de um impasse: gramáticas intraduzíveis perante a visões de mundos contrastantes. O arco-íris é a promessa do Deus cristão para a humanidade, enquanto

para os ateístas e agnósticos empossados da perspectiva científica, retrata o fenômeno como processo físico-químico de reação à luz solar. Os argumentos religiosos aparentam ser entediados ou repassados com verbetes que a falta de sentido é imperativo (LATOUR, 2004). Assim como os ateístas e agnósticos, o pesquisador poderá cair na tentação de questionar: É verdade? Isto que descrevi, podemos denominar como a perigosa armadilha da comunicação do duplo-clique, alertado por Bruno Latour (2004). Os enunciados da verdade religiosa e científica não podem ser congelados, como alude o título do seu ensaio, e esvaziados de sentido, em que as perguntas sobre acreditar no Deus cristão tornam-se equivalentes a acreditar no aquecimento global (LATOUR, 2004). É uma incompatibilidade, em que ele diz:

Ocorre que a primeira questão não traz nenhum dos instrumentos que permitiriam o prosseguimento da referência, e que a segunda conduz o locutor a um fenômeno ainda mais invisível do que Deus ao olho desarmado, uma vez que para chegar a ele devemos viajar por imagens de satélite, simulação computacional, teorias de instabilidade da atmosfera terrestre, química da alta estratosfera... (LATOUR, 2004, p. 370)

Para compreender os dados que estão invisíveis aos nossos olhos e a consequente produção da verdade científica, os instrumentos dos cientistas operam e viabilizam novas visões do mundo ao nosso redor. Assim sendo, Latour (2004) analisa a incomensurabilidade da religião e ciência com objetivos distintos, em que a primeira está atenta a “palavra encarnada”, viva e pertencente ao tempo presente enquanto a ciência tenta alcançar os mundos invisíveis nos laboratórios mediados por modelos, teorias e cálculos. De acordo com Márcia Grisotti (2008), o pensamento latouriano não negava a realidade, mas sim, de querer dissociar o conceito vigente da natureza fria e a-histórica, de elucidar como os fatos científicos são construídos nos laboratórios.

Porém, não penso que os caminhos estejam totalmente inseparáveis. Afinal, os estudos da religião e secularismo demonstram a dificuldade de separar as esferas, em que cada tentativa coloca dúvidas e não clarifica a complexidade. As explicações tecidas por cada grupo não escapam da realidade, mas são tecidas de modos diferentes. O humor com objetivo de educar as pessoas no secularismo está baseado nos estereótipos construídos para retratar o cristianismo, por exemplo. Em contraste, cito o caso da atual ministra do Meio Ambiente, Marina Silva⁵³ que por mais seja contrária a ideia do aborto, se posiciona como adversa ao retrocesso do direito social e estabelece o assunto como pauta para debate de saúde pública. Outro exemplo: a

⁵³ Link da notícia publicada pela Veja: <https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/marina-silva-sobre-aborto-e-preciso-debater-e-sem-retrocesso/>. Acesso em: 06/01/2023.

atuação da Coalizão Evangélicos Pelo Clima⁵⁴, com mais de 30 líderes religiosos na organização, que discutem as temáticas sobre clima e importância da preservação do meio ambiente, com interpretação das passagens bíblicas como justificativa para o cuidado do planeta. O ponto não é sobre se o anjo Gabriel apareceu para Maria e anunciar a vinda de Cristo e quão absurdo isso aparenta para a realidade científica. Mas de como as visões de mundos conflituosos e contrastantes, podem entrar em consonância e visar o bem-estar da sociedade.

⁵⁴ Link da matéria feita pela UOL: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/evangelicos-se-unem-pelo-meio-ambiente-sob-ameacas-de-morte-e-divisoes/#page1>. Acesso em: 06/01/2023.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O motivo desta dissertação surgiu através da minha inquietação da maciça utilização do humor para retratar as religiões. Por mais que a minha identificação como agnóstico tenha ocorrido desde a fase da adolescência, brincar com o religioso era algo distante e impensável. Afinal, qual era a necessidade de fazer jocosidade com a religião dos outros?

Com tentativa de elucidar tal questionamento, aprendemos a tornar as nossas inquietações em problemas a serem pesquisados, transformar em uma pergunta que seja capaz de desvelar uma teia de pensamentos e práticas do grupo, bastando puxar somente um fio e seguir o caminho para compreensão da questão. Com a minha entrada nas redes sociais em busca das discussões sobre ateísmo e agnosticismo, as imagens e vídeos considerados engraçados pelos membros mostravam as religiões como algo absurdo, inacreditável, tolo e massa de manobra. Qual o motivo de acreditar em um homem que ressuscitou após 3 dias do seu túmulo? Como acreditar no nascimento do salvador da humanidade por uma virgem? Qual a lógica por de trás da espera do apocalipse? As perguntas – utilizando do humor – eram vistas através dos aparelhos de celular ou do notebook como se a mensagem precisasse ser difundida e plantar, no mínimo, dúvidas para quem as assiste.

A pesquisa foi realizada em tempos de pandemia da COVID-19, em que o isolamento social era a regra determinada pela Organização Mundial da Saúde, a OMS. Sendo totalmente online, o principal instrumento de trabalho foi o notebook, em que observei as interações do grupo e compartilhamento das imagens e vídeos sobre o assunto. As entrevistas foram concedidas por Lucas Mauricio, João Vitor e Gabriel Lima, que adensaram através dos seus relatos os pontos principais da pesquisa. Desse modo, busquei explorar o que o ambiente online poderia proporcionar para entender o pensamento e prática do objeto de pesquisa que era a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA).

A página do principal grupo de coletividade ateuísta, a ATEA, com data da última publicação de 2022 na rede social do Facebook, reúne as principais pautas, entrevistas e humor. Como descrito anteriormente, a tag humor consta na capa de identificação da página do grupo, não deixando dúvidas que faz parte da abordagem da associação. Mas o meu foco não foi a página pública, visível para todos que acessam a rede social, mas o grupo privado que continua ativo – com mais de 10 postagens por dia – e que precisa de autorização para acessar o conteúdo. E clicar para solicitar acesso, é declarar sua subjetividade: você é ateu, agnóstico ou teísta? Com base na informação dada, o membro é aceito no grupo. Quando foi permitida a minha

entrada, os conteúdos eram colocados de diversos modos: testemunhos de aflições sobre a identificação ateísta, discussões científicas sobre o universo, indicações de livros e não deixando de lado, o humor. Desse modo, é interessante notar como esse elemento faz parte do discurso e materializa o pensamento dos ateístas e agnósticos encontrados no grupo. Assim sendo, o problema de pesquisa estava posto: Qual mensagem e aprendizado o humor da principal organização do Brasil, a ATEA, tem para nos dizer?

Com o andamento da pesquisa, ficou clara a oposição ácida à religião, como uma linha tracejada para estabelecer a diferença do eu do outro. Desse modo, precisei compreender e complexificar a identidade dos ateístas através do aporte teórico analisado por autores. O livro *História do Ateísmo* do historiador francês George Minois trata desde a antiguidade até a contemporaneidade, as declarações e entendimentos sobre as pessoas que se identificavam como ateístas, no qual busquei desenvolver alguns pontos. E um deles, foi o posicionamento da virtude da não alienação provocada pela religião, como se estivessem escapados da escuridão da ignorância, e alcançado a luz proporcionada pelo Iluminismo, em que atualmente alguns se denominam como *brights* (Ver Flávio Gordon, 2010). Com Elsje Lagrou (2006), vimos que o povo indígena Kaxinawá riem do poder estabelecido pela hegemonia do homem branco por meio do ritual que mimetiza o comportamento não tolerado, e que jamais deve ser repetido. A piada, afirma Mary Douglas, ataca a estrutura e revela o oculto, algo que está nas espreitas e que emerge através da figura do piadista, considerado intocável durante o processo. Este líder é mestre na arte de despertar o “bom riso”, na análise de Joanna Overing (2000), da coesão social, indicando a moralidade que reside no comportamento considerado “certo” ou “errado”. Assim sendo, compreendi o humor como a transmissão da informação de que os comportamentos errôneos não devem ser tolerados e imitados, pois a moralidade ateísta é a que deve ser seguida e apreendida pela sociedade. Diante disso, outra pergunta precisava ser esclarecida: de quem eles estavam rindo?

A religião é um fenômeno que está intrínseca na vida das pessoas, na qual elas podem afirmar, negar ou apenas conhecer as cosmologias e explicações das dúvidas existenciais da humanidade. O indivíduo, de algum modo, está relacionado com o fenômeno. E não podemos negar o caráter também complexo da religião, em que o intuito do capítulo 2 era de retirar a aparente superficialidade apresentada pelo movimento ateísta e agnóstico. E com as discussões dos antropólogos Talal Asad e Charles Hirschkind, compreendemos que ela anda em paralelo com o secularismo, ou melhor, emaranhada como um novelo de lã que torna dificultoso a possibilidade de determinar o início de uma ou outra, uma separação, e não sendo uma tarefa

proveitosa. A narrativa do secularismo coloca a religião como geradora de conflitos (Ver José Casanova, 2010) e que após o ataque do 11 de setembro, um grupo de ateus militantes surgiu para questionar o papel dos religiosos na sociedade, que beirava o perigo do extremismo. Novo ateísmo é o nome do movimento, que pesquisadores apontam a heterogeneidade, e também não há nada novo para ser identificado. No caso, é interessante percebermos a voz atuante dos militantes – Richard Dawkins, por exemplo – que realizam palestras internacionais sobre os temas que dominam – naturalismo e física – para explicar a sociedade. Desse modo, compreendo que estamos diante de uma etnopsicologia ateísta que retrata a religião como fruto de ilusão, opressora e atraso evolutivo que impactam o progresso da humanidade. Isto é, nessa visão de mundo, a ciência natural é capaz de fornecer o aporte necessário para compreender a moralidade e ensinar as crianças a verdade por meio do método científico, buscando tornar o mundo cada vez menos desencantado (Ver MOREIRA, 2014). Assim sendo, somente através da ciência e método que a humanidade poderá combater a ignorância. É instigante como a construção desse pensamento impacta no grupo da ATEA.

No censo brasileiro de 2010, os “sem religião” estão em torno de 8%, no qual somente 1% se declaram como ateus ou agnósticos. A representação numérica é mínima e questionada pela associação, por enfatizarem o receio da declaração da identidade ser alvo de incompreensão e opressão. “É a revirada dos olhos quando digo que sou ateu”, como lembra o interlocutor João Vitor. Assemelhando com as narrativas dos movimentos sociais de sexualidade e movimento negro, em que existe o dia internacional para saída do armário. Não obstante, encontrei testemunhos da opressão e situações constrangedoras sofridas nos laços sociais praticados pelos religiosos. O argumento está pautado nas reivindicações de grupos minoritários, que se sentem perseguidos pela hegemonia. Rir é a descarga de alívio desse absurdo – como denominou João Vitor – destes que detém o poder, não somente nas relações, mas também no Estado. Em atuação na defesa do “ser ateu e agnóstico”, associações como LiHS e APCE, atuam juridicamente nos casos. Contudo, as duas organizações citadas estão articuladas e argumentos com base na seriedade. Diferentemente da ATEA, que flui entre ações jurídicas e humor nas redes sociais, sendo criticada por esta última pelos influencers ateístas.

Os memes no grupo privado possuem como alvo preferido o cristianismo, vigente no Brasil desde os tempos de colonização, que entrelaça a moralidade religiosa com assuntos que deveriam ser destinados para todos pertencentes à sociedade. O pastor, então, torna-se o ladrão que rouba dinheiro para enriquecer. Os testemunhos dos cristãos sobre as experiências do sagrado são vistos como transtorno mental e quem profere precisa de internação psiquiátrica.

Atribuir a Deus, e não a ciência, estar vivo na pandemia que ocasionou a morte de milhões ao redor do mundo é demonstrar ignorância perante ao método científico. A visão ateísta coloca a religião no lugar do inadmissível.

O riso antirreligioso busca reverter a opressão do cristianismo na sociedade, revelando o secularismo e a incompatibilidade com a moralidade religiosa. Na individualidade, os interlocutores, Lucas Mauricio e João Vitor, se declaram como antirreligiosos, que o desejo é da não existência da religião. Mas que compreendem, no senso de coletividade social, a não possibilidade disso e defesa do Estado Laico. A religião poderá existir, contanto que não interfira na liberdade de decisão do outro. E é irônico refletirmos que a atuação do movimento para reivindicar seus direitos, utilizam argumentos de minoria de caráter religioso para ser escutado (BURITY, 2015) e até lutar para o exercício religioso adequado para sociedade (TESTA, 2020 e QUINTANILHA, 2018). A centralidade da religião e a dependência desta, coloca o movimento ateísta diferente do internacional, não por combater algo abstrato e metafísico, mas que lhe são conhecidos (TESTA, 2020) e estão no poder público. Os valores da religiosidade expressados no grupo são substituídos pelo secularismo, da ciência que questiona e avança com a flecha do progresso. A linguagem materializada pelo corpo não deve reproduzir o ilógico. Porém, uma ironia reside nesse pensamento: assim como a religião, é preciso salvar este corpo religioso e convertê-lo para ciência, em que o vocabulário da fé e crença é substituído pelas categorias de evidências, provas e resultados. Os interlocutores apontam que existe uma tendência do movimento em abraçar a ciência como verdade última, algo não compartilhado por eles (e talvez parte do grupo), do perigo de se tornar uma nova religião que não questiona, pois, a boa prática científica é interrogadora.

A produção e eternização das verdades científicas ocorrem nos laboratórios, torres de marfim, como denomina Bruno Latour (1994). O perigo do duplo-clique é inerente no movimento ateísta, em que a pergunta, fria e seca (LATOUR, 2004) toma lugar da fluidez dos mediadores. O cientista precisa dos instrumentos para acessar esse mundo invisível aos nossos olhos nus, para revelar outra visão de mundo (LATOUR, 1994). O religioso não está preocupado com isso, mas sim, na manutenção da palavra viva.

Portanto, concluo que questionar se Jesus curou a lepra na antiguidade, não é a pergunta a ser feita, mas sim, de como visões contrastantes do mundo podem ser conciliadas, como acordo diplomático, para pensar nos problemas permeados na sociedade. O caso de Marina Silva explicitado no último capítulo, exemplifica que o cristianismo, ou qualquer outra religião, a possibilidade do debate através do pragmático, da realidade que está diante dos nossos olhos.

O questionamento de qual explicação “cosmológica” ou científica para o aquecimento global e derretimento das calotas polares não é o central. Mas, como ambas as articulações buscam solucionar o impasse, o problema ambiental constatado pela realidade, de reverter a situação que afeta não somente a sociedade, mas ao planeta.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. **A escrita contra a cultura – Writing Against Culture**. Equatorial, Natal, v.5, n. 8, p. 193-226, 2018.
- AMERICAN ATHEISTS. What is atheism?. **AMERICAN ATHEISTS**, Cranford, NJ. Disponível em: <https://www.atheists.org/activism/resources/about-atheism/>. Acesso em: 06/01/2023.
- APCE. APCE - Ass. Ateísta do Planalto Central II. **Facebook**, 8 de Setembro de 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/APCEDFAPCE/photos/a.135085634861427/621961952840457/>. Acesso em: 06/01/2023.
- APTE, Mahadev. **Humor and laughter: An anthropological approach**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1985.
- ASAD, T. Reading a Modern Classic: W. C. Smith's "The Meaning and End of Religion". **History of Religions** 40(3): 205–222, 2001.
- _____. (2010). A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos De Campo**: São Paulo, 19(19), 263-284.
- ATEA. Capa pública. **Facebook**, 2 de Outubro de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/atea.org.br/photos/a.102083787869211/102083574535899/>. Acesso em: 06/01/2023.
- ATEA. Blasfêmia. **Facebook**, 27 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/atea.org.br/photos/a.102706464473610/308429177234670/>. Acesso em: 06/01/2023.
- ATEA. ATEA no Supremo Tribunal Federal. **Facebook**, 05 de outubro de 2019. Disponível em: https://fb.watch/iF_sBOPxm4/. Acesso em: 06/01/2023.
- ATEA. 12 de fevereiro dia do Orgulho ateu. **Facebook**, 12 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/atea.org.br/photos/a.102706464473610/18299825977763/>. Acesso em: 06/01/2023.
- BAINBRIDGE, W.. Atheism. in: CLARKE, Peter B, **The Oxford handbook of the sociology of religion reference**, Oxford University Press: Oxford, 2009
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo:Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BAUER, Martin e GASKELL, George Gaskell. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 516 p
- BERGER, Peter L. **Redeeming laughter: The comic dimension of human experience**. Berlin:Walter de Gruyter, 1997.
- BERNARDO, André. Preconceito, agressividade e desconfiança: como é ser ateu no Brasil. **BBC**, São Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37640191>. Acesso em: 10/12/2022.

BLANES, Ruy Llera; OUSTINOVA-STJEPANOVIC, Galina (Eds.). **Being godless: Ethnographies of Atheism and Non-Religion**. 2017

BLASFEMADORES. Página oficial. **Facebook**, julho de 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/Blasfemadores3.0>. Acesso em: 06/01/2023.

BLOG DA FOLHA. Fernando Rodolfo propõe projeto de Lei contra 'blasfêmia'. **Folha de PE**, Pernambuco. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/fernando-rodolfo-propoe-projeto-de-lei-contrablasfemia/9700/>. Acesso em: 06/01/2023.

BRUMANN, Christoph. Writing for Culture: Why a Useful Concept Should Not Be Discarded. **Current Anthropology**, Chicago, 40, Supplement, S1-S27, 1999.

BULLIVANT, S. Explaining the rise of ‘nonreligion studies’: Subfield formation and institutionalization within the sociology of religion. *Social Compass*, 67(1), 86–10, 2020.

BURITY, Joanildo. Religião e democratização no Brasil: reflexões sobre os anos 80. **Cadernos de Estudos Sociais (FUNDAJ)**, v. 10, n.2, p. 167-192, 1994.

_____. Minoritização, Glocalização e Política: Para Uma Pequena Teoria da Translocalização Religiosa. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 30, p. 31-73, 2015.

BURITY, Joanildo; GIUMBELLI, EMERSON . Minorias Religiosas: identidade e política em movimento. **RELIGIÃO & SOCIEDADE**, v. 40, p. 9-18, 2020.

CAMPBELL, C. **Toward a Sociology of Irreligion**. London: Macmillan, 1979.

CAMPOS, Roberta; GUSMAO, E. H. A. ; BARROS JUNIOR, C. M. . A disputa pela laicidade: Uma análise das interações discursivas entre Jean Wyllys e Silas Malafaia. **Religião & Sociedade**, v. 35, p. 165-188, 2015.

CANDIDO, Marcos. Evangélicos pelo clima. **ECOIA UOL**, São Paulo. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoia/reportagens-especiais/evangelicos-se-unem-pelo-meio-ambiente-sob-ameacas-de-morte-e-divisoaes/>. Acesso em: 06/01/2023.

CARRANÇA, Thaís. Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e Rio. **BBC**, São Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>. Acesso em: 15/01/2023.

CASADO, José. Marina Silva sobre aborto: “É preciso debater, e sem retrocesso”. **VEJA**, São Paulo. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/marina-silva-sobre-aborto-e-preciso-debater-e-sem-retrocesso/>. Acesso em: 06/01/2023.

CASANOVA, J. O Problema da Religião e as Ansiedades da Democracia Secular Europeia. **Revista de Estudos da Religião**, p. 1-16, 2010.

COINTELEGRAPH BRASIL. Há um ano, o Facebook se tornou Meta: Veja os resultados até agora. **Exame**, São Paulo. Disponível em: <https://exame.com/future-of-money/ha-um-ano-o-facebook-se-tornou-meta-veja-os-resultados-ate-agora/>. Acesso em: 06/01/2023.

COLEMAN, S. Zonas fronteiriças: ética, etnografia e o cristianismo “repugnante”. **Debates Do NER**, 1(33), 271–312, 2018.

COLOSSODERHODES. Mundo Canibal em Os Pastores Super Poderosos Pt. 1. **Youtube**, 1 vídeo (4:02). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WCGCCb4sT_Y. Acesso em: 04/02/2023.

COTTER, C. New Atheism, Open-Mindedness, and Critical Thinking. In Cotter, Christopher R., Philip Andrew Quadrio, and Jonathan Tuckett (eds). 2017. **New Atheism: Critical Perspectives and Contemporary Debates**, Dordrecht:Springer.

COYNE, Jerry. Yes, there is a war between science and religion. **The Conversation**, EUA. Disponível em: <https://theconversation.com/yes-there-is-a-war-between-science-and-religion-108002>. Acesso em: 10/12/2022.

DAWKINS, Richard. **Deus, Um delírio**. Companhia das Letras, SP, 528p, 2007.

DAWKINS, Richard. Other books show that religion is nonsense. 21 de set de 2020. **Twitter: @RichardDawkins**. Disponível em: <https://twitter.com/RichardDawkins/status/1307926049494310912?t=EI2xCpEsiSc2SRtHFI150A&s=19>. Acesso em: 06/01/2023

DAWKINS, Richard. “Don't call people's beliefs a virus, that's like calling people cockroaches. Very offensive and unnecessary”. 29 de jul de 2019. **Twitter: @RichardDawkins**. Disponível em: <https://twitter.com/RichardDawkins/status/1155888034266701826?t=D1IyCVlzY00i0tpbCF AapA&s=19>. Acesso em: 06/01/2023

DAWKINS, Richard. Listen to this decent, intelligent young man trying to explain something, quietly & respectfully. 03 de maio de 2018. **Twitter: @RichardDawkins**. Disponível em: <https://twitter.com/RichardDawkins/status/992052680821497857?t=U5e-pkBi7b6Qzs9BaOSG9A&s=19>. Acesso em: 06/01/2023

DAWKINS, Richard. Religion and science are incompatible. 22/12/2018. **Twitter: @RichardDawkins**. Disponível em: <https://twitter.com/RichardDawkins/status/1076418253398847488?t=pnTDybc-49cZfo1yrcqtWQ&s=19>. Acesso em: 06/01/2023

DESPRET, Vincianne. 2011. “As ciências da emoção estão impregnadas de política? Catherine Lutz e a questão do gênero das emoções”. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 1: 29-42.

DOUGLAS, Mary. The Social Control of Cognition: Some Factors in Joke Perception. **Man**, New Series, Vol. 3, No. 3, p. 361-376, 1968.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins.Fontes, 2008.

EAGLETON, T. **Humor: O papel fundamental do riso na cultura**. São Paulo: Editora Record, 2020

FINGER, Anja. Four Horsemen (and a Horsewoman): What GenderIs New Atheism?. Christopher R., Philip Andrew Quadrio, and Jonathan Tuckett (eds). 2017. **New Atheism: Critical Perspectives and Contemporary Debates**, Dordrecht:Springer.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana (Org.). **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAIER, Rodrigo. Número de evangélicos cresce 61% no Brasil, diz IBGE. **Terra**, São Paulo. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/numero-de-evangelicos-cresce-61-no-brasil-diz-ibge,c0addc840f0da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 11/11/2022.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989

GRISOTTI, M.. A construção dos fatos científicos e a existência dos vetores de doenças. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, p. 93-103, 2008.

GUERRA, Guilherme. Facebook cresce número de usuários para 2,96 bilhões e dá sinais de saída da crise. **Terra**, São Paulo. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/facebook-cresce-numero-de-usuarios-para-296-bilhoes-e-da-sinais-de-saida-da-crise,f28c265754d3a601651b2e7460048f9fukajhum1.html>. Acesso em: 06/01/2023.

HINE, C., PARREIRAS, C., & LINS, B. A. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos De Campo** (São Paulo - 1991), 29(2), 2020.

HINE, C. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. (Org.). **Etnografia e consumo midiático: Novas tendências e desafios metodológicos**. 1ed. Rio de Janeiro: e-Papers, 2016, v. 1, p. 5-10.

HIRSCHKIND, Charles. Existe um corpo secular?. Translated by Asher Brum, Henrique Fernandes Antunes. **Relig. soc. [online]**. 2017, vol.37, n.1, pp.175-189.

JAGGAR, Alison M. (1988). Amor e conhecimento: a emoção na epistemologiafeminista. In: JAGGAR & BORDO. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: editora Rosa dos Tempos.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: EDUSC, 2002

LAGROU, Els. Rir do poder e o poder do riso nas narrativas e performances kaxinawa. **Revista de Antropologia** (São Paulo), v. 49, p. 55-90, 2006.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1994.

_____. "Não congelarás a imagem", ou: como não desentender o debate ciência-religião. **MANA** 10(2), p. 349-376, 2004.

LEDREW, S. **The Evolution of Atheism: The Politics of a Modern Movement**. (Oxford: Oxford University Press, 2015); 280 p

LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica* - **Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 42, 11 maio 2018.

LIHS. Instruções: Acessar o endereço abaixo, salvar o pdf e levar até a gráfica. **Facebook**, 17 de julho de 2013. Disponível em:

https://www.facebook.com/LigaHumanista/photos/pb.100067361797059.-2207520000./675191715831289/?type=3&locale=hi_IN. Acesso em: 06/01/2023.

LIHS. Bem-vindo à Liga Humanista. **LIHS**. Disponível em: <https://lihs.org.br>. Acesso em: 06/01/2023.

LOPES, Paulo. Ex-astrologa adverte que a astrologia pode causar danos. **Blog Paulo Lopes: São Paulo**. Disponível em: <https://www.paulopes.com.br/2016/03/cetica-ex-astrologa-adverte-que-astrologia-nao-eh-inofensiva.html#.Y-o87cLMI2y>. Acesso em: 15/01/2023

LUTZ, CATHERINE A. (1998). “The Cultural Construction of Emotions”. In: **Unnatural Emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to western theory**. The University of Chicago Press, Chicago.

MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular – Antigo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

MAHMOOD, S. (2019). Razão religiosa e afetos secular: uma barreira incomensurável?. **Debates Do NER**, 2(36), 17–56.

MARIZ, Cecília. O que precisamos saber sobre o censo para falar sobre os seus resultados? Um desafio para novos projetos de pesquisa. **Debates do NER** (UFRGS. Impresso), v. 14, p. 39, 2013.

MARTINS, P. L.. Ciberateísmo: religião e ateísmo em tempos de rede. **TEOLITERÁRIA: REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURAS E TEOLOGIAS**, v. 8, p. 266-296, 2018.

MICHEELSEN, Arun. “I don’t do systems”: an interview with Clifford Geertz. **Method & Theory in the Study of Religion**, Vol. 14, No. 1, pp. 2-20, 2020

MILLER, Daniel; ELISABETTA, Costa; NELL, Haynes et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. Londres: UCL Press, 2019.

MINOIS, Georges. **História do Ateísmo. Os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias**. Tradução de Flavia Nascimento Falleiros. São Paulo: Unesp, 2014.

MOHLER JUNIOR, Albert. Outing Atheists—Richard Dawkins Launches New Campaign. **Albert Mohler**, Florida, EUA. Disponível em: <https://albertmohler.com/2007/08/06/outing-atheists-richard-dawkins-launches-new-campaign-2>. Acesso em: 06/01/2023.

MONTERO, Paula and DULLO, Eduardo. Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista. **Novos estud. - CEBRAP [online]**, n.100, pp.57-79, 2014.

MONTERO, P.; GIRARDI, A. . Religião e laicidade: duas categorias em construção. **REVER: REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO**, v. 20, p. 85-100, 2019.

MOREIRA, Leonardo. **Ainda Encantados? Neoateísmo e Desencantamento do Mundo**. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, São Paulo, 2014.

NOVAES, R. C. R.. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 52, p. 321-330, 2004.

PR.WANDERSON E MICHELE. Balão com ar ungido e profético apenas 500 reais. **Youtube**, (02m58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2HqsyRWzFgw>. Acesso em: 17/01/2023.

OVERING, J. “The Efficacy of Laughter. The Ludic Side of Magic Within Amazonian Sociality”, in OVERING, Joanna & PASSES, Alan (ed.), **The Anthropology of Love and Anger. The Aesthetics of Conviviality in Native Amazonia**. London/NewYork, Routledge, 2000, pp. 64-81.

QUINTANILHA, R. **Quando a religião não é (não pode ser) mais unânime: uma etnografia das práticas discursivas dos ateístas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em antropologia) – Universidade Estadual de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018.

REDAÇÃO. Problemas de saúde mental podem atingir todas as faixas etárias. **Jornal da USP**, São Paulo: 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/problemas-de-saude-mental-podem-atingir-todas-as-faixas-etarias/#:~:text=mental%20e%20emocional.-,Segundo%20a%20OMS%2C%20a%20depressão%20e%20a%20ansiedade%20aumentaram%20mais.país%20mais%20ansioso%20do%20mundo>. Acesso em: 06/01/2023.

REEVES, Dara. Passando a sacolinha – Tim Tones. **Youtube**, 1 vídeo (5min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a6RGsSFcd_U. Acessado em: 06/01/2023.

REVOREDO, Nubio. Chico Anysio: Tim Tones - Racismo (1984). **Youtube**, 1 vídeo (5:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dEwT9qcDhIw>. Acesso em: 06/01/2023.

REZENDE, Claudia B. & COELHO, M. Claudia (2010) **Antropologia das Emoções**. Riode Janeiro: FGV de Bolso.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Medo global. In: **Boletim n. 5 - Cientistas Sociais e o coronavírus**, ANPOCS, 2020. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n5.pdf. Acesso em: 20/11/2022

RODRIGUES, D. S.. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **HORIZONTE: REVISTA DE ESTUDOS DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ONLINE)**, v. 10, p. 1130-1153, 2012.

RODRIGUES, D. S. **Os "sem religião" e a crise do pertencimento institucional no Brasil: o caso fluminense**. Tese (doutorado em ciências sociais) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Sociais::Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2019.

RUSSEL, Ricardo. Bate-papo ateuista #05 : A história da APCE. **Youtube**, 1 vídeo (1h34min11s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n2DFSRh7Ai8&list=PL_TO2F3IvTHnadH93btquJp1d2h0JSG9G&index=5. Acesso em: 06/01/2023.

SEGATA, JEAN. LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Ilha. **Revista de Antropologia (Florianópolis)**, v. 14, p. 238-246, 2012

SILVA, R. F. **A Ciência salvou minha alma: Neoteísmo no YouTube**. Tese (Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2021.

SILVA, Ricardo Oliveira da. **O ateísmo no Brasil: os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI**. 1. ed. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020. 248p .

SAHLINS, Marshall. **Esperando Foucault, ainda**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 80p.

SALIBA, E. T. (2017). **História Cultural do Humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas**. In: **Revista de História**, v. 176, pp. 1-39.

SURRALLÉS, Alexandre. “¿Por qué el humor hace reír? Humor, amor y modestia ritual en la lírica amazónica”, **Amazonia Peruana**, vol. 28-9: 87-102, 2003.

TAYLOR, C. **Why we need a radical redefinition of secularism**. In: *The Power of Religion in the Public Sphere*, NEW YORK: Columbia University Press. 2011

TEIXEIRA, F. L. C.; MENEZES, R. C. (Org.) . *Religiões em Movimento: o Censo de 2010*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 360p .

TESTA, Sabrina Flavia. **Oposição e parte: o movimento ateu e o campo religioso brasileiro**. Tese (doutorado em antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

TRAVANCAS, Isabel. **Por uma antropologia da mídia**. IX Congreso Argentino de Antropología Social. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2008

VERNON, G.M. (1968). The Religious “Nones”: A Neglected Category. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 7(2), 219-229.

VIANNA, Tulio. Direito à blasfêmia. **Folha de SP**, São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/12/direito-a-blasfemia.shtml>. Acesso em: 06/01/2023.

VILLA, Virginia. Four-in-ten countries and territories worldwide had blasphemy laws in 2019. **Pew Research Center**. Washington, USA. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2022/01/25/four-in-ten-countries-and-territories-worldwide-had-blasphemy-laws-in-2019-2/>. Acesso em: 06/01/2023.

WHAT?. Guardiões do Céu. **Youtube**, 1 vídeo (10min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FaU1eofjc60&t=16s>. Acesso em: 06/01/2023.

WOLF, Gary. The Church of the Non-Believers. **Wired**, San Francisco. Disponível em: <https://www.wired.com/2006/11/atheism/>. Acesso em: 06/01/2023.